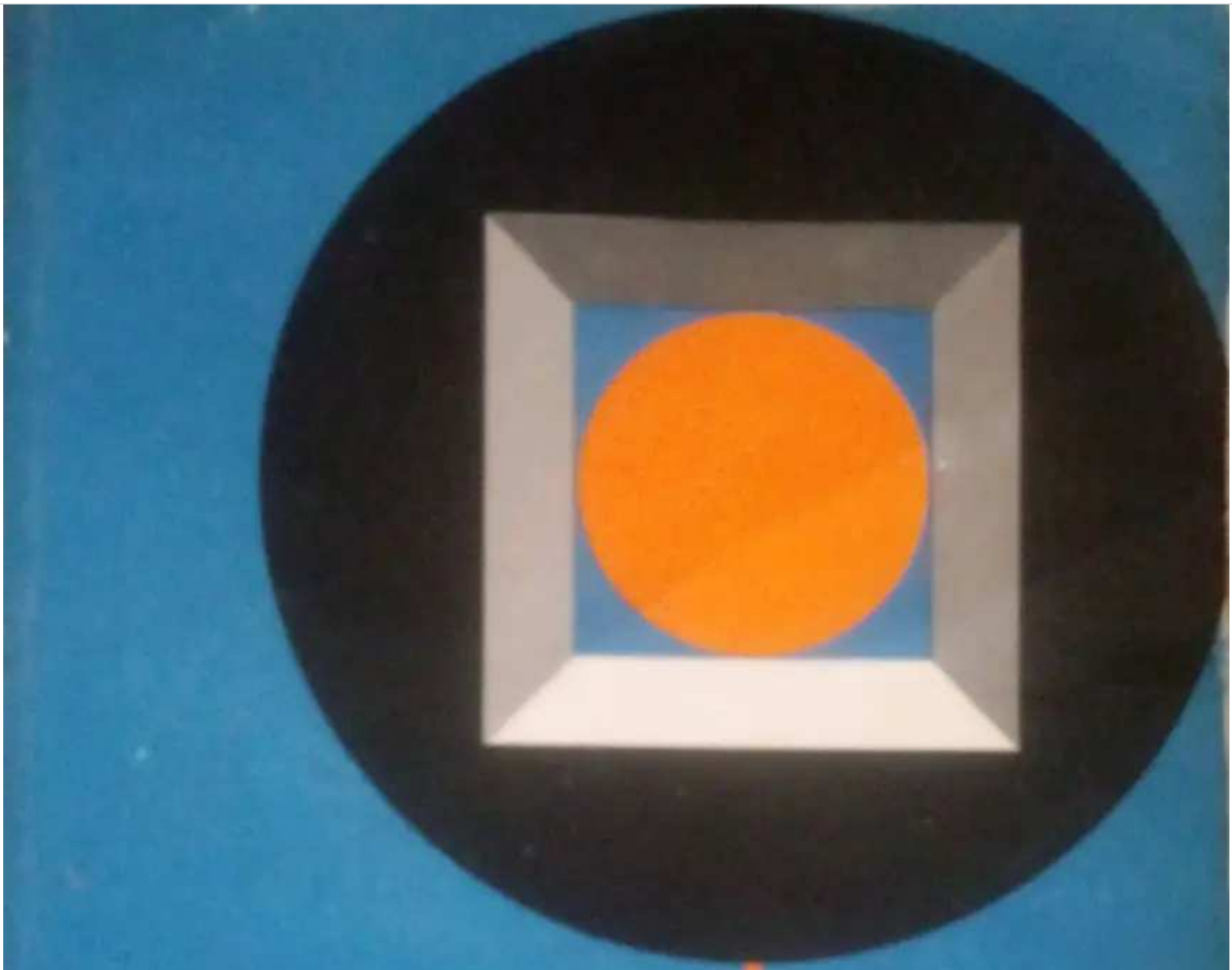


COMPÊNDIO DE INSTRUÇÃO

MORAL E CÍVICA

PLÍNIO SALGADO

FTD

Compêndio de Instrução Moral e Cívica

PLÍNIO SALGADO

COMPÊNDIO DE INSTRUÇÃO MORAL E CÍVICA

5.º EDIÇÃO

EDITORA F.T.D. S.A. Rua do Lavapés, 1023 - C. Postal 30402
Fones: 278-9120, 278-8264 - São Paulo

PRÓLOGO

A Juventude é o penhor mais sagrado da Pátria!
Dela, somente dela, depende o futuro de uma Nação.
Juventude sem ideal é Pátria
sem continuidade,
sem memória
para recordar as glórias do passado
nem força
para realizar a grandeza nacional
em luminoso porvir.
Bendita seja, pois, a Mocidade Brasileira,
que desperta e caminha,
e sonha, e luta
na plenitude da consciência de seu dever
e da sua missão histórica.

PLÍNIO SALGADO

1.ª PARTE

FUNDAMENTOS MORAIS

CAPÍTULO I

ALEGRIA E TRISTEZA

Resumo

A tristeza do homem provém da desarmonia entre as aspirações aos bens materiais e os espirituais.

O homem é um ser composto de Corpo e Alma.

A felicidade do homem só se realiza na perfeita harmonia entre a sua vida temporal e seu destino sobrenatural.

Os bens temporais não constituem um mal, se o seu possuidor a eles não se escraviza.

Em qualquer condição de fortuna ou de trabalho, o homem será feliz, se criar dentro de si a paz de consciência.

A paz de consciência será conseguida pelo cumprimento dos deveres a que o homem se obriga pela sua racionalidade e seu destino.

Vocabulário

SÈVRES - LIMOGES - Célebres fábricas de porcelanas da França. AUBUSSON - GOBELIN - Famosas manufaturas de tapeçaria, chamando-se, por isso, a um produto dessas fábricas "um aubusson, um gobelin". RENASCENÇA - Também se diz "renascimento". Período iniciado no século XV, em que se de-

senvolveu o movimento intelectual e artístico que substituiu as idéias e formas da Idade Média, notadamente na pintura, na escultura, na arquitetura e no mobiliário LUÍS XIV e LUÍS XV - Reis de França, em cujos reinados se realizaram grandes inovações artísticas PERGAMINHOS - Pele de carneiro ou de ovelha, preparada para nela se escrever ou encapar livros Teve grande uso na antiguidade, principalmente no período medieval. ILUMINURAS - Pinturas a cores, geralmente miniaturas, com que eram ilustrados os livros na Idade Média ESCÓCIA - Parte setentrional da Grã-Bretanha IBÉRICAS - Relativo à Península Ibérica (Portugal e Espanha) ITÁLICAS - Relativo à Península Italiana. VETUSTOS - Antigos. MOGNO - Madeira negra muito usada em mobílias. VOLITIVA - Relativo ao poder deliberativo do homem. BOÉCIO - Filósofo do século V.

Aquele homem que vai no seu carro de luxo, o motorista de libré, com luvas escorreitas, leva um ar distraído; não percebe os transeuntes a olhá-lo, nem esses olhares de mudos comentários. A maior parte de quantos o observam supõe-no imensamente venturoso. Deve — imaginam os ambiciosos e invejosos dos bens terrenos e das glórias fáceis — residir num belo palacete, cujas escadas de mármore, ensombradas pelas árvores do parque, levam ao portão largo, trabalhado por finos artistas. Nos interiores residenciais amplos salões alcatifados por tapetes persas, ostentam, entre nobres jarrões chineses e peças raras de SÈVRES ou LIMOGES, quadros ilustres de pintores célebres, ou ricas tecituras paisagísticas de *Aubusson*, de *Gobelin*. Sobre a mesa de estilo Renascença, ou talvez uma dessas maravilhas do tempo de Luís XV, ou Luís XIV, o homem do carro de luxo negligentemente folheia as edições mais célebres de obras universais ou pergaminhos onde os séculos puseram delicadas iluminuras e vinhetas de ouro. Numa peça contígua à biblioteca e à saleta de jogos, um *garçon* de impecável uniforme, junto ao balcão e as prateleiras, serve aos convivas, quando recebidos, tudo o que, em matéria de bebidas, mandam a velha Escócia, as capitosas vinhas ibéricas e itálicas, e a química preclara dos vetustos mosteiros que, de geração em geração, aprimoram seus licores exímios. Nem vale a pena percorrer todas as dependências da casa, nem mesmo examinar, no refeitório, as pratas reluzentes que iluminam a mesa e os aparadores de mogno. Basta o que foi descrito pela imaginação invejosa, para se concluir que o homem do carro de luxo é plenamente venturoso.

Entretanto, ele não é feliz. Está triste, seu coração inquieto, sua alma penetrada por funda melancolia e corroída por insatisfação torturante. Por quê?

Talvez nem ele mesmo saiba que a felicidade do homem é o resultado de um perfeito equilíbrio entre suas aspirações aos bens materiais e espirituais, entre os deveres que lhe são impostos por sua natureza e finalidade e os direitos que lhe são outorgados em razão dessa própria natureza e como um meio para que possa cumprir os seus deveres.

Para se saber o que seja a felicidade do homem, é necessário, antes de tudo, saber o que é o mesmo homem. Que é esse misterioso ser, único em toda a criação que possui raciocínio, capacidade volitiva e o poder de imaginação, que o torna participante da obra criadora de Deus?

O homem é constituído de Corpo e Alma. Não é apenas Corpo, nem apenas Alma, mas as duas coisas segundo a definição de Boécio: dualidade consubstancial, exprimindo-se numa unidade substancial.

Tanto assim, que o Cristianismo baseia todo o edifício da sua crença na ressurreição dos mortos, a principiar pela do próprio Cristo. É chamado o corpo "TEMPLO DE DEUS" e, na realidade, o é.

Cumpre sabermos, portanto, o que concerne à Alma e o que concerne ao Corpo e harmonizar os dois mundos: o espiritual e o material, regendo-se este pelas leis que aquele lhe determina e mantendo-se aquele atento às legítimas necessidades deste.

Quando se estabelece a perfeita harmonia desses dois mundos, diferentes quanto à natureza de seus objetivos, mas unidos quanto à comum finalidade, então o homem pode se julgar feliz.

A felicidade é, antes de tudo, uma noção de limites. A transgressão de tais fronteiras gera a insatisfação, as inquietações, a tristeza surda das consciências perturbadas.

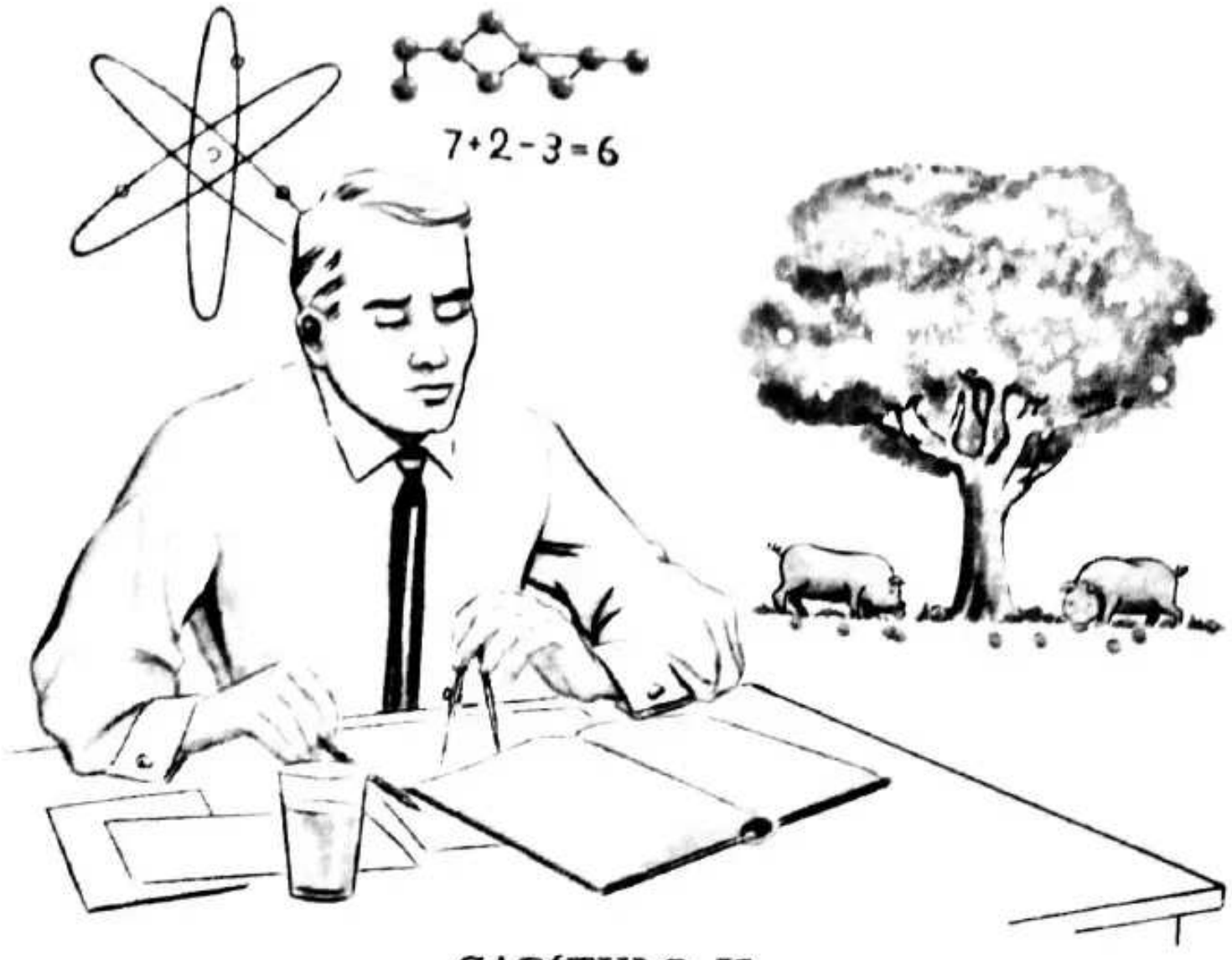
Por isso, nem sempre a riqueza, o conforto, o luxo, o poder e a glória, por si sós significam a felicidade do homem. Os bens temporais que alguém possua lícitamente não constituem um mal em si mesmos, desde que o seu detentor a eles não se escravize nem os coloque acima das aspirações do espírito e dos deveres para com o próximo e para consigo mesmo.

Em qualquer condição de fortuna ou de trabalho, se o homem souber equilibrar a sua vida moral nos limites de suas necessidades espirituais e materiais,
ele gozará a paz interior,
não será ferido pelo dente da inveja,
não será abrasado pelo fogo das ambições desordenadas,
não será aguilhoado pela ira e pelo ódio,
não se ressecará no deserto da avareza,
não se amolecerá na tepidez da preguiça,
não apodrecerá nos pântanos da sensualidade.
Sofrerá, com paciência, o que lhe for adverso,
receberá os êxitos sem orgulho,
encontrará encanto no trabalho e uma suave alegria será sua companheira em todas as circunstâncias.

Esse homem feliz — que pode mesmo ser aquêle que apresentamos no seu carro de luxo — será temente a Deus, amará sua Pátria, cultuará as virtudes familiares, servirá o seu povo, defenderá os direitos humanos e será consciente de seus deveres.

QUESTIONÁRIO

1) Donde provém a tristeza do homem?
2) Como é constituído o homem?
3) Como se realiza a felicidade do homem?
4) Quando será feliz o homem?
5) De que vantagens gozará o homem de vida moral equilibrada?
6) Como será conseguida a paz de consciência?



CAPÍTULO II

DEVERES E DIREITOS

Resumo

O Dever existiu primeiro do que o Direito, pois é uma decorrência da finalidade do Homem.

Conhece-se a finalidade das coisas criadas pela sua substância, atributos e características.

Se assim acontece com todos os seres, com muito mais razão devemos aplicar esse critério ao Homem.

O Homem é o único ser racional, possuindo poder de raciocínio, imaginação e vontade. Tem, portanto, uma finalidade superior, que está em Deus.

Para atingir essa finalidade, tem o Homem de cumprir os deveres referentes à sua condição biológica, suas relações sociais, seu convívio nacional e internacional, seu conhecimento dos princípios morais e sua destinação espiritual.

Os Direitos Humanos constituem um meio para garantir o cumprimento dos Deveres.

Quando numa Nação todos clamam por Direitos, esquecendo-se dos Deveres, os Direitos tornam-se ineficazes e tendem a desaparecer.

Vocabulário

INERENTE - Unido intimamente. Qualidade ou propriedade de qualquer pessoa ou coisa. **ESPÉCIE** - Em biologia, é o conjunto de indivíduos qualitativamente idênticos. **GÊNERO** - Reu-

nião de espécies que se assemelham pelos seus caracteres essenciais. FACULDADE - Poder ou meio de fazer alguma coisa. ATRIBUTO - O que é próprio ou peculiar de alguém ou de alguma coisa. ANATÔMICA - Referente a anatomia, ciência que tem por fim conhecer a estrutura dos seres organizados e as relações de seus órgãos. Diz-se também, em relação à forma exterior dos seres, acepção muito usada em pintura e escultura. BIOLOGICAMENTE - Consideração sob o ângulo da biologia, ciência que investiga os fenômeno v'tais comuns a todos os seres vivos. FISIOLOGICAMENTE - Consideração sob o ângulo da fisiologia, ciência que estuda os órgãos e tecidos em sua atividade vital. ZOOLÓGICA - Referente à zoologia, ciência que estuda o reino animal. GÊNESIS - O primeiro dos livros que constituem o Antigo Testamento. QUATERNÁRIOS - A geologia, ciência que estuda as estruturas da terra, classifica as diversas camadas de terrenos em eras: a primária, a secundária, a terciária e a quaternária. Foi na terciária que apareceram os mamíferos, mas o homem surge apenas na quaternária.

Que existiu primeiro? O Dever ou o Direito?

Sendo o Dever inerente à finalidade das coisas criadas, ele surge no próprio momento da criação. Exemplifiquemos, começando pelos seres inconscientes. Se uma árvore tem por finalidade produzir determinados frutos, o seu dever é produzi-los e se o não faz é porque alguma coisa a impede, uma vez que a árvore, não possuindo consciência, não pode por si mesma deliberar. A qualidade dos frutos a serem produzidos nós o sabemos de antemão, pelo conhecimento que temos da espécie e gênero vegetais, revelados pelas características da planta. Assim, conhecemos os deveres de tudo quanto existe, pela substância, forma e peculiaridades apresentadas por aquilo que observamos. Vendo uma lâmpada elétrica, sabemos que se destina a iluminar; vendo um automóvel, sabemos que se destina à locomoção.

Nos casos apresentados, estamos usando a palavra dever, apenas para dar uma idéia da íntima vinculação dos atos do ser, inconsciente ou consciente, às características com que foi criado, determinantes de sua finalidade, pois é claro que nem a árvore, nem a lâmpada, nem o automóvel estão sujeitos às leis morais a que se subordina o Ser Racional.

Os deveres do Homem, portanto, antecederam os seus Direitos. E para conhecermos tais deveres, basta aplicar o critério que aplicamos à observação de todos os seres.

Vejamos quais as faculdades, os atributos, os caracteres com que se apresenta o Homem. Biologicamente, ou fisiologicamente, ele não difere de todos os outros animais, exceto no que se refere à forma exterior anatômica. Mas, entre o animal mais aperfeiçoado da escala zoológica e o Homem, existe uma distância imensa. Essa distância pode ser calculada mediante um raciocínio simples: enquanto os outros animais não sabem que 2 mais 2 são 4, o Homem sabe, e sabe mais ainda, pois conhece a matemática, desenvolve seus cálculos desde a aritmética, a álgebra, a geometria, a trigonometria, até a astronomia. Conhece a distância que separa os planetas e as estrelas, nos infinitos espaços, como conhece os segredos dos átomos e sua misteriosa dinâmica. Quer dizer que o Homem é um ser raciocinante, que produz pensamentos matemáticos.

Além disso, o Homem é dotado do poder de imaginação. Por meio dele, exerce uma ação criadora. O escultor toma um bloco de mármore, que contém todos os lineamentos representativos dos seres, e liberta as linhas que lhe convêm, criando a estátua de um deus, ou a figura de um monstro. O cientista investiga e descobre as leis que regem o mundo físico e utiliza-se delas para as prodigiosas invenções como as de nosso século: o avião, o rádio, a televisão, os satélites artificiais, a bomba atômica. O escritor, em prosa ou verso, cria mundos maravilhosos.

Dessas duas faculdades — raciocínio e imaginação — decorre o poder volitivo do Homem, isto é, ele se governa por sua própria vontade, deliberando sobre os atos que pratica e decidindo do seu próprio destino.

Por conseguinte, a palavra dever, que empregamos apenas figuradamente em relação aos demais seres, adquire, com referência ao Homem, o exato significado, pois o Ser Humano pode desviar-se, pela liberdade que lhe outorgam o raciocínio, a imaginação e a vontade, das obrigações que lhe competem na ordem da Criação.

O Homem foi criado no último dos seis dias do Gênesis, o que ensinam as Sagradas Escrituras, hoje confirmadas pelo estudo das camadas geológicas onde as ossadas humanas só aparecem nos terrenos quaternários. Com ele completou-se a obra do Criador, pois se o Universo existisse, sem o Homem, era como se não existisse, porque não tomaria conhecimento da sua própria existência. Con-

clui-se que Deus criou o Homem para que ele fosse na escala biológica, a consciência do Universo.

Tudo isto considerado, e possuindo o conhecimento integral do Ser Humano, fácil nos é perceber a sua finalidade, pois nada existe neste mundo que não tenha uma finalidade. Por que essa consciência? Por que essas faculdades excepcionais Para que o Homem, tomando conhecimento das coisas criadas, louve o seu Criador e realize nele a sua própria felicidade.

Se essa é a finalidade do Homem, ela lhe impõe Deveres, que poderemos classificar como de ordem biológica, ordem social, ordem nacional, ordem internacional, ordem moral e ordem espiritual.

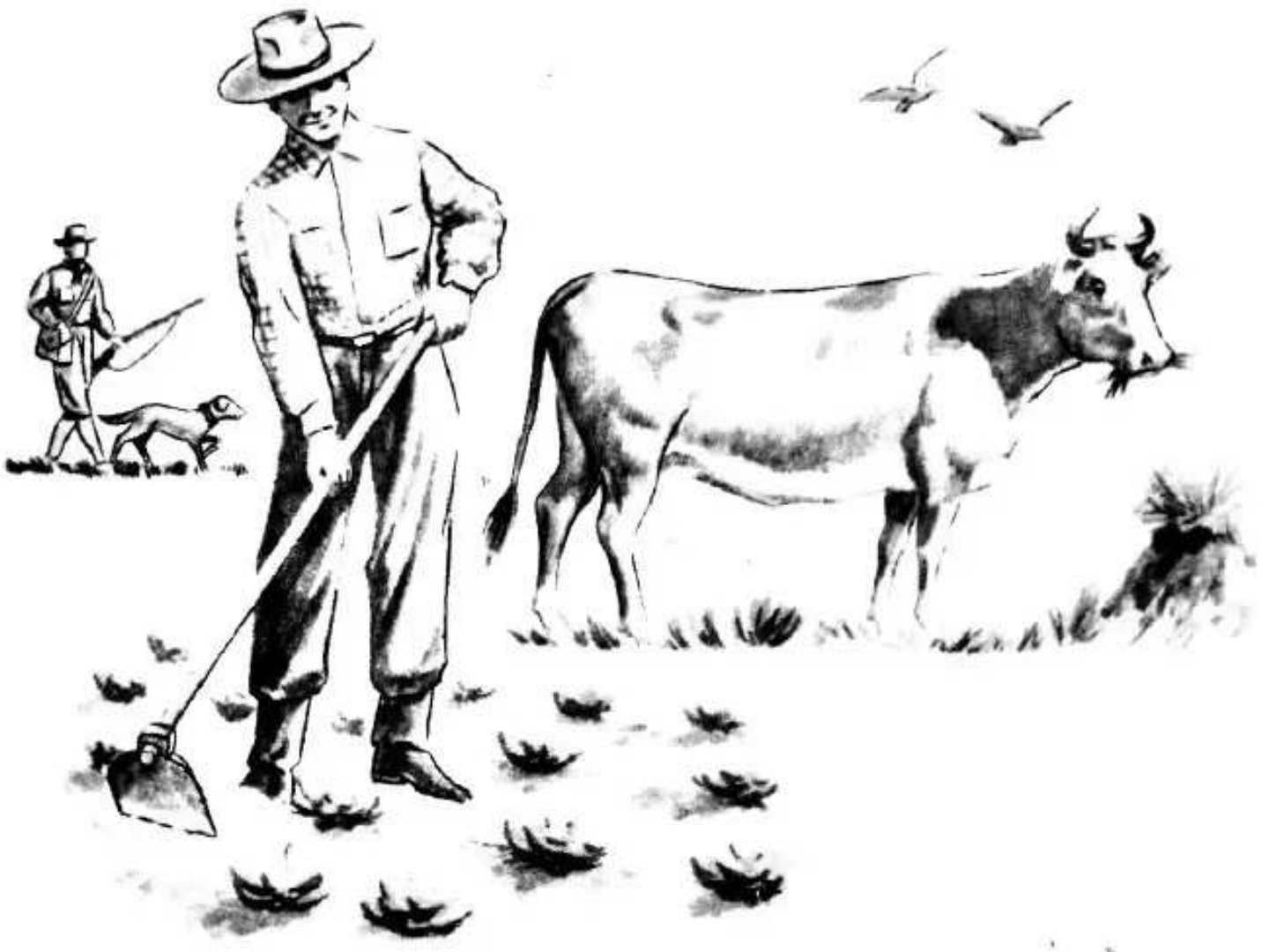
No capítulo seguinte, examinaremos tais Deveres. Mas, perguntamos agora: e os Direitos?

Os Direitos Humanos são uma conseqüência dos Deveres. Sem liberdade, o Homem não poderia cumprir seus Deveres. Portanto, os Deveres geram os Direitos e é no exercício destes que o Homem não é impedido do cumprimento daqueles. A decadência de uma Sociedade ou de uma Nação se revela todas as vezes que os indivíduos clamam somente por Direitos e se esquecem dos Deveres, o que significa praticamente o desaparecimnto daqueles, que não podem ser prodigalizados com maus juízes, maus administradores e maus funcionários.

Deveres e Direitos estão intimamente ligados, aqueles como meios de atingir uma finalidade, estes como meios do cumprimento daqueles.

QUESTIONÁRIO

1) Por que o Dever existiu antes do Direito?
2) Como se conhece a finalidade das coisas criadas?
3) Por que tem o homem uma finalidade superior?
4) Como atingirá ele essa finalidade?
5) Que resulta, para uma Nação, do esquecimento dos Deveres?



CAPÍTULO III

AS DIVERSAS ORDENS DE DEVERES

Resumo

O homem está sujeito a deveres para consigo mesmo, para com a Família, o Próximo, a Sociedade, a Nação, a Comunidade Internacional.

Abrangendo todos esses deveres, está o dever moral e espiritual.

O Homem é um Ser racional e da sua racionalidade procedem seus deveres e direitos. Tem o dever de preservar sua vida e conduzi-la por si mesmo, evitando a transgressão das leis divinas.

O dever para com a Família consiste na ajuda mútua dos pais, na dedicação destes para com os filhos, no respeito e obediência dos filhos para com seus progenitores.

O dever para com o Próximo exige de nós socorrer e ajudar os necessitados que se puserem em nosso caminho, trazendo sofrimentos físicos ou morais.

O dever para com a Sociedade significa a nossa contribuição para o seu aprimoramento em virtudes e saber.

O dever para com a Nação resume-se em preservar as instituições, as leis do Estado e os costumes contra tudo o que ferir os princípios de que decorrem os legítimos Direitos e Deveres Humanos, ao mesmo tempo servindo-a com dedicação, na paz ou na guerra.

O dever para com a Comunidade Internacional reclama de nós o acolhimento cordial dos nossos semelhantes oriundos de todos os países assim como o nosso esforço pela manutenção da paz entre as nações.

VOCABULÁRIO

BIOLÓGICO - Relativo a biologia, ciência da vida. NATIVOS - Produzidos pela ação da natureza, sem intervenção do homem. OUTORGOU - De outorgar, isto é: conceder, facultar, dar. DOM - Presente, dádiva. PECADOS CAPITAIS - São eles: soberba, avareza, luxúria, inveja, gula, ira e preguiça. - PRINCÍPIOS - Empregado no sentido de preceito, regra, lei. GRUPOS NATURAIS - Reunião de pessoas visando finalidade comum. D. DUARTE - Rei de Portugal, filho de D. João, Mestre de Avis; grande estadista e escritor.

Os Deveres do Homem se classificam na seguinte ordem:

1.º) — Dever para consigo mesmo;
2.º) — Dever para com sua Família;
3.º) — Dever para com o Próximo;
4.º) — Dever para com a Sociedade;
5.º) — Dever para com a Nação;
6.º) — Dever para com a Comunidade Internacional;
7.º) — Dever moral e espiritual.

O *Dever para consigo mesmo,* assim como o dever para com a Família, poderemos chamar biológico, pois está intimamente ligado à subsistência e manutenção da vida e propagação da espécie humana.

O Homem é o único ser que nasce nu e desarmado. É tão dependente que, nos anos iniciais de sua existência, não sabe alimentar-se nem se locomover. Entretanto Deus lhe deu o dom da inteligência e, por meio dele, o Homem se veste melhor do que os animais cobertos de pêlos e as aves enfeitadas de plumas. E, com essa mesma inteligência, arma-se mais do que o leão com suas garras, o touro com suas aspas, o elefante com sua força.

Os irracionais encontram fácil alimento, caçando ou provendo-se dos vegetais nativos. O Homem usa da inteligência, promove a agricultura, organiza os rebanhos, utiliza-se dos minerais, engendra indústrias.

Dando-lhe a inteligência, Deus deixou ao Homem o governo de si mesmo e o provimento de suas necessidades. Ainda pela inteligência, o Homem toma conhecimento de si próprio, de sua origem, de seu destino, do que precisa para manter a vida que o Criador lhe outorgou e dirigi-la no sentido de sua finalidade suprema.

A vida é um dom de Deus, que foi confiado ao Homem, como aos demais seres viventes, mas com uma diferença: os irracionais são cuidados pelo próprio Criador, ou pelo Homem, a quem foram confiados, ao passo que o Homem tem de cuidar de si mesmo, prezando o dom recebido e procedendo de modo a sustentá-lo e enriquecê-lo.

O grande inimigo da vida humana, tanto no que se refere ao temporal, como ao espiritual, é a transgressão das leis divinas.

Para defender-se desse mortal adversário, o Homem deve armar-se com as virtudes a ele opostas. Os chamados "pecados capitais" são hoje considerados pela ciência como agentes de destruição do corpo. Por conseguinte, evitá-los é cumprir um dever para consigo mesmo, não só no que se refere aos fins espirituais, mas também aos corporais, mantendo a saúde física tão intimamente ligada à saúde da alma.

O *dever para com a Família* obedece aos desígnios de Deus no sentido da manutenção da espécie humana. Para cumpri-lo o Homem une-se à Mulher e funda o lar doméstico. Mas enquanto os outros animais se unem por instinto, o casal humano se une por amor. Ora, como segundo nos ensinou Cristo, *amar é servir,* os esposos assumem recíprocos deveres: o esforço pela mútua compreensão, a ajuda nos trabalhos que a cada um incumbe, a assistência nas enfermidades e nas adversidades e, ambos, as obrigações relativas à criação, educação e encaminhamento, na vida, dos filhos que houverem. Ao mesmo tempo, os filhos, unidos a seus pais por esse mesmo amor que vivifica o lar, assumem deveres para com os progenitores: o da atenção e respeito por seus conselhos, o da obediência a suas determinações.

O *dever para com o Próximo* é um preceito cristão. Convém notar que nos Evangelhos, não se encontram uma só vez mencionadas as expressões "coletividade", "humanidade", ou outras que de modo vago pretendem referir-se

ao Homem. Encontramos, entretanto, repetidas vezes, a palavra "próximo", o que está mais de acordo com as limitações humanas. O próximo é o "outro", semelhante a nós, passível como nós de sofrimentos e necessitado das mesmas coisas de que precisamos. Ele é posto em nosso caminho e nosso dever é socorrê-lo, ajudá-lo, tanto em bens materiais como nos espirituais.

O *dever para com a Sociedade* a que pertencemos é o de concorrer para seu maior aperfeiçoamento em virtudes e no que diz respeito ao seu progresso material, científico e artístico. Não podemos egoisticamente nos isolar do meio em que vivemos, mas participar dos esforços de todos pelo predomínio da Verdade, do Bem e da Beleza, essas três expressões de uma única realidade que é o sentido da harmonia universal.

O *dever para com a Nação* está em tudo fazermos pelo seu engrandecimento material e moral, pela permanência nela dos princípios de que decorrem os direitos humanos, a intangibilidade do Homem, da Família, dos Grupos Naturais, velando pela manutenção do equilíbrio entre os conceitos de Liberdade e Autoridade, Direitos e Deveres, Bem Particular e Bem Público.

Ao Estado, instrumento da Nação para manter a ordem interna e as relações externas, não podemos negar tudo o que for justo e não atente contra as liberdades humanas. Para o seu funcionamento somos obrigados a votar nas eleições que se realizarem, prestar serviço militar, servir nos tribunais do júri, pagar impostos, submetermo-nos às suas leis e regulamentos.

Serviremos, assim, a Nação, à qual daremos nosso trabalho nos dias de paz e, se preciso, a nossa própria vida se ela estiver empenhada em guerra.

O *dever para com a Comunidade Internacional* define-se como a obrigação que temos — principalmente nos países de imigração como o Brasil — de acolher com generosidade todos os seres humanos, sem preconceitos de raça, de religião, de nacionalidade, contribuindo ao mesmo tempo no sentido de manter a paz entre os povos.

Finalmente o dever moral e espiritual, que abrange todos os outros, leva-nos a trabalhar, pela palavra e pelo exemplo até mesmo pelo sacrifício, a fim de que o Ho-

mem, a Família, o Próximo, a Sociedade, a Nação, a Comunidade Internacional sejam vivificadas pelas forças do espírito e se realizem plenamente segundo suas faculdades e fins para que foram criados.

Sobretudo aos que se dedicam à vida pública, impõe-se o dever das atitudes e procedimentos corretos, quer no exercício dos cargos ocupados, quer no convívio social e vida particular. Já dizia o Rei D. Duarte, no seu livro "Leal Conselheiro": *"Do exemplo dos grandes, colhem os pequenos o seu fruto"*, o que significa que o povo tem os olhos voltados para os seus dirigentes, justificando suas próprias omissões ou transgressões das leis morais, pelas normas de conduta dos que o governam.

QUESTIONÁRIO

1) Quais os principais deveres do Homem?
2) Como ser racional, como preserverá o homem sua vida?
3) Explique em que consiste o dever para com a Família? o Próximo? a Sociedade? a Nação? a Comunidade Internacional?
4) Qual é o grande inimigo da vida humana?
5) Como deve ser entendido o dever moral e espiritual?

CAPÍTULO IV

A FAMÍLIA

Resumo

Nessa pequena república que chamamos Família, o homem e a mulher exercem seu primeiro magistério e sua primeira magistratura, pois lhes compete serem os primeiros mestres na educação dos filhos e exercerem a autoridade no lar.

Os pais devem formar os corações de seus filhos para os nobres ideais e grandeza do caráter.

Nenhum Estado ou Governo pode, sem transgredir o Direito Natural, as leis divinas e humanas, interferir no sentido de abolir ou enfraquecer a autonomia da Família.

Os pais têm o direito de escolher a escola para seus filhos, razão pela qual o ensino não deve ficar circunscrito ao âmbito do Estado, mas ampliar-se pela escola particular.

A Família perfeita decorre do matrimônio perfeito, pelo que é preciso que a mocidade possua consciência da responsabilidade que assume na realização do casamento.

Vocabulário

MAGISTÉRIO - Mister de professor. **MAGISTRATURA** - Chamava-se em Roma magistratura toda função cujo titular era investido de autoridade. Ainda que a palavra comumente seja

usada para designar a função dos juízes, ela tem também a significação do exercício de qualquer autoridade. É comum dizermos do Presidente da República que ele é o primeiro magistrado da Nação. COMPLEXO - Palavra empregada modernamente para significar a influência, no subconsciente, de determinadas impressões que muitas vezes passam despercebidas pelo raciocínio lógico. DIREITO NATURAL - Diz-se dos direitos inerentes à própria natureza humana. PROGENITORES - O mesmo que pais. OPTAR - Decidir-se, escolher.

A Família é uma pequena república, onde o homem e a mulher exercem seu primeiro magistério e sua primeira magistratura.

Primeiro magistério, porque os filhos, antes de irem para a escola, devem ser educados por seus pais, que lhes incutem, desde a idade mais tenra, as noções dos deveres, as superiores aspirações na vida, os sentimentos de amor a Deus e à Pátria. É justamente quando a criança começa a discernir e a fazer perguntas a propósito de tudo, a ocasião mais propícia aos ensinamentos sadios. É a ocasião de lhe explicar os mistérios da natureza, com a linguagem simples e apropriada ao seu entendimento. É a ocasião de lhe serem contadas histórias que exaltem as virtudes, despertando, no pequenino ser, o desejo de um dia praticá-las.

Chegado o momento de mandá-la à escola, os mestres já encontrarão terreno fertilizado para lançar a semente da educação. Os alunos mais aplicados e de melhor comportamento são aqueles que tiveram a ventura de crescer num lar onde os pais tiveram a consciência da sua responsabilidade perante Deus e a Nação.

Esse magistério é exercido também pelo exemplo. Enganam-se os que julgam não ter a criança discernimento para entender certas conversas dos grandes. Numa casa onde os assuntos são negócios, muitas vezes ilícitos, exibições de luxo, preocupações exclusivamente materiais e onde nunca se ouve falar de idealismo, de nobreza de caráter, de engrandecimento das pessoas pelo sacrifício e tenacidade no trabalho, as crianças e os adolescentes se preparam para ser homens e mulheres inúteis e até nocivos à sociedade.

Corre hoje o preconceito de que a educação antiga, afetuosa mas severa, criava complexos insanáveis da idade adulta produzindo homens tímidos, indecisos, introver-

tidos, incapazes de triunfar na vida. Nada mais falso. Pela educação tradicional brasileira, se formaram crianças que um dia se chamaram *Caxias, Osório, Tamandaré, Barroso, Nabuco, Rui Barbosa.* A aceitar o argumento que hoje prepara os futuros *"play-boys"*, esses grandes vultos da nossa História deveriam ter sido idiotas, complexados, e não as personalidades cheias de grandeza que foram.

Aos pais compete, portanto, o magistério inicial que precede o da escola. Mas além de tal prerrogativa e impositiva missão, cabe ao pai e à mãe de família exercer grave magistratura, exigida pelo Direito Natural e pelas leis divinas e humanas: a da autoridade familiar.

Nenhum Estado, nenhum Governo pode nela interferir, como acontece nos países comunistas, onde as crianças estão sob a guarda dos progenitores somente até certa idade, sendo entregues às autoridades estatais que lhes designam a escola e até a profissão futura. Em nosso País, os pais escolhem livremente a escola para seus filhos e os encaminham de acordo com a vocação revelada no lar, sendo os brasileiros livres para optar pela carreira que mais lhes agrada.

Dizemos, pois, que a Família é autônoma e auto-determinativa. É o primeiro dos grupos naturais criados pelo Homem para o cumprimento de seus deveres e defesa de seus direitos. Dessa liberdade decorre a existência da escola particular, que deve ser mantida a fim de que não seja ferido o direito de livre escolha pelos chefes de família. Suprimir, ou subordinar, aos critérios da escola pública, a escola particular, é dar o primeiro passo para a estatização da Família e o início da sua destruição.

Entretanto, acima das ilegítimas interferências do Estado, colocamos a própria disposição dos cônjuges, quando se unem pelo casamento. Se a Família é a célula fundamental de uma Nação, cumpre preparar a mocidade para o matrimônio. É o que veremos no capítulo próprio.

QUESTIONÁRIO

1) Como devem exercer os pais o seu "magistério"?
2) A educação familiar se repercute na escola? Como?
3) Como se entende o exercício da magistratura familiar?
4) Têm, os pais, o direito de escolha da escola para seus filhos? Por quê?
5) Qual o resultado da estatização da família?

CAPÍTULO V

PREPARAÇÃO PARA O CASAMENTO

Resumo

Excetuados os casos das vocações religiosas, a tendência natural do homem e da mulher é para o casamento.

O matrimônio não deve ser o resultado apenas das impressões dos sentidos, mas a união dos espíritos visando um objetivo comum.

Antes de se casarem, devem os jovens se conhecer e compreender, sem o que não haverá estabilidade na convivência dos esposos.

O amor verdadeiro, como nos ensinou Cristo, é aquele que serve; amar é servir. Não havendo temperamentos iguais e provindo os noivos de famílias de hábitos diferentes, cada qual deve inspirar-se na renúncia quotidiana de seus caprichos, o que determina o encontro de uma linha de perfeita harmonia.

A mulher preparada para o casamento deve procurar ser exímia nas prendas domésticas, colaborar com seu marido e estimulá-lo nas atividades de sua profissão e de seus ideais superiores. O homem que igualmente se prepara para casar deve ser colaborador e animador de sua mulher nas funções domésticas, na educação dos filhos, no comando do lar, guiado sempre pelo espírito cristão.

O casamento não é apenas um contrato bilateral em que pactuam duas partes; há um terceiro interessado, que são os filhos e, conseqüentemente a própria Nacionalidade. Por isso ele é indestrutível e dessa indestrutibilidade decorre a permanência, a dignidade da Família.

VOCABULÁRIO

TROPISMO - Crescimento numa determinada direção. EUFORIA - Estado de um indivíduo que se sente bem e contente. OVÍDIO - Poeta latino do tempo do imperador Otávio Augusto. Nasceu em 43 A.C. e morreu no ano 16 da nossa era. MADAME DE STAEL - Escritora francesa. Nasceu e morreu em Paris (1766-1817). ESTÉTICA - Artística. DECORAÇÕES - Arranjo ou disposição artística dos objetos. CULINÁRIA - Relativo a cozinha. Arte de cozinhar. - EUCARISTIA - Sacramento da Igreja. Presença de Cristo nas espécies do pão e do vinho. EPITALÂMICO - Relativo a epitalâmio, poema cantado por ocasião das núpcias. BILATERAL - De dois lados.

O amor recíproco entre o homem e a mulher está nos planos divinos. A exortação bíblica *"crescei e multiplicai-vos"* precisava de um estímulo e o estímulo é o amor. Ao alvorecer da juventude, esse sentimento representa qualquer coisa de maravilhoso, como a descoberta de uma ilha verdejante, o encanto pelas seduções da natureza. Tudo se transfigura e se ilumina por uma luz estranha quando os corações pulsam um para o outro e o imperativo tropismo de dois seres reclama a aproximação dos corpos e das almas.

Excetuando-se os casos das vocações religiosas, que atraem o ser humano para finalidades que transcendem os limites da vida terrena, a tendência natural do homem é procurar a sua mulher e a desta a de procurar o seu esposo.

Mas é preciso distinguir o que representa simples atração dos instintos, sob a impressão da beleza física, e o que representa sentimento, ou compreensão de afinidades temperamentais, espirituais e de identidade de vocação para a vida doméstica e a vida social.

No primeiro caso, a união de dois seres não sai do domínio das impressões e, por conseguinte é precária, efêmera, e desaparece com o andar dos anos e o desfiguramento dos dotes físicos de cada um. No segundo caso, a união é duradoura. Resiste às contingências e injúrias do tempo

à consideração de defeitos ou às interpretações da vida que estabelecem divergências entre o casal; manifesta-se pela compreensão da personalidade de cada um; exprime-se pela assistência recíproca nas adversidades e pela participação na alegria, quando ocorrem acontecimentos felizes.

O período do *namoro* é um desabrochar de flores, é a explosão da primavera, o nascer da alvorada, os cânticos da passarada, o ardor da juventude. Mas é nesse período que os namorados se devem reciprocamente examinar, para verificar se suas tendências se encaminham para um objetivo único, se seus modos de ser se conformam a uma harmonia indispensável à união perfeita.

O segundo período é o do *noivado*. Decidida a escolha, não devem os jovens se entregar unicamente ao prazer da adorável companhia, em reuniões e festas, em passeios e distrações onde impera a euforia dos corações na plenitude da ventura em que se encontram. É a fase das confidências mais íntimas, da confissão dos ideais, da declaração dos princípios morais de cada qual, da revelação dos planos para o futuro, do acerto sobre todas as possibilidades felizes ou infelizes da vida que irão viver em comum.

É o tempo da lealdade e da franqueza, para que mais tarde nenhum dos dois possa dizer que se enganou. Tudo deve ser previsto, segundo as condições humanas e as vicissitudes da vida.

Em primeiro lugar, devem definir o conceito do verdadeiro amor. Ele não pode ser o amor pagão, de que trata Ovídio na sua "Arte de amar", mas o amor cristão, que significa compreender e servir.

Amar é servir. Quem não serve, não ama. É preciso servir até ao sacrifício. Ninguém teria paciência de estar à beira de um leito, numa moléstia prolongada, passando noites em vigília, privando-se dos prazeres que lá fora chamam com todas as forças da sedução da vida, se a criatura, objeto de seu desvelo, não fosse amada. Ninguém poderia tolerar as imperfeições do outro, as suas fraquezas, ajudando-o a vencê-las, com palavras suaves e orações ardentes, se não amasse o objeto de seus cuidados. Ninguém suportaria as adversidades do cônjuge, das quais participa, se não lhe dedicasse sincero amor.

Eis que o noivado termina e chega o período definitivo da união. É o *casamento*. Ele deve ser realizado com profundo amor recíproco. Esse amor significa doação. O amor não pede, não exige, não reclama; ao contrário, dá, subordina-se, tendo sempre em vista sacrificar-se para agradar.

É natural que um moço e uma moça, vindo de famílias diferentes, com hábitos diferentes, se desentendam, neste ou naquele assunto; mas se cada um estiver disposto a ceder para agradar, encontrarão ambos uma linha de concordância que trará a harmonia doméstica. Muitas vèzes, até na comida, essas arestas se manifestam, pois não podemos exigir de ninguém que seja igual em nossas preferências. Outras vezes, as opiniões podem atritar-se na solução de um caso da vida quotidiana; mas, se houver compreensão mútua, tudo se harmonizará.

O essencial é a predominância, no casal, do *espírito de Cristo*. *Madame de Stael* já o disse: *compreender é perdoar*. A compreensão decorre da análise psicológica feita por um cônjuge sobre o outro, com caridade cristã.

A *preparação da mulher para o casamento* reside nos seguintes objetivos: ser colaboradora e estimuladora do marido, nas atividades de sua profissão e nas atitudes que o seu caráter e a sua dignidade lhe impuserem na vida profissional, social e política; ser dona de casa, amando a ordem, o asseio, o conforto possível, a disposição estética das mobílias e decorações, mesmo as mais pobres, pois a pobreza não significa relaxamento; conhecer a arte culinária, ou para dirigir empregadas, ou para executá-la se os recursos domésticos não permitirem auxiliares; se tiver filhos, educá-los segundo os ensinamentos cristãos e o amor à Pátria; em qualquer hipótese, saber ser esposa e, se for mãe, saber ser mãe.

A *preparação do homem para o casamento* reside nos seguintes objetivos: ser colaborador e estimulador de sua mulher nas suas funções domésticas, sociais e religiosas; dar-lhe autoridade para o comando da casa e educação dos filhos; trabalhar ativamente para que nada falte, na medida do possível, ao conforto do lar, jamais saindo da linha da dignidade que impede ganhos ilícitos; pautar-se por um comportamento de bom senso e economia, pensando no futuro dos filhos ou da mulher, se vier a faltar; dar conhecimento à esposa de sua real situação financei-

ra, a fim de que ela possa orientar-se nas despesas da casa; prestigiá-la perante os filhos e empregados, se os tiver, não dando contra-ordens, que enfraquecem a autoridade dela; perdoar-lhe as impertinências ocasionais, próprias do sexo, suportando-as com caridade cristã; incentivá-la em tudo o que fizer pela prosperidade do lar ou pelos serviços a que se dedicar pelo bem comum; dedicar, à esposa, afeição e carinho, principalmente quando, passado o fogo juvenil do amor alimentado pelos sentidos, a labareda se transforme na lâmpada perene alimentada pelo espírito, como a que se conserva em permanente vigília junto ao santuário onde, como dedicada sentinela, monta guarda ao mistério da Eucaristia.

O sol da existência irá docemente se inclinando para o poente. De mãos dadas, os esposos caminham para Deus. Em torno, os filhos adolescentes se preparam para também, por sua vez, cantarem o mesmo poema epitalâmico e passarem pelas mesmas fases por que passaram seus pais. O dever foi cumprido. E como disse Jesus: "o meu fardo é suave, a minha cruz é leve", os anos decorridos aos quais não faltaram adversidades e lutas, constituem a lembrança consoladora de reveses vencidos e sofrimentos superados e a recordação de horas tranqüilas em que soprou a doce aragem da felicidade.

Para que tão belo poema de amor seja cantado, é necessário que os jovens se preparem para o matrimônio, considerando que o casamento não é um simples contrato bilateral, em que pactuam duas partes, mas um contrato temporal, sacramentalmente confirmado por Deus, no qual entra um terceiro interessado: a prole, os filhos que são os elos ligando o passado ao futuro; numa palavra: a própria Nacionalidade de que a Família, estável e indestrutível, é o alicerce e o princípio vital.

QUESTIONÁRIO

1) Qual a tendência natural do homem e da mulher?
2) Para que finalidade são atraídas as vocações religiosas ou sacerdotais?
3) Qual a finalidade do namoro e do noivado?
4) Em que consiste o verdadeiro amor?
5) Quais os objetivos da preparação da mulher para o casamento? e a do homem?
6) Como devem os jovens preparar-se para o casamento?

CAPÍTULO VI

PREPARAÇÃO PARA A VIDA RELIGIOSA

RESUMO

A vocação religiosa pode manifestar-se tardiamente, como pode se revelar desde a infância. Ela, neste caso, é quase sempre o resultado do meio familiar em que o menino ou menina se desenvolvem.

É um misterioso chamado, ao qual deve corresponder o esfôrço de quem assim é distinguido, objetivando a prática das virtudes e o conhecimento da religião.

O comportamento daquele que, além de chamado, quer ser escolhido, deve ser irrepreensível. Suas orações devem ser constantes. Sua participação nos atos do culto constituem um incentivo à vocação com que foi privilegiado.

As boas leituras muito ajudam no período de preparação à vida religiosa.

VOCABULÁRIO

MISTICISMO - Disposição para admitir e crer no sobrenatural, amor ao mistério, propensão para crer em tudo o que é aparentemente incompreensível. Devoção religiosa. **INÁCIO DE**

LOYOLA - Fundador da Companhia de Jesus. Nasceu em 1491 e morreu em 1556. ASCETAS - De ascetismo. Mortificação do corpo, visando o triunfo da alma sôbre os instintos e paixões. SÃO FRANCISCO DE ASSIS - Fundador da Ordem dos Irmãos Menores, nasceu em 1182 e morreu em 1226. Notabilizou-se pelo seu culto à pobreza, pelo apostolado que exerceu, pelas obras literárias, pela caridade, pelas práticas ascéticas, pelo misticismo e pelos milagres. SÃO JOÃO DA CRUZ - Teólogo espanhol, nasceu em 1542 e morreu em 1591. Foi um dos mais notáveis místicos do seu tempo. SANTA TERESA DE ÁVILA - Nasceu em Ávila no ano de 1545 e morreu em 1582. Reformadora da Ordem Carmelita. Foi grande pela sua intelectualidade, sua capacidade de organização, mas sobretudo pelas obras de alto misticismo. SÃO FRANCISCO XAVIER - Famoso Apóstolo das Índias, nasceu em 1506 e morreu em 1552. Levou sua pregação a Península Indostânica, passou a Malaca e atingiu o Japão, onde até hoje sua memória é reverenciada.

Uma voz interior te chama, desde a infância, para o divino ministério. Primeiro, era a fascinação pelo culto exterior da religião de teus pais; depois, ao aprenderes o catecismo, sentiste a atração para Deus; finalmente, na plenitude da razão que alvoreceu em teu ser, percebeste claramente que eras chamado.

Tudo isso veio do ambiente doméstico em que viveste. Teus pais te incutiram os nobres sentimentos e as supremas aspirações para Deus. Foi nos joelhos de tua mãe que decoraste o *"Pai-Nosso"*, a *"Ave-Maria"*. Foi ela que te narrou os episódios da História Sagrada e despertou em ti o amor ao Divino Mestre. Teu espírito foi se formando numa atmosfera de suave misticismo e devoção, como a flor que desabrocha na limpidez do ar puro e refrescada pelo orvalho da noite.

Muitos foram chamados tarde, como *Inácio de Loyola*, guerreiro intrépido, ferido na batalha de Pamplona e entregue a leituras edificantes durante a convalescença. E foi entre as meditações e imerso no silêncio que escutou aquela voz que, um dia, entra pelos ouvidos da alma. Era o apelo, o recrutamento.

Outros, como tu, escutaram-na desde cedo, a princípio sussurrante, depois alta e nítida. Sentiste que eras um dos mobilizados para o grande exército de Cristo.

Mas é o próprio Cristo quem disse que *"muitos são os chamados e poucos os escolhidos"*. Deves então exa-

minar-te intimamente, verificar as tuas possibilidades, invocar a graça divina, para te decidires, sabendo se és apenas chamado e não escolhido.

A *escolha depende exclusivamente da graça,* que Deus prodigaliza por sua própria vontade; mas ela pode ser obtida pelo teu *próprio esforço,* porque foi o mesmo Jesus quem nos disse: *"busca e acharás, bate e a porta será aberta, pede e serás atendido".*

Esse esforço deve desenvolver-se em dois sentidos: no *aperfeiçoamento de tuas virtudes e no conhecimento da tua religião.* Construir-se, dia a dia, em humildade, em castidade, em amor ao próximo e a Deus; ler, para isso, as vidas dos heróis da fé, cujos exemplos constituem modelo para uma vida santa; viver uma vida interior profunda; excitar-se no entusiasmo pelas belezas espirituais que falam das coisas eternas — eis o que representa o trabalho daquele que deseja exercer o divino ministério. E quanto ao gênero de leituras visando adquirir o conhecimento necessário a tuas futuras funções, torna-te um familiar de todos os assuntos versados pelas Sagradas Escrituras, procura — se te é possível — apreender os conceitos essenciais da filosofia perene, nos doutores da Igreja e nos escritores esclarecidos e prudentes; faze-te um comensal dos grandes místicos e ascetas, como foram o autor da "Imitação de Cristo" e os maiores contemplativos, como *São Francisco de Assis, São João da Cruz, Santa Teresa de Ávila.*

Procura conhecer a história dos grandes evangelizadores, como *São Francisco Xavier,* que levou a Boa Nova ao Extremo Oriente, ou os missionários do Brasil, que desde *Anchieta e Nóbrega,* se multiplicaram em todo o nosso território, enfrentando dificuldades e sacrifícios sem conta, colhendo, muitas vêzes, a palma do martírio.

Sê leitor assíduo dos *Evangelhos* e das *Epístolas dos Apóstolos,* estabelece intimidade com os textos de São Paulo, que traçam as normas perfeitas da conduta cristã, com realismo e visão exata das condições humanas.

Tua alma se incendiará de entusiasmo, repetindo as palavras dos *Salmos,* que nos elevam a Deus, cantando os seus louvores.

Aprende o sentido das orações e o significado da *Liturgia. Faze, da tua vida, uma constante oração,* quer

trabalhando, quer participando das preces em comum, quer isolando-te nos silêncios que podes encontrar até no meio da multidão e dos rumores da vida exterior, para mentalmente falares com o teu Criador.

Procede em todas as ocasiões e circunstâncias como devem proceder os que aspiram à graça de serem os portadores dos múnus sagrados, entre os quais os mais altos que são o poder e a glória de prodigalizar os sacramentos.

Se queres, realmente, ser um ministro de Deus, freqüenta assiduamente a igreja, evita, não apenas os *pecados mortais*, mas também as *pequenas faltas* que conduzem àqueles, fortalece-te pela *Eucaristia,* estimula-te pela *oração.*

Se tudo isto fizeres, serás, não somente o *chamado,* mas, pela graça conquistada, serás também o *escolhido.*

QUESTIONÁRIO

1) Tem a Família influência no desabrochar de uma vocação sacerdotal ou religiosa? Como?
2) Como ajudará você o desabrochar da vocação religiosa?
3) Que é a vocação religiosa ou a sacerdotal?
4) Como deve ser o comportamento de quem é chamado a esse estado?
5) Que atitude se deve tomar em relação aos que são chamados à vida religiosa ou sacerdotal?

CAPÍTULO VII

PREPARAÇÃO PARA A VIDA MILITAR

Resumo

O jovem convocado para prestar o serviço militar deve estar consciente do papel que vai representar como soldado do Brasil.

Deve conhecer a história de sua Pátria e o que representaram nela as Forças Armadas; deve saber cantar o Hino Nacional e o significado da Bandeira da Nação; deve ter noções da hierarquia e disciplina.

O passado militar do Brasil deve estar vivo na memória do recruta, para que esteja disposto a todos os sacrifícios por sua Pátria. Ele deve envergar a farda com orgulho.

Seu procedimento, dentro e fora do quartel deve ser irrepreensível: evitar as más companhias e os lugares que desmoralizam seus freqüentadores.

Com consciência de responsabilidade, deve estar alerta na defesa da Nação contra os inimigos externos e as desordens internas.

Vocabulário

AUTÔMATO - Pessoa que não tem consciência de seus atos. **HIERARQUIA** - Conjunto dos poderes subordinados uns aos outros. A hierarquia militar se compõe de uma série de postos, uns sujeitos aos outros. **BASTIÕES** - Construção fazendo parte do

sistema de defesa de uma fortaleza. AMEIAS - Espaços abertos no alto das muralhas dos antigos castelos ou fortes, por onde os guerreiros atiravam contra o inimigo.

Vai chegar, dentro em breve, para o jovem, o momento em que a Pátria o chama para o serviço militar. É o período em que todos os brasileiros, de acordo com as leis do País, interrompem suas atividades normais, para viver num quartel, recebendo as instruções necessárias à defesa da Nação. É preciso que o moço, quando convocado, sinta o orgulho de se ir fazer um soldado do Brasil.

Não deve comparecer como um autômato, mas como um homem consciente da grandeza do papel que vai desempenhar. Essa consciência decorre dos ensinamentos que lhe deram:

1.º) — sobre a História de sua Pátria e a contribuição que a ela deram as Forças Armadas;

2.º) — sobre a significação da Bandeira Nacional e do Hino que resume nosso pensamento e nosso sentimento de patriotismo;

3.º) — sobre os deveres a que o obrigam a hierarquia e a disciplina, que constituem o elemento vital dos exércitos.

A História do Brasil está escrita em pedra, por todo o litoral e na orla de nossas fronteiras. São os fortes, com seus bastiões e ameias, patinados pelo tempo, erguendo seus perfis severos diante do mar ou nos extremos limites ocidentais do nosso território. Eles falam, desde o período colonial da bravura dos nossos patrícios, nas lutas contra os invasores estrangeiros. Nossos avós erigiram, pedra a pedra, essas muralhas de onde as antigas peças de artilharia perscrutavam o oceano, perquiriam os espaços, vigiando nossa terra. Seus gritos de alarme ressoaram nos séculos conclamando os brasileiros para as rudes batalhas em que foram vitoriosos.

Nas lutas pela Independência, nossas forças de terra e de mar, tendo já adquirido a consciência da Nacionalidade, escreveram com sangue as páginas gloriosas de que tanto nos orgulhamos. Nas guerras do Sul, nossa vida de povo altivo e forte é assinalada pelos nomes de *Riachuelo, Humaitá, Itororó, Lomas Valentinas, Curupaiti, Tuiuti, Ivaí,* onde o heroísmo dos soldados brasileiros se ilumina-

va pelo brilho das espadas de *Caxias*, *Osório*, *Argolo*, *Tamandaré*, *Barroso*, condutores de bravos e artífices de vitórias.

Esse passado deve estar vivo na memória do recruta, para que esteja também disposto a todos os sacrifícios por sua Pátria. Ao envergar a farda, deve fazê-lo com orgulho, dizendo de si para consigo: a população civil do meu país confia em mim e de mim depende não somente a sua defesa contra as ameaças externas, mas também a sustentação das leis e da ordem necessárias ao desenvolvimento do trabalho de meus patrícios e à segurança de seus direitos.

Um jovem, ao ingressar na unidade militar em que vai servir, já deve saber cantar o *Hino Nacional* e explicar o significado da Bandeira da Pátria. Deve compreender e valorizar a organização hierárquica da tropa, desde o cabo e o sargento, até o general. Deve compenetrar-se da nobre posição que assume perante a Nação e portar-se, por isso, com garbo militar, não somente nas paradas, porém nas atitudes da vida quotidiana. Um perfeito soldado procede sempre com educação e nobreza, evita os vícios, as más companhias, não freqüenta lugares que desmoralizam os rapazes ciosos de sua conduta honrada. Nas horas de serviço, desde o toque de alvorada que desperta, no íntimo do ser, a alegria da vida e do trabalho, até a hora em que a corneta desenrola dentro da noite o fio fino e suave do toque de silêncio, o bom soldado foi diligente na execução das ordens recebidas, foi correto no cumprimento da disciplina, foi atento às instruções que lhe foram ministradas, e tudo fez com entusiasmo como se toda a Nação dependesse unicamente dele.

O Conde de Lippe, reorganizador do Exército Português, sob o governo de Pombal, introduziu um costume nos regulamentos militares que consistia em erguerem as sentinelas, de hora em hora, um alto brado exclamando: *"Sentinela, alerta!"*, ao qual sucessivamente respondem os outros soldados em vigília: *"Alerta estou!"*.

Inspirado por esse costume tão significante, um poeta escreveu:

"Abre os olhos, sentinela!
Fica acordado,
bem firme, bem vivo,
bem atento, soldado do Brasil

Guarda,
no recesso das casernas,
no átrio das fortalezas,
no seio dos navios,
esse Princípio Eterno,
essa Sagrada Essência,
esse impalpável, transcendental sentimento
que se chama
a consciência da Grande Nação!"

E, depois de várias considerações, acrescenta:

Alerta pelo Brasil, por nossa Pátria!
Alerta, como estiveram os velhos canhões
em outros tempos,
despedindo trovões sôbre as ondas do mar!
Alerta, como o espírito imortal
das Tradições Antigas...

Alerta, porque o teu grito simboliza
a própria voz do Exército e da Armada,
dos quartéis, dos aviões e dos navios,
a bradar, a bradar! A dizer
aos tristes e amargurados
aos que se inquietam, porque amam o Brasil,
que a alma da Pátria não morreu:
e está tão viva, nos quartéis, nas fortalezas,
como esteve nas guerras de outros tempos
quando
com o sangue dos bravos se escreveram
as luminosas páginas heróicas!"

É com esse espírito, com esse sentimento, com essa consciência de responsabilidade, com esse fervoroso amor à Nação, que um jovem brasileiro deve vestir a farda e ingressar, com seus irmãos, na vida militar.

QUESTIONÁRIO

1) Como se deve apresentar, ao quartel, um moço convocado para o serviço militar?
2) Como se conscientizará o moço, futuro soldado da Pátria?
3) Onde se escreveram as páginas gloriosas de nossa História militar?
4) Que sentimentos deve possuir o recruta ao envergar a farda?
5) Como procede um verdadeiro soldado da Pátria?
6) Com que sentimentos deve estar alerta o soldado do Brasil?

CAPÍTULO VIII

PREPARAÇÃO PARA A VIDA PROFISSIONAL

Resumo

Cada pessoa, segundo a sua constituição física, grau de inteligência e impulsos da vocação, sente-se atraída para uma atividade profissional.

Desse modo, cada qual desempenhando seu mister, colabora para a felicidade de todos, ao mesmo tempo que todos cooperam para a sua felicidade.

Seja qual for a tendência ou vocação do jovem, deve ele se compenetrar dos deveres que cada uma das profissões exige: perfeição no trabalho, consciência de responsabilidade, amor à obra que executa e o firme pensamento de que está contribuindo para o progresso geral.

O trabalho é obra de criação e, portanto, de colaboração com Deus. Executá-lo só para ganhar dinheiro é desvirtuar a ação criadora do trabalhador.

Preparar-se para uma profissão é ter dela, antes de tudo, uma concepção altruísta. Para isso, cumpre espiritualizá-la, pois é em união com Deus que realizaremos a nossa própria felicidade e a de nossa Pátria.

Vocabulário

SÊNECA - Filósofo romano, filho do retórico do mesmo nome. Nasceu em CÓRDOVA, no ano 2 da nossa era e morreu em Roma em 66. Como seu pai, foi também politicamente fraco e

tortuoso, mas de elevada mentalidade. Suas obras notáveis pelo equilíbrio do pensamento, não correspondem às atitudes em sua vida. É, entretanto, um mestre dos mais lúcidos. D. PEDRO, REGENTE DE PORTUGAL - Filho de D. João I, mestre de Avis, irmão de D. Duarte, D. Fernando e do Infante D. Henrique, o Navegador. MADAME CURIE - Polonesa, sendo estudante em Paris, casou-se com Júlio Curie, cientista, e dedicou-se com o marido às pesquisas de laboratório. Com ele, descobriu o rádio. As conseqüências dessa descoberta se multiplicaram em benefícios à humanidade. MERCENÁRIO - O que trabalha sem ideal nem outro interêsse senão o de ganhar dinheiro.

O Apóstolo São Paulo, numa de suas Epístolas, fala da diversidade dos dons que possuem as criaturas, de sorte que, cooperando umas com as outras, cooperem para a harmonia do corpo social e cumprimento das superiores finalidades do Homem. Realmente, do mesmo modo como nos diferenciamos pela fisionomia, estatura, características próprias a cada um, também nos diferenciamos quanto às tendências para exercer determinadas profissões. O filósofo Sêneca e, mais tarde, o Príncipe português D. Pedro, irmão do Infante D. Henrique, o Navegador, num livro que escreveu intitulado "Virtuosa Benfeitoria", mostram que a vida em sociedade é uma constante troca de benefícios, cada um dando a todos o de que todos necessitam e todos dando a um o de que ele precisa.

Desde a infância e, principalmente na adolescência, o jovem percebe a sua inclinação para uma atividade profissional, ou um ofício. Variando os graus de inteligência, a constituição física e a índole de cada temperamento, também variam as vocações que objetivam a realização integral de cada ser humano. Uns nasceram para ser artistas, amando a música, a pintura, a escultura, as artes plásticas; outros, para cientistas, sentindo pendor para a matemática, ou as investigações de laboratório; outros, para o estudo das relações jurídicas e sociais; outros, para a arte de curar; outros, para as atividades da agricultura, da indústria ou do comércio; outros, para os ofícios modestos, mas tão úteis, como os de alfaiate, carpinteiro, pedreiro, ferreiro. As mulheres sentem atração para as artes que lhe são próprias, gostando umas de bordar, outras de costurar, outras de cozinhar, outras dos arranjos decorativos, e muitas procurando realizar-se nas artes maiores: a música, a pintura, a literatura e, até mesmo, inclinando-se para a ciência, como foi o caso de Madame

Curie.

Seja qual for a tendência, ou *vocação do jovem*, deve ele se compenetrar dos deveres que cada uma das profissões exige do que a ela se dedica. O primeiro de todos é procurar a máxima perfeição, pois quem se dedica a um gênero de trabalho e o realiza sem esforço para "o melhor", não possui aquela qualidade que poderemos chamar "pudor profissional". O segundo está na consciência de responsabilidade, isto é, ser assíduo no trabalho, pontual nos prazos que designou para entrega, aproveitador do tempo, fiel aos compromissos. O terceiro está em exercer a sua atividade com amor, com interesse e entusiasmo, com justo orgulho pelo que está realizando. O quarto reside no pensamento de que está contribuindo, de sua parte, para o benefício dos seus semelhantes e para o progresso geral em que todos colaboram no setor que lhes é próprio.

Sempre, em qualquer circunstância, o profissional deve ter em vista *servir a Deus, à Pátria* e *ao Próximo*, com exatidão e desvelo. Deve pensar que o trabalho não é somente um instrumento pelo qual o homem consegue os meios para sua manutenção e a de sua família, mas é uma sucessão de atos de criação, que dignifica o esforço do trabalhador e, de certa forma, o faz colaborador de Deus. Se a criação absoluta é um poder exclusivamente de Deus, o homem, pela sua inteligência, imaginação e vontade, usando do que foi criado por Deus, também cria, de modo relativo, engendrando novas formas e produzindo novos efeitos oriundos das imensas possibilidades da natureza. Assim, o marceneiro serve-se da madeira para produzir as mais variadas expressões do mobiliário; o ferreiro transforma o ferro em machados, enxadas, foices, espadas; o padeiro faz, da farinha, o pão; o agricultor, diretamente unido a Deus, toma a semente e tira dela a árvore; o pintor interpreta, na tela, as paisagens e os sêres vivos; o escultor liberta, do bloco de mármore, as linhas que prefere, apresentando as figuras que a sua imaginação concebeu; o arquiteto, tomando os materiais de que precisa, cria os lineamentos dos edifícios; o poeta e o prosador usam as palavras para transmitir imagens e sentimentos; o cientista utiliza-se das leis que regem o mundo físico e delas deduz os resultados para o progresso das indústrias e para as finalidades da medicina; o inventor, também conhecedor dessas leis, parte, através dos sé-

culos, de conquista em conquista, até chegar às maravilhas do nosso tempo: o avião, o rádio, a televisão, os projéteis espaciais; o jurista promove o equilíbrio entre os direitos e deveres, aperfeiçoando as leis que visam à harmonia entre os indivíduos e os povos. O trabalho é, portanto, obra de criação intimamente ligada à racionalidade do Ser Humano.

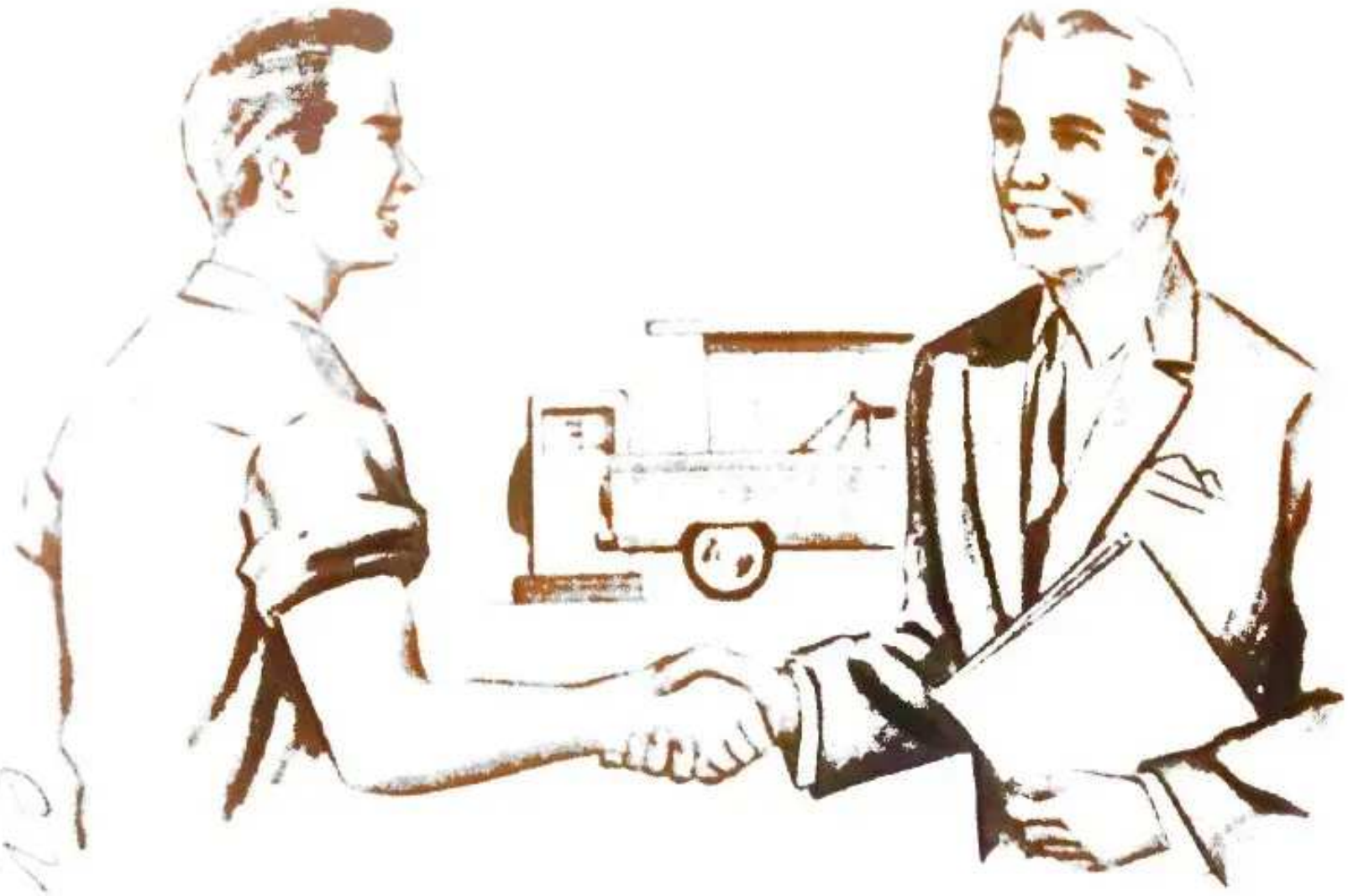
Por isso mesmo, ele deve ser dignificado. O profissional que só visa a ganhar dinheiro está traindo os fins superiores da sua profissão. Não passa de um mercenário. Sua obra é imperfeita. Muitas vezes envereda para caminhos tortuosos e até criminosos. Nas artes manuais, não passa de um "remendão". Rouba o seu próximo no material empregado, rouba no tempo, rouba nos preços. Se é advogado, entrega-se à "chicana" e aos expedientes desonestos, ou exercendo a magistratura, mais se preocupa com interesses subalternos do que dedicar-se ao culto da justiça. Se é médico, só deseja enriquecer-se e trabalhar o mínimo, desatendendo os pobres, preferindo as comodidades e rejeitando os sacrifícios que fazem a glória dessa profissão.

Todas as crises pelas quais atravessa uma Nação têm por origem a irresponsabilidade profissional, a falta do cumprimento dos deveres que a todos e a cada um competem no exercício do seu trabalho. Então, só ouvimos clamores pelas reivindicações materiais das diversas classes: aumentos incessantes de salários e ordenados, diminuição de horas de trabalho, vantagens de toda sorte. Predomina o egoísmo desenfreado, pai dos latrocínios recíprocos, das malversações de dinheiros públicos, do desperdício e da ruína total.

Preparar-se para uma profissão é, antes de tudo, ter dela uma concepção altruística. Para isso, cumpre espiritualizá-la pela consciência de nossas obrigações para com Deus e nossos semelhantes. E, se todos assim procederem, teremos realizado nossa felicidade pessoal e a grandeza de nossa Pátria.

QUESTIONÁRIO

1) Como se realiza o ideal de cada um?
2) Quais os deveres inerentes a toda profissão?
3) Que deve ter em vista todo profissional?
4) Que é ser mercenário?
5) Donde provêm as crises por que atravessa uma nação?



CAPÍTULO IX

CONVÍVIO SOCIAL

Resumo

Trata teus pais com respeito e amor, lembrando-te de tudo o que fizeram por ti. Estima teus mestres, que te preparam para a vida. Sê amigo de teus colegas, imita-lhes as virtudes e sê benévolo para com seus defeitos. Trata com a maior deferência os mais velhos e as pessoas que se distinguem pelo bem que fazem.

Na sociedade, segue as regras do bom tom e lembra-te de que a civilidade é a arte de contrariar-se muitas vêzes a si mesmo, para ser agradável aos outros.

Se és empregado, cumpre teus deveres e sê amigo de teu patrão. Se és empregador, trata com humanidade teus empregados, corrige-os com brandura, estimula-os afetuosamente.

Se és funcionário, homem público, comerciante, homem de negócios, médico, advogado, engenheiro, professor, simples operário, sacerdote ou religioso, procede sempre com caridade cristã e segundo os deveres da tua profissão.

Vocabulário

MONOPOLIZAR - Açambarcar, tomar exclusivamente para si. CONFIDENCIAIS - Particulares. COMENSAL - Do latim, *cum* e *mensa*. Antigamente se designavam os que se sentavam à mesma mesa para

mesa para comer. Hoje se aplica o termo para designa-

que fazem parte de uma roda, ou das relações de uma família ou sociedade. ETIQUETA - Palavra usada antigamente para designar o cerimonial de uma corte, hoje se emprega referindo-se ao trato cerimonioso na sociedade. ANFITRIÃ - Feminino de anfitrião. A pessoa que recebe as visitas ou os convidados ou hóspedes. LITURGIA - Natureza e ordem das cerimônias e orações de que se compõe o serviço divino. PROLIXIDADE - Excesso de palavras, de divagações e de pormenores na exposição de um assunto. PLENÁRIO - Lugar onde se debatem as questões propostas. Sala das reuniões dos tribunais, dos parlamentos, das associações.

Trata teus *pais* com *respeito e amor*. Lembra-te das horas em que tua mãe assistiu ao desabrochar da tua vida, embalando-te para o sono, cantando baixinho suaves canções; afligindo-se com as enfermidades que te assaltaram e passando noites sem dormir, ao teu lado; regozijando-se com o teu crescimento, ensinando-te as orações, iniciando-te na decifração dos mistérios da vida e do mundo, ao responder a tuas perguntas; preparando-te para a escola, acompanhando, com desvelo, os teus estudos; incutindo-te um ideal; falando-te de teus deveres para com Deus e tua Pátria. Lembra-te dos trabalhos e sacrifícios de teu pai, para que nada te faltasse, do orgulho com que ele te contemplou tantas vezes, da alegria com que leu tuas boas notas na escola, dos sonhos que alimentou a teu respeito. Nem podes calcular o que êle sofreu, pois desconhecias inteiramente o que eram as dificuldades dele entre os homens e a maldade do mundo. Tudo por ti, pelo teu futuro, pelo teu destino.

Estima teus *mestres*, que te transmitem instrução e educação. Pensa que eles cumprem a mais nobre das missões: a de preparar os seus alunos para o êxito em suas carreiras; para cumprirem as normas de procedimento que elevam a dignidade dos homens e das mulheres; para fortalecerem o caráter; para iluminarem o espírito à luz dos bons princípios.

Sê amigo de teus *colegas*. Perdoa-lhes as imperfeições e valoriza as suas virtudes. Corrige, com delicadeza, seus erros; imita-lhes o que eles porventura tiverem de superior a ti. Confraterniza com eles, nos brinquedos e folguedos e com eles colabora nos estudos que lhes são comuns. Procura, nas conversações, assuntos de que tu e teus colegas tirais proveito: sobre ciências, literatura, artes, principalmente sobre as regras de educação e comportamento nas diversas circunstâncias da vida social.

Diante dos mais *velhos,* sê discreto e comedido. Dirige-te a eles sempre com respeito e delicadeza, se tiveres de fazer alguma pergunta. As mais das vezes só fales quando perguntado. E, se entre eles houver conversação, não te intrometas nelas, sobretudo se queres dar uma opinião contrária. Em muitas ocasiões, os mais velhos têm assuntos de que desejariam tratar e não o fazem porque estás presente. Retira-te discretamente e deixa-os em liberdade. Não te intrometas nos negócios de teu pai nem nos que ele tratar com tua mãe. Se eles te derem a honra de participar da matéria que os preocupa, sê comedido em tuas opiniões e confia no bom senso dos teus progenitores. Abre teu coração para com teus pais e mestres e pessoas que merecerem confiança pelo que são e fazem. A eles expõe as tuas dúvidas e recebe as suas lições. Procura estudar o mais possível, se freqüentas um curso, e trabalhar com a maior correção, se exerces um emprego.

Chegaste à idade adulta e vais freqüentar a *sociedade*. A nenhuma parte vás sem ser convidado e, se receberes convite, sê pontual no comparecimento.

Distribui a tua presença entre todos, ou pelo maior número, não te detendo a monopolizar uma só pessoa, que se enfadará com a tua constante presença. Numa roda, podes falar, mas não faças papel de conferencista, que impede os demais de dizer alguma coisa.

Não trates de negócios nem preocupes os outros com as tuas preocupações, nas reuniões cordiais em que se devem esquecer assuntos graves ou cansativos.

Se, por acaso, notares que duas ou três pessoas conversam versando talvez matérias confidenciais, não te aproximes. Em qualquer caso, se vês que não há inconveniente em te acercares delas, mesmo assim pergunta, de longe, se não as incomodas.

Tratando com *senhoras,* se o grau de amizade ou relações familiares não te autorizarem maior desembaraço, deixa a elas a propositura dos temas da conversação, ou se a tiveres de iniciar, procura assuntos mais convenientes ao sexo e à idade das damas.

Aos *homens de responsabilidade e posição elevada,* apresenta-te com a atitude de consideração e apreço a que fazem jus e evita dirigir-lhes perguntas sobre assuntos que podem constrangê-los.

Não fales ao mesmo tempo que alguém numa roda que iniciou um assunto antes de ti; além de ser uma desatenção, que te fica muito mal, podes aborrecer os que ouviam com interesse, principalmente aquele a quem te diriges.

Não procures salientar-te e ocupar os lugares de maior evidência.

Evita falar demasiadamente alto, exibindo-te, ou falar baixo com o teu comensal, o que dará a impressão de que transmites comentários sobre qualquer dos circunstantes.

Não te retires antes de se retirarem as pessoas de maior importância ou os homenageados da recepção. Se houver multidão de convidados, despede-te dos que estiverem perto de ti.

Se se trata de um jantar ou almoço, senta-te no lugar que te for designado e usa os talheres e os copos segundo a etiqueta. Se tiveres dúvida, imita a dona da casa. Serve-te com senso de medida, a fim de que não deixes restos no prato nem nos copos.

É preferível não aceitar uma iguaria ou bebida que desconheces, a, aceitando-as, rejeitá-las, pois podem pensar que, delas gostando, achaste que a comida estava mal feita, o vinho era mau ou o café frio.

Não principies a comer, sem que tome a iniciativa a dona da casa, a menos que esta solicite que o façam os convidados.

Se o convite for expressamente para ti, envia flores à tua anfitriã, com antecedência de algumas horas e, no correr da semana seguinte, o teu cartão de agradecimentos, usando apenas a palavra "agradece". Se não puderes comparecer, faze a comunicação com, pelo menos, dois dias de antecedência, se és apenas um dos convidados, mas no caso de seres o homenageado, avisa com tempo suficiente para que os donos da casa não convidem outros.

No caso de teres de procurar alguém, para simples visita ou negócio, telefona primeiro, para que te marquem dia e hora, e se a pessoa não tiver telefone, deixa o cartão pedindo audiência, pois se chegas de improviso, arrisca-te a não encontrá-la, ou surpreendê-la muito ocupada, ou atendendo a outro, ou indisposta, em qualquer caso recebendo-te de mau humor.

Se és visitado, passa pela residência ou hotel do visitante e deixa teu cartão. Se és casado e foi um casal que fez a visita, deixa teu cartão e o de tua senhora.

Com todos sê afável e atencioso, procedendo desse modo com ricos e pobres, ilustrados e ignorantes. Aprende a arte de saber ouvir, mais do que falar e tolera com paciência os importunos.

Se vais tomar um carro, ocupa sempre o lado esquerdo, mas não insistas se a pessoa mais importante do que tu quiser dar-te a honra de colocar-te á direita dela. Uma senhora é sempre superior a um cavalheiro, devendo ficar á sua direita. Ao descer, havendo senhoras no carro, estende-lhes a mão a ajudá-las.

Numa escada, em companhia de senhoras, vai atrás se sobes e adiante se desces. Numa porta, entram primeiro as senhoras e depois os homens segundo a hierarquia da idade ou da posição social.

Cumprimentando, espera que as senhoras te estendam a mão e o mesmo faze com relação aos teus superiores. Estando sentado, levanta-te ao passar um superior ou uma senhora de teu conhecimento. Faze o mesmo, quando lhes dirigires a palavra.

Recebendo um convite para cerimônias ou festas na tua ou outras cidades, e não te sendo possível comparecer, envia um telegrama ou carta antecipadamente excusando-te. Se o convite chegar atrasado, envia pelo correio algumas linhas de congratulações e agradecimentos.

Nas igrejas, deves estar com o maior respeito e em silêncio, portando-te de acordo com a liturgia e os costumes.

Nas cerimônias cívicas tuas atitudes devem ser o espelho do teu patriotismo. Em qualquer lugar onde estejas, ouvindo o Hino Nacional, levanta-te, se estás sentado e detém teus passos, se estás caminhando. Procede do mesmo modo nos atos de hasteamento e descimento da Bandeira da Pátria.

Nas visitas de pêsames ou a enfermos, sê breve. Nas primeiras, evita assuntos em desconformidade com o seu objeto; nas segundas, exprime-te com otimismo em relação ao doente e não o fatigues com a tua presença demorada.

Nunca te excedas nas expressões de dor ou de regozijo, mas sê comedido nas palavras e nas atitudes.

Em qualquer parte, procede com caridade cristã e lembra-te sempre de que a civilidade é a arte de se conter e até de se contrariar para agradar aos outros.

Por isso, deves te apresentar sempre com fisionomia e maneiras amáveis, asseado e bem vestido na proporção de teus recursos, correto nas tuas atitudes e palavras, disposto a servir o próximo, ocultando teus sofrimentos e tristezas, porque, se assim fores, ao anunciarem a tua presença, ela provocará alegria.

Se és *empregado*, procede com teu *patrão*, como gostarias que outros procedessem contigo, se trabalhassem para ti. Sê pontual nos horários, diligente nas horas de serviço, cumpridor das obrigações que te forem determinadas, interessando-te no progresso da firma, da empresa, do escritório ou da casa onde servires. Sê disciplinado e correto em tudo, procurando a perfeição no trabalho e pensando sempre que não se rouba apenas em dinheiro, mas em tempo deperdiçado e serviço mal feito. Segue a lição do Evangelho que chama servo inútil o que apenas faz o que lhe cumpre e não se esforça por fazer mais, além de suas tarefas.

Se és *empregador*, trata com humanidade os teus *empregados*. Lembra-te de que ninguém é perfeito neste mundo nem podes encontrar um anjo para servir-te. Procura, entretanto, corrigir os defeitos dos que trabalham para ti, incutindo-lhes lições de bem proceder, explicando-lhes como devem agir, tudo com palavras calmas e seguras, pois as tuas irritações nunca serão construtivas nem concorrerão para elevar o nível moral do teu empregado. Quando este tiver necessidade do teu amparo e assistência em doenças ou dificuldades da vida, socorre-o, ajudando-o no que puderes. Transmite-lhe diariamente as noções dos deveres, mostrando-lhe que o seu progresso depende do cumprimento das suas obrigações. Mostra-lhe que patrão e empregado devem ser amigos, cada qual na sua posição, e que desse sentimento depende a harmonia e paz entre os homens. Incute-lhe a consciência da responsabilidade, da honestidade e da fidelidade e ensina-lhe as normas de procedimento no desempenho de suas funções.

Se és *funcionário*, atende as partes com delicadeza, mostra-te diligente na solução dos seus problemas. Faze andar os papéis, se os tens de despachar ou levar a des-

pacho. Não feches a cara aos postulantes, mas oferece-lhes um sorriso amável, que é o melhor dos veículos para o andamento de todos os negócios e solução de todos os problemas.

Se és *comerciante* ou homem de negócios, procura ser cortês para com teus clientes ou pessoas com que tenhas de manter relações. Só prejuízos te pode acarretar o mau humor e o teu progresso se expandirá na proporção da tua disposição otimista e da tua paciência em aturar o próximo.

Se és *homem público*, tuas obrigações são dobradas no atendimento dos que te procuram. Ouve atentamente, resolve o que puderes, mas sê, em qualquer hipótese, caridoso e paciente, afável e delicado até para negar.

Se fores *médico*, lembra-te de que, mais do que a tua ciência, eleva-te a tua bondade. O teu doente precisa de esperança e de estímulo. Ele confia em ti. Vai depressa atender ao seu chamado e ilumina o seu quarto com a luz da confiança que nele incutes.

Se és *advogado*, tens de tolerar, mais do que o médico, as infindáveis narrativas de teus clientes, que descreverão os fatos, muitas vezes com prolixidade, emaranhados, confusos, dos quais deverás deduzir os termos essenciais sobre eles, prescrevendo os remédios jurídicos. Apreendida a natureza da causa e iniciada a ação ou a defesa que te compete, terás de te portar com cavalheirismo diante dos teus opositores e dos juízes. Tua linguagem, nos autos ou nos plenários, deverá ser clara, expositiva e serena, sempre na linha segura da ética profissional.

Se és *engenheiro*, especializado nos diversos ramos da tua profissão, tudo farás com absoluta consciência das tuas responsabilidades e terás de ter paciência com as opiniões dos leigos, contornando-as delicadamente e procurando conciliar os caprichos dos que te confiaram a obra, com as exigências dos teus conhecimentos científicos e técnicos.

Se te dedicares ao *ensino*, faze-te respeitado como *professor* sem precisar deixar de ser afável para com teus alunos. Torna as aulas leves e atraentes. Serve-te dos pretextos que a matéria oferece, para incutir nos teus discípulos, nobres e elevados sentimentos de amor a Deus e à Pátria. Porta-te

ou na vida social e particular, com linha de correção e de elegância moral, de sorte que o teu exemplo constitua a melhor das lições.

Se fores simples *operário*, cumpre o teu dever com justo orgulho pela perfeição do que fazes. Não percas tempo em conversas ociosas, mas emprega-o visando à rapidez e ao aprimoramento do serviço. Compenetra-te de que és um fator do progresso da tua Pátria e a cada obra terminada, dize de ti para contigo: hoje dei mais um passo para a grandeza da Nação.

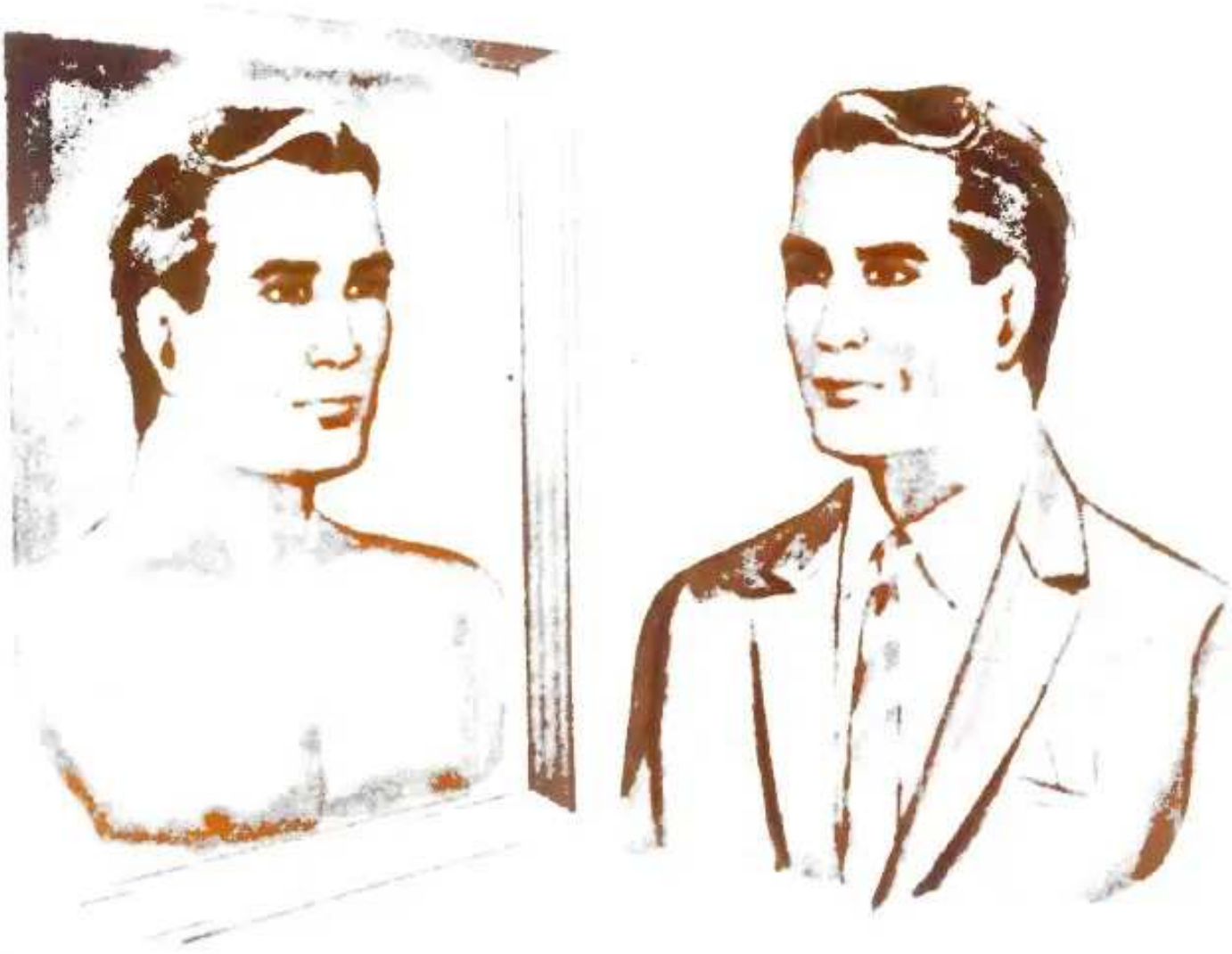
Se tiveres escolhido a *vida religiosa*, ou *sacerdotal*, teus deveres serão muito maiores do que os de tôdas as profissões ou empregos. Terás de fazer de cada instante de tua vida um instrumento de apostolado. Serás obediente aos teus superiores e paternal para com teus inferiores. Atenderás com espírito de caridade aos que te procurarem à busca de conselhos ou de conforto nas dificuldades da vida. Serás desprendido dos bens materiais e cuidarás de cumprir o que diz o *Evangelho*, juntando tesouros no Céu, aqueles que as traças não consomem. Teu comportamento na sociedade deve ser, ao mesmo tempo, austero e bondoso, não afetando falsas virtudes, sendo humilde sem exageros exteriores, sendo digno sem ostentar orgulho nem rispidez. Todos os teus dias serão dedicados a Deus, e a teu próximo. Sê um agente de paz e concórdia nas famílias e nos grupos sociais que diriges. Cria, em torno de ti, uma atmosfera de harmonia em que resplandeçam as virtudes cristãs sob o teu ministério.

Seja qual for a condição social, sejam quais forem os bens materiais que possuam, ou a posição de mando que exerçam, ou o cargo que desempenhem, todos — ricos e pobres, cultos ou iletrados, saudáveis ou doentes devem concorrer para que o mundo seja melhor, vivendo e agindo sempre de conformidade com o espírito de fraternidade e de boa convivência que nos vem de Cristo, estabelecendo os equilíbrios perfeitos no contato com os nossos semelhantes.

QUESTIONÁRIO

1) Como se devem tratar os pais e os superiores?
2) Que é civilidade?
3) Qual o dever do empregado e do empregador?

4) Como deve proceder cada qual em sua profissão?



CAPÍTULO X

NOSSO MUNDO INTERIOR

Resumo

Chamamos "mundo interior" ao que existe no fundo de nós mesmos, em nosso coração, em nossa alma. Residem aí o que temos de bom e o que temos de mau.

Para nos aperfeiçoarmos em virtudes e nos livrarmos das más tendências que atuam sobre nós, devemos nos examinar intimamente. Não nos devemos entregar de tal forma ao mundo exterior (trabalhos, divertimentos, relações sociais) que nos esqueçamos de dedicar algum tempo à meditação, através da qual, descobrindo o que há em nós mesmos, também possamos sentir a presença de Deus em nossas almas.

A nossa existência é uma permamente construção da nossa personalidade e essa construção depende de nos conhecermos, avaliando nossas possibilidades e fortalecendo-as.

Vocabulário

ÉDIPO - Herói lendário grego. Existindo, na estrada de Tebas, um monstro chamado Esfinge, que propunha problemas aos viandantes, matando-os se os não decifrassem, Édipo corajosamente enfrentou-a e resolveu o enigma proposto, livrando o povo da crueldade daquele ente monstruoso. **SÓCRATES** - Filósofo grego. Nasceu em Atenas, em 468 antes de Cristo e morreu, con-

denado à morte, envenenando-se com cicuta, no ano 400 da mesma era. IMITAÇÃO DE CRISTO - Obra célebre, escrita num dos Conventos da Idade Média. Divide-se em quatro partes: "Conselhos úteis para a vida espiritual", "Conselhos para a vida interior", "Consolação interior" e "Devota exortação à santa comunhão". Grande é a discussão sobre quem seja seu autor, mas tudo indica ser ele Tomás Kempis, do convento de Santa Inês, nos Países Baixos. MIGUEL ÂNGELO - Escultor, pintor, arquiteto e poeta italiano. Nasceu em 1475 e morreu em 1564. Considerado um dos maiores valores artísticos da humanidade. Constitui com Rafael e Leonardo a tríade suprema da arte renascentista. EURRITMIA - Regularidade, justa proporção, entre as partes de um todo; regularidade da pulsação.

Nosso mundo interior é o misterioso mundo onde nos encontramos, face a face, conosco mesmos. Como Édipo, diante da Esfinge, ao ingressar nas profundezas do que somos, colocamo-nos diante do nosso próprio enigma. Somos, por assim dizer, o desconhecido, que procuramos conhecer, desvendando-lhe insuspeitados segredos. Entregues à vida exterior, aos trabalhos, aos negócios, às preocupações quotidianas e à vida social, esquecemo-nos dessa personagem, que está dentro de nós e cujo conhecimento íntimo determina as normas do nosso procedimento na vida. As grandes forças construtivas da personalidade residem no recôndito do nosso Ser. Mas - ai de nós! - também ali atuam as forças negativas. É preciso despertar as primeiras, para que sejam predominantes em nossos atos, palavras e atitudes.

O filósofo Sócrates exclamava: *"conhece-te a ti mesmo"*, e fazia dessa proposição a base de toda sabedoria. É verdadeiramente pasmoso, pois, que dirigindo-se a curiosidade do homem para tudo o que o cerca e até para o que lhe está distante, haja pessoas desinteressadas pelo que se passa dentro de si. Queremos ir à lua, realizar viagens interplanetárias e não fazemos a misteriosa excursão pelos caminhos do mundo que está em nós mesmos.

Os sentimentos mais delicados, as nobres aspirações de bondade e beleza desabrocham como flores nas profundidades do "eu", mas em meio ao emaranhado dos instintos desordenados e dos pensamentos inferiores.

Se tivermos o *cuidado quotidiano de nos examinarmos*, não só para corrigir-nos, como ainda para vitalizar

nossas virtudes e estimular nosso aperfeiçoa

mando-nos a nós mesmos com o otimismo sadio que fortalece a ascensão da grande montanha do ideal, teremos, a surpreza de, pelo conhecimento cada vez maior de nossas possibilidades, descobrirmos a presença de Deus, que nos fala pelas inspirações mais elevadas e belas.

Percebemos que somos o "*outro lado*" do Universo, a réplica da interioridade às expressões da exterioridade, o pensamento vivo, a imaginação criadora, a vontade realizadora, numa palavra: o poder do Espírito.

Cumpre-nos não abdicar de tão grande poder, não nos deixar absorver pela ação quotidiana a que o trabalho e as relações sociais nos obrigam, não nos diluirmos no espetáculo fascinante da natureza e dos homens, e sim termos em nossa existência uma hora que chamaremos "*a hora de Deus*", porque, ao procurarmo-nos, encontramo-nos com Ele.

Não se trata exclusivamente de um *exame de consciência*, que todo homem deve fazer diariamente para pesar, na balança do raciocínio, as obras, boas ou más, que praticou; trata-se também de meditar e orar, a fim de estreitar o convívio e consolidar a união da criatura com o seu Criador.

O diálogo que o autor da "*Imitação de Cristo*" estabelece entre Jesus e a Alma é uma realidade que verifica todo aquele habituado a esses momentos de silêncio em que a introspecção abre as portas do mistério.

Sem *viver uma vida interior*, o homem nunca poderá traçar uma linha perfeita de comportamento exterior. Não conhecerá a medida e a oportunidade das palavras; não saberá conter as forças negativas, a eruptirem, quando menos se espera, como as lavas de um vulcão; não concorrerá para que o meio social em que vive se modifique, no sentido do melhor; não se realizará, utilizando-se dos elementos saudáveis e vivificantes inerentes ao seu próprio ser, pois ninguém se utiliza daquilo que desconhece.

Miguel Angelo, vendo um grande bloco de mármore de Carrara, disse aos que o rodeavam: "poderei fazer disto o que quiser e extrair a imagem que me aprouver". Na verdade, todas as linhas, formas e desenhos se encontram

dentro de um pedaço de pedra; cumpre ao escultor libertar os lineamentos segundo seu desejo, para o que terá de

desprezar os contornos ou traços que julgar inconvenientes. Também a personalidade humana é um trabalho de escultura que cada um executa sobre si mesmo durante todo o curso de sua passagem pela terra. Esse trabalho deverá ser feito dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, com o cinzel da nossa consciência a esculpir sem cessar, na procura da eurritmia em que se revela a obra de arte que cada um deve realizar, construindo-se para o bem dos seus semelhantes e para a glória de Deus, segundo o pensamento supremo das harmonias divinas.

QUESTIONÁRIO

1) Que se entende por mundo interior?
2) Por que nos devemos examinar diàriamente?
3) Como deve ser entendida a "hora de Deus"?
4) Que conseqüências advêm ao homem sem vida interior?
5) Como se esculpe a personalidade humana?

2.ª PARTE

INTERPRETAÇÃO DA HISTÓRIA

CAPÍTULO XI

PAÍS, PÁTRIA E NAÇÃO

RESUMO

País é a terra, com suas paisagens e riquezas.

Pátria é o sentimento de amor pela terra e seus habitantes.

Nação é consciência de diferenciação dos demais grupos nacionais.

O Brasil foi apenas País até o século XVII.

Fez-se Pátria no decorrer desse tempo e manifestou-se como tal por ocasião da guerra holandesa.

Adquiriu consciência de Nação no século XVIII.

O Tratado de Madri, de 1750, inspirado por Alexandre de Gusmão revela essa consciência, reconhecida pelos reis de Espanha e Portugal.

Na Antiguidade, as Nações se formavam pela reunião das famílias em tribos e das tribos em comunidade nacional, mas a partir, principalmente, do século XVI, e particularmente no Novo Mundo, o processo de formação das nacionalidades obedeceu às três escalas psicológicas (impressão, sentimento e consciência: País, Pátria e Nação).

Cumpre-nos velar pela manutenção da consciência nacional.

VOCABULÁRIO

OSMOSE - Penetração de um líquido em outro, através de um corpo poroso. PSICOLÓGICO - Relativo à psicologia, ciência que trata dos fenômenos do espírito. ALEXANDRE DE GUSMÃO

- Diplomata brasileiro, nascido em Santos e que ocupou altos cargos no reinado de D. João V. É considerado o patriarca da nossa diplomacia. D. JOÃO V - Rei português, de 1706 a 1750. BOLÍVAR - Estadista e general sul-americano, cognominado o Libertador, nascido em Caracas, no ano de 1783 e falecido em 1830. MONROE - Quinto presidente dos Estados Unidos, nascido em 1759 e falecido em 1831. Lançou a doutrina pela qual os Estados Unidos entrariam em guerra contra qualquer nação da Europa que pretendesse interferir nos negócios políticos das Américas. D. JOÃO VI - Rei português, nascido em 1767 e falecido em 1826. Transferiu o governo para o Brasil, em 1808, assinando aqui a abertura dos portos, fundando a primeira Escola de Medicina, a de Belas-Artes, a Biblioteca Nacional, a imprensa, o Banco do Brasil, a Fábrica de Ferro de Sorocaba. Saneou a Baixada Fluminense, introduziu a imigração européia no País, organizou o Jardim Botânico do Rio de Janeiro e elevou o Brasil à categoria de Reino. ÉGIDE - Proteção, amparo, salvaguarda.

Ainda que geralmente sejam tomadas como sinônimos as palavras País, Pátria e Nação, elas devem ser diversificadas, para compreendermos o processo de formação da Nacionalidade Brasileira.

País é a terra, suas paisagens, suas riquezas vegetais, animais e minerais. Não significa independência ou auto-governo de um povo.

Pátria é o resultado do convívio entre o Homem e a Terra, ou País. As ocorrências alegres ou tristes na existência do habitante ligam-se aos aspectos do mundo exterior, de tal sorte que a emoção individual é guardada na memória juntamente com o cenário onde foi sentida. Por associação de idéias, a paisagem lembra o fato ocorrido e este lembra a paisagem. Dá-se uma espécie de osmose, em que o ambiente participa da emoção, participando esta do ambiente.

Um noivado feliz, o nascimento de uma criança, a morte de um ente querido, uma festa com amigos, um êxito nas atividades do trabalho, tiveram por testemunhas mudas aquela montanha, aquele regato, aquelas árvores, aquela praia. O habitante vai, pouco a pouco, tomando amor pela terra e seus aspectos. Esse amor se estende a outros lugares, onde vivem grupos humanos, falando a mesma língua, adotando a mesma religião, praticando os mesmos costumes e, assim se amplia o sentimento que, inicialmente, foi apenas local. O Brasil, até o século XVII, era apenas um País. Os colonizadores estabeleceram-se

no litoral e durante muitos anos foram entrando pelo in-

terior e fundando as primeiras povoações. No período de 1530 até os meados do século seguinte, aquele processo psicológico, a que acima nos referimos, foi acentuando os seus efeitos, e durante a guerra chamada holandesa, verificou-se que os brasileiros se uniam por um sentimento comum de defesa do seu território. A Pátria tinha nascido.

Entretanto, ainda não éramos uma Nação. Porque se Pátria é *sentimento,* Nação é *consciência.* Que consciência? A da diferenciação dos demais grupos nacionais. Essa diferenciação se funda na tradição própria, na vocação e temperamento do povo, nas aspirações visando a uma destinação histórica. Foi no século XVIII que a Pátria Brasileira se fez uma Nação.

A idéia nacional já começava a existir, de um modo vago, como se esperasse o seu intérprete. As grandes transformações históricas se realizam sempre quando um homem de gênio decifra as aspirações do seu povo e vê com nitidez realidades que os homens comuns não percebem.

O intérprete do Brasil foi *Alexandre de Gusmão,* diplomata no reinado de D. João V. Tendo sido o elaborador do Tratado de Madri, assinado pelos monarcas de Espanha e Portugal, em 13 de janeiro de 1750, introduziu naquele documento dispositivos que tornavam clara a existência do Brasil como Nação. O tratado não só consolidou juridicamente a nossa posse sobre o imenso território conquistado pelos Bandeirantes, como também, no seu artigo terceiro, reconhece a diversidade política entre o Brasil e a Metrópole, dizendo que, no caso de guerra entre Espanha e Portugal, as colônias espanhola e portuguesa, na América, não entrariam em guerra entre si.

A larga visão daqueles reis descobridores e colonizadores do mundo desconhecido até o século XV, percebeu o sentido dos argumentos que, certamente, Alexandre de Gusmão expendera no curso das discussões que precederam o Tratado. O Novo Mundo nada tinha a ver com os conflitos europeus.

Foi, portanto, o diplomata brasileiro, não apenas o intérprete da Nação nascente, mas de toda a realidade do nosso hemisfério, fazendo daquele dispositivo do Tratado, a fonte da doutrina pan-americana, mais tarde expressa

por Bolívar e proclamada por Monroe.

De tal modo Gusmão estava inspirado pela realidade, que a partir da segunda metade do século, começaram a surgir em nosso País movimentos em prol da Independência, sendo o mais destacado o da Inconfidência Mineira.

A consciência de diferenciação, que gera as Nacionalidades, foi, de maneira mais perentória, percebida, em relação ao Brasil, pelo rei D. João VI, quando, em 1799, segundo o sinaleiro da esquadra real autografado pelo Almirante Luís da Mota Feio, deliberou transferir-se para o Brasil.

Mas este assunto pertence a outro capítulo. O que desejamos assinalar nesta pequena lição é a significação diferente das palavras *País*, *Pátria* e *Nação*.

É verdade que, em tempos mais antigos, as Nações muitas vezes se formavam sem o processo de transformação da Pátria em Nacionalidade. Elas se formavam pelo agrupamento de famílias em torno de um totem, ou fetiche, objeto de sua fé politeísta; o totem da família mais preponderante tornava-se o tabu da tribo; as tribos se uniam para defesa comum e o tabu da mais forte delas se transformava em deus, sob cuja égide se organizava a Nação, com suas leis e ritos religiosos.

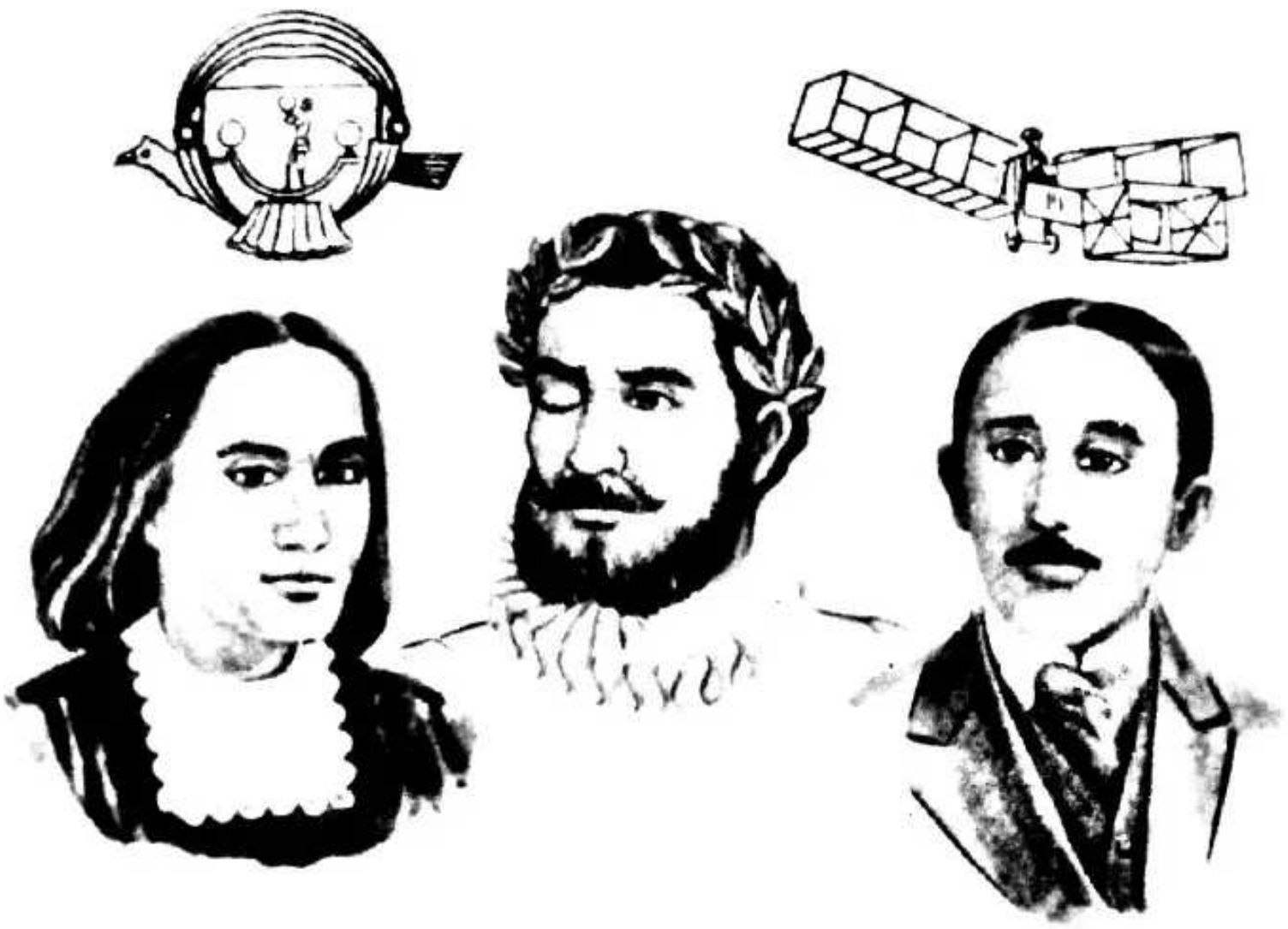
Mas aqui estamos nos referindo às Nações que surgiram depois dos descobrimentos portugueses e espanhóis e cuja formação obedeceu às três escalas do *processo psicológico*: *impressão* (País); *sentimento* (Pátria); *consciência* (Nação).

Esta consciência deve ser mantida pelo culto de nossas tradições, pela sustentação dos princípios cristãos na essência e nas estruturas de nossas instituições políticas, pela rememoração dos nossos heróis, por um idealismo superior que nos conduza para um futuro consoante ao papel que devemos representar no concerto internacional, segundo a vocação histórica que nos é própria.

QUESTIONÁRIO

1) Que é País? Pátria? Nação?
2) Como se processou o fenômeno da transformação do Brasil de País à Pátria e Nação?
3) Como se formavam as Nações, na antiguidade?
4) Quais são as escalas do Processo psicológico na formação das nações?

5) Como será mantida a consciência de Nação?



CAPÍTULO XII

PERSONALIDADE NACIONAL

Resumo

A personalidade se funda na memória e a memória das Nações é a sua História.

A História deve ser meditada e interpretada, para sabermos o que nos cabe fazer como participantes dela.

Manter a Tradição Nacional é garantir a independência da Pátria e o seu progresso.

Todos os povos têm um destino a cumprir. O do Brasil é o de ser continuador da obra civilizadora de Portugal, de onde proviemos.

É na tradição Nacional que estão as fontes da energia que vitaliza a personalidade de um Povo.

Vocabulário

DESMEMORIADO DE COLEGNO - Trata-se de um indivíduo que por ferimentos recebidos na Guerra Mundial de 1914-18, perdeu totalmente a memória, não sabendo dizer quem era. Uns afirmavam tratar-se do tipógrafo Brunelli e outros do Professor Canella. Especialistas de vários países acorreram a examinar o curioso caso, que entrou para a esfera da justiça pela

disputa de duas mulheres, cada qual reivindicando

riado como seu marido. Somente depois de alguns anos se verificou tratar-se do Professor Canella. ÉTNICAS - Relativo às raças. "LUSÍADAS" - Poema épico de Luís de Camões. Além de consistir na consolidação definitiva da língua portuguesa, apresenta um caráter de universalidade que o consagrou pela tradução em todos os idiomas das nações européias. Escrito sob a influência de Homero e de Vergílio, em muito supera a "Ilíada" e a "Odisséia" do primeiro e a "Eneida" do segundo, que são poemas mediterrâneos, ao passo que os "Lusíadas" são um poema oceânico de vasta amplitude. INFANTE DE SAGRES - Assim se designa o Príncipe D. Henrique, filho de D. João I e D. Felipa de Lencaster. Foi o maior vulto humano do seu tempo. Criou uma geração de navegantes e incutiu-lhes o amor às grandes aventuras marítimas, ao serviço da Pátria, da Civilização e de Deus. Fundou, para isso, a famosa Escola de Sagres, promontório meridional voltado para o Atlântico. ECUMÊNICO - Universal.

A noção da nossa personalidade se funda na memória. Quem sou? Que idade tenho? Qual a minha nacionalidade? Em que cidade vivo? Que profissão exerço? Qual minha origem familiar?

Se perdêssemos a memória, como aconteceu ao famoso desmemoriado de Colegno, não saberíamos identificar-nos.

O mesmo acontece com a Nação. *A memória das Nações é a sua História.* Um povo que ignora ou não recorda o seu passado, enfraquece-se, ou perde a sua personalidade de grupo humano nitidamente definido e esse é o primeiro passo para se tornar uma triste disponibilidade sujeita à conquista de uma Nação dominadora.

Podemos ainda dizer que a personalidade individual é uma relação do Passado e do Futuro. Que fiz ontem? Que devo fazer agora? Como poderei saber o que me compete praticar nas próximas horas, ou nos próximos dias, se não souber o que fiz nos dias e nas horas extintas?

O que chamamos Presente é o espaço brevíssimo entre o Passado e o Futuro. No instante em que pronunciamos uma frase ou palavra, no momento em que praticamos um ato, já o que foi falado ou praticado tornou-se Passado. Vivemos, pois, em função do que já aconteceu e do que deverá acontecer. E se isso se passa com a pessoa singular do Homem, também ocorre com uma Nação

Não basta *estudar a História;* é preciso *meditá-la*

interpretá-la para conhecer o que nos compete como agentes e participantes dela.

Essa a razão pela qual a *Tradição* é garantia da sustentação dos caracteres essenciais da psicologia de um Povo, da manutenção de suas virtudes e das aspirações constantes do seu *Progresso*.

O Progresso sem a Tradição não tem finalidade. Pensando bem, as duas palavras são sinônimas. Se Tradição, etimologicamente quer dizer passar para diante o que vem de trás, também o prefixo "pro" significa ir para diante, vindo de trás. Se disséssemos "regresso", seria o contrário, isto é, vir para trás, procedendo da frente, e se disséssemos "ingresso", diríamos vir de fora para dentro. Portanto, Tradição e Progresso se identificam e se confundem.

A Tradição oferece-nos a idéia do destino de um Povo. Porque os Povos têm cada qual seu próprio destino, ou missão histórica. O estudo da História Universal nos mostra que as diferenciações étnicas, as localizações geográficas, as diversidades psicológicas e circunstâncias econômicas assinalam o sentido da contribuição nacional na obra civilizadora da Humanidade. Deixando na Antiguidade, o Egito, a Grécia, o Império Romano, a Judéia, cada qual com missão específica no desenvolvimento da Ciência, das Artes, do Direito e da preparação do advento do Cristianismo, podemos verificar mais proximamente as Nações dos fins da Idade Média e começo da Renascença, desempenhando papéis dos quais dir-se-ia terem sido incumbidas pela Providência. Entre elas, Portugal e Espanha, que empreenderam as navegações e descobertas de continentes até então ignorados, aos quais levavam a Boa Nova da civilização cristã.

Das Nações Ibéricas, procedem as Nacionalidades do Novo Mundo, que se prendem à tradição dos nautas, cavaleiros, missionários e "daqueles reis que foram dilatando a fé e o império" no dizer de Camões.

O Brasil é, por conseguinte, um continuador da alta missão portuguesa dos *"barões assinalados que, da ocidental praia lusitana, por mares nunca dantes navegados, passaram ainda além da Traprobana, em perigos e guerras esforçados"* e *"mais do que permitia a força humana, entre gente remota edificaram novo reino que tanto sublimaram"*, conforme diz o poeta dos *"Lusíadas"*. Nem foi, talvez, por outro motivo que, tendo o Infante de Sagres

lançado caravelas sobre os oceanos, os

meu Lourenço de Gusmão, no século XVIII, e Santos Dumont no século XX, revelaram a todos os povos os segredos da navegação aérea.

Tudo isto indica bem claramente que o nosso destino histórico se vincula ao sentido ecumênico da ação portuguesa no mundo, não apenas com o objetivo material das descobertas, das colonizações e do comércio, mas principalmente com a finalidade de divulgar e sustentar os princípios cristãos, as normas do Direito, a ética das relações internacionais e a civilização baseada na compreensão de um humanismo perenemente novo.

A personalidade nacional brasileira, a sua força, a sua resistência, a sua firmeza, a sua invulnerabilidade e a sua necessária influência nas assembléias dos povos, a fim de que o Direito impere sobre a *Força* e a Paz se funde na *Justiça*, encontra, nas raízes da História e nas fontes da Tradição, os elementos da sua vitalidade.

Questionário

1) Que é a História?
2) Por que não é suficiente estudar a História, e, sim, meditá-la?
3) Que nos oferece a Tradição?
4) Qual o destino do Brasil na História do mundo?
5) Onde se encontram os elementos da vitalidade de um povo?

CAPÍTULO XIII

FORMAÇÃO DA NACIONALIDADE BRASILEIRA

Resumo

As Nações se constituem de "espaço" e "tempo": espaço geográfico e tempo histórico.

As origens da História do Brasil se encontram na fundação da Monarquia Portuguesa, no século XII, com a finalidade de dilatar a fé em Cristo e o império da sua lei.

Realizado esse objetivo na Península Ibérica, decorreram três séculos, quando o Infante D. Henrique, interpretando os motivos da existência do Reino, empreendeu levar a todas as partes do globo terrestre as luzes do Evangelho, dando início à epopéia das navegações.

Foi em conseqüência desse grande movimento de conquista dos mares e revelação de novos continentes, que ocorreu o Descobrimento do Brasil.

As aventuras marítimas se transformaram aqui em heróicas aventuras continentais, ou sejam o desbravamento e conquista de nosso vastíssimo território. Nesse período, começaram a nascer as cidades brasileiras.

Portugal preparou a futura Nação, não somente pela unidade da língua, mas incutindo-lhe o sentimento religioso e formando-lhe a consciência jurídica, ao mesmo tempo demarcando

nossas fronteiras com fortalezas que ainda hoje existem e que muito serviram a Alexandre de Gusmão e o Barão do Rio Branco para consolidar os limites de nosso patrimônio territorial.

Cumpre às novas gerações manter tão gloriosa herança de nossos antepassados, acrescentando-lhe novos valores.

VOCABULÁRIO

AFONSO HENRIQUES - Primeiro rei de Portugal, filho do Conde D. Henrique, de Borgonha, e D. Tereza, de Lião. Nasceu em 1111 e morreu em 1185. Sustentou a independência do novo reino contra pretensões espanholas e conquistou as terras ocupadas pelos mouros. **GUIMARÃES** - Cidade portuguesa, fundada no século X e sede do govêrno do primeiro rei português, no século XII, cujo castelo ainda se conserva. **AVIS** - Ordem de cavaleiros da qual era Mestre o príncipe D. João, filho de D. Fernando. Aclamado rei pelas cortes de Coimbra, foi o fundador da dinastia de Avis. **ASTÚRIAS** - Parte setentrional da Península Ibérica, a última conquistada pelos romanos, nos tempos de Augusto e a primeira a dar início à reconquista dos territórios ocupados pelos mouros, desde a destruição do império visigótico. **PELÁGIO** - Chefe do movimento militar de reconquista das Espanhas então sob o domínio dos mouros. **MAR TENEBROSO** - Assim chamado o Oceano Atlântico, onde a imaginação popular na Idade Média supunha existirem abismos e monstros. **CABO BOJADOR** - Promontório da África Ocidental, dobrado pela primeira vez por Gil Eanes, em 1434. **ÍNDIAS** - Denominação mal definida, que designa a península industânica e ilhas adjacentes. **COLOMBO** - Cristóvão Colombo, descobridor da América, em 1492. **PERO VAZ CAMINHA** - Escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral. A carta que enviou ao rei D. Manuel, cheia de informações e descrições pitorescas sobre a terra descoberta e sua gente, é tida como verdadeira certidão de batismo do Brasil. **MARTIM AFONSO DE SOUZA** - Navegador português, donatário da Capitania de São Vicente, que constitui hoje o Estado de São Paulo. **D. JOÃO III** - Monarca português, filho do rei D. Manuel. Orientado por sábios conselheiros, realizou hábil política na Ásia e desenvolveu a colonização no Brasil. Nasceu em 1502 e morreu em 1557. **ANCHIETA** - (Padre José de) - Notável jesuíta, um dos primeiros missionários do Brasil, cognominado Apóstolo das Selvas, nasceu em Tenerife (Canarias), em 1533, estudou em Coimbra, veio para o Brasil em 1553 e depois de uma vida de grandes trabalhos, morreu em Iriritiba, hoje Anchieta, Estado do Espírito Santo. **D. JOÃO IV** - Fundador da dinastia de Bragança, nascido em 1604 e falecido em 1656. Restaurou a independência de Portugal, que se achava então sob o domínio da Espanha, desde a morte, sem herdeiros, do Cardeal D. Henrique (1580-1640).

Qual a origem mais remota do Brasil? Deveremos remontar nossa existência nacional apenas ao momento em

que *Pedro Alvares Cabral* descobriu a nossa terra? Não

seria uma limitação que nos impediria de abranger o período em que se geraram as *"causas"* de que o Descobrimento foi um *"efeito"*?

As Nações se constituem de *"espaço"* e *"tempo"*. Espaço geográfico, tempo histórico. Poderemos dizer: o corpo e o espírito da Nacionalidade. E se, de armas em punho, defendemos o corpo, ou nossa área territorial, como abrir mão de quatro séculos de História, considerando-os exclusivamente portugueses, quando igualmente nos pertencem? A História do Brasil deve começar com as "causas" que determinaram a nossa formação nacional. Essas causas se originam no instante em que D. Afonso Henriques, no castelo de Guimarães, delibera acometer os mouros e desalojá-los da parte ocidental da Península Ibérica, fundando um novo Reino.

A reação contra o domínio muçulmano começara no oitavo século, nas *Astúrias*, sob o comando de *Pelágio*, alcançando sua primeira vitória em Cavadonga. As reivindicações visigóticas e o anseio cristão pela liberdade contra o domínio maometano estiveram sempre presentes no curso dos séculos. E agora, no século XII, Afonso Henriques empunhava a bandeira da Reconquista.

Seus êxitos militares determinaram a fundação da *Monarquia Portuguesa*. Mas o sentido das cruzadas subsistiu nos seus sucessores, visando à dilatação do Reino e à restauração do culto cristão. Mais três séculos correm, quando o Infante D. Henrique, ao alvorecer da dinastia de Avis, interpreta os motivos da fundação da Monarquia e a ação dos reis borgonheses. Era preciso continuar a dilatação da Fé e do Império, mas agora procurando novos mundos. Começa a epopéia marítima, a decifração do enigma do Mar Tenebroso. Em sucessivas gerações, os nautas dobram o Cabo *Bojador*, contornam o Continente Africano à procura do caminho das fndias; atingem o Cabo das Tormentas, acompanham a silhueta de *Moçambique*, alcançam o Golfo *Pérsico*, dirigem-se ao litoral indostânico, seguem o perfil da península até *Traprobana*, que chamamos hoje *Ceilão*, prosseguem até *Catai*, que conhecemos pelo nome de *China*, tomam contato com *Cipango*, agora conhecido por *Japão*. Por outro lado, descobrem, na *América Setentrional*, a terra do *Labrador*, colonizam as ilhas *Atlânticas* e um dia ultrapassam a *Terra do Fogo*, extremo meridional da América, atingindo o Pa

cífico, descobrindo as *Filipinas* e completando a circunavegação sonhada por *Colombo*. A grande preocupação dos nautas era *anunciar o Evangelho de Cristo*, conseguir batizar os naturais das terras descobertas.

Dessas aventuras marítimas, decorre o Descobrimento do Brasil. Por conseguinte, o episódio descrito por *Pero Vaz de Caminha* prende-se aos elos de uma série de acontecimentos que, por sua vez, estão vinculados ao espírito de um povo de navegantes, guerreiros e apóstolos. E esse é também o espírito da Nação Brasileira.

Quando, em 1830, *Martim Afonso de Souza* percorre o nosso litoral, dá início, na Capitania de *São Vicente*, à futura epopéia das Bandeiras, organizando a vida social e jurídica do planalto de *Piratininga*.

A colonização mais eficiente principia, entretanto, no reinado de D. João III, com o primeiro Governador Geral, *Tomé de Souza*, pelos meados do século XVI e mediante uma carta régia de alta clarividência e previsão do que seria nosso País no futuro. Começa o ciclo de formação das cidades brasileiras no litoral e no interior. Distingue-as o aspecto militar de defesa, o da organização municipal e o religioso da catequese e preservação dos costumes cristãos.

Não tarda o poema épico das *Bandeiras* que, já nos fins do século, com *Nicolau Barreto e Martim de Sá*, principiam as entradas no sertão. Abre-se o período que poderemos designar como o da integração territorial do Brasil. As empresas marítimas desdobram-se em empresas continentais. No curso do século XVII, sob a dominação espanhola (1580-1640), dilatam-se as áreas ocupadas pelos homens de São Paulo, típicos representantes da Renascença a atuar no Novo Mundo, mas conservando a fé religiosa que lhes incutiram os jesuítas, particularmente o Padre *José de Anchieta*, o incansável apóstolo das selvas. É uma raça de gigantes, oriunda dos cruzamentos europeu e ameríndio, como o *Anhangüera*, desbravador do Oeste; *Fernão Dias Pais*, cognominado "Caçador de Esmeraldas"; *Borba Gato*, os Irmãos *Leme*, o belicoso *Manoel Preto*, *Pascoal Moreira Cabral* e tantos outros, que seguiram, nas *"monções"*, os cursos dos rios, ou transpuseram as serras das Minas Gerais, ou infletiram sobre as regiões meridionais do Prata. Por todas as partes, os acampamentos se transformaram em cidades, sobretudo no ciclo

do ouro, em que nasceram as cidades de Minas, Goiás e Mato Grosso. Da Bahia, partiam os sertanistas para o interior, estabelecendo fazendas de gado; do Nordeste, saíam os exploradores das regiões do Jaguaribe e Parnaíba; do Pará, partia a expedição de *Pedro Teixeira,* subindo o rio Amazonas, subindo o Rio Negro, prosseguindo até o Peru e tomando posse das terras em nome da Coroa Portuguesa.

Avulta, entre todos, *Raposo Tavares,* verdadeiro Hércules do Novo Mundo. Seus itinerários assombram. Percorreu quase todo o território brasileiro. Dele se diz que, chegando ao Pacífico, exclamou: "se a mais terras não fui, é porque mais terras não havia".

À clarividente visão política de Portugal, devemos hoje o território que constitui nossa Pátria. Era a política da *"ocupação"*. Firmando os marcos de nossa posse, ainda hoje os fortes de Coimbra e do Príncipe da Beira, no extremo Oeste, e o de Tabatinga no extremo Norte, recordam a previsão de estadistas argutos, que tanto valeram à nossa Pátria por ocasião do Tratado de Madri, em 1750 e a delimitação definitiva de nossas fronteiras empreendida e realizada pelo *Barão do Rio Branco,* nos princípios deste século.

O século XIX foi o do desenvolvimento da nossa agricultura, determinando a fundação de novas cidades. Prolonga-se até os dias de hoje, tendo tido momento culminante com a organização das fazendas de café, que levou novos sertanistas a desbravar e povoar os sertões paulista, paranaense e matogrossense, seguindo os espigões divisores das águas dos afluentes da bacia do Prata. Mas em todos os ciclos de formação das cidades do Brasil, existe uma constante: *o sentimento religioso.* O povoado inicial se funda sob o patrocínio de um Santo, o orago ou padroeiro da paróquia. A ereção da igreja matriz é a preocupação máxima dos seus habitantes. Nas aldeias mais humildes, onde não há sacerdotes, erguem-se "capelas", nas quais as famílias se reúnem para rezar. As datas consagradas no calendário religioso são festejadas, nelas se incluindo as expressões do nosso folclore — danças e cantos que derivam de remotas raízes da literatura popular luso-brasileira, ou exprimem as mesclas raciais ou as circunstâncias econômicas de cada região.

O sentimento cristão é fundamental como traço histórico de expressão da personalidade nacional do Brasil. As Semanas Santas, nas velhas cidades mineiras são eloqüentes manifestações da permanência em nossa psicologia de povo do elemento essencial da unidade da Pátria. O culto a Maria Santíssima, que nos veio desde Cabral, em cuja nau capitânea trazia a imagem da *Senhora da Esperança,* e de Anchieta, que aqui escreveu o Poema da Virgem, prolongou-se através dos tempos como reminiscência do Fundador da Monarquia Lusitana com seu voto de dar às áreas conquistadas ao mouro a denominação de "Terras de Santa Maria" e, posteriormente, de D. João IV, que mandou inscrever em pedra, nas igrejas do Reino, a proclamação antecipada do dogma da Imaculada Conceição. Desde o Amazonas ao Rio Grande do Sul, as igrejas se iluminam no mês de maio e, por todo o território brasileiro se erguem os cânticos repassados de ardor religioso, de límpida poesia e de consciência nacional de nossas origens.

Além da fé religiosa, Portugal soube incutir, na futura Nação independente, uma consciência jurídica e um sentido político de ordem, que não somente nos tem preservado de desordens internas e deturpações da verdadeira democracia, mas também nos valeram, em nossas manifestações nas assembléias internacionais, como foi o caso de Rui Barbosa em Haia.

E assim foi, resumidamente, a formação da nacionalidade brasileira. Compete à atual geração manter os caracteres essenciais do Brasil. Constituem eles a herança que nos legaram os nossos antepassados. São riquezas do espírito que devemos conservar e acrescentar com renovados valores.

QUESTIONÁRIO

1) Quais as causas que determinaram nossa formação nacional?
2) Que idéia predominou na fundação da Monarquia portuguesa?
3) Cite as principais descobertas dos nautas portugueses.
4) Quando se inicia o ciclo da formação das cidades brasileiras?
5) Que sabe a respeito da epopéia das "Bandeiras"?
6) Como se deu a constituição do território de nossa Pátria?
7) Como preparou Portugal a Nação Brasileira?
8) Exemplifique como o sentimento cristão é fundamental no processo histórico brasileiro.
9) Que obrigações t[illegible]

5) Que obrigações têm as novas gerações na manutenção dos caracteres essenciais do Brasil?

CAPÍTULO XIV

EVOCAÇÕES HISTÓRICAS

RESUMO

O brasileiro, viajando pelo seu país, encontra, em cada cenário geográfico, recordações históricas, evocações de acontecimentos no transcurso da formação da Nacionalidade.

Desde o Planalto de Piratininga, teatro das partidas das monções e bandeiras que alargaram o território da Pátria, e da Baía de Guanabara, onde Estácio de Sá funda a cidade do Rio de Janeiro, e prolongando-se à cidade do Salvador, célula MATER da nacionalidade, e prosseguindo para o Nordeste, onde tudo nos fala da bravura dos brasileiros, expulsando os invasores no século XVII; e seguindo o curso do Amazonas, por cujas águas, em canoas a remo, penetraram até o Peru, nossos desbravadores; e, inclinando-se para os territórios de Goiás e Mato Grosso, que nos lembram as arremetidas dos sertanistas no rumo do Oeste; e derivando para o Sul, cujas coxilhas nos falam das guerras da Cisplatina e do Paraguai - o brasileiro encontra motivos para se orgulhar da sua origem e dos feitos de seus antepassados.

Tudo isso eleva nosso ardor patriótico e o desejo de continuarmos a obra dos que nos precederam, pela grandeza do Brasil.

VOCABULÁRIO

MONÇÕES - Entradas dos bandeirantes no sertão, em canoas, pelos cursos dos rios. NÓBREGA - Padre Manuel da Nóbrega, célebre jesuita, cujo nome se acha ligado à fundação das cidades

brasileiras (Bahia, Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro). Nasceu em 1517 em Portugal e morreu no Rio de Janeiro, em 1570. ANCHIETA - Notável jesuíta, um dos primeiros missionários do Brasil. Nasceu em 1533, em Tenerife, e morreu em 1597 em Iriritiba, Estado do Espírito Santo. A sua ação, na história brasileira, foi extraordinária. Com Nóbrega, fundou a cidade de São Paulo. PEDRO AMÉRICO - Pintor brasileiro, nasceu em Areias, Estado da Paraíba, em 1843. Foi também escritor e cientista, combatendo, pela ciência, o materialismo do século. Suas telas principais são o "Grito do Ipiranga" a "Batalha do Avaí" e a "Batalha do Campo Grande". ARARIGBÓIA - Chefe indígena, aliado aos portugueses, que se destacou nos combates à invasão francesa, ao lado de Estácio de Sá. VILLEGAIGNON - Almirante francês, nasceu em 1510 e morreu em 1570. Ligado a Calvino e ao almirante Coligny, tentou fundar uma colônia protestante na América, desembarcando no Rio de Janeiro, onde foi batido pelos portuguêses. ORDEM DA ROSA - Condecoração instituída por D. Pedro I, por ocasião de seu casamento com D. Amélia, segunda imperatriz do Brasil. MONT'ALVERNE - Célebre orador sacro do Brasil. Nasceu no Rio de Janeiro em 1784 e morreu em 1858. Tendo cegado, em 1836, retirou-se do púlpito, mas em 1854, a instâncias do Imperador, produziu o memorável sermão consagrado como obra prima da literatura brasileira e que começa pela frase "É tarde, é muito tarde". JOÃO CAETANO - Ator brasileiro. Nasceu em 1808 e morreu em 1863. É considerado o príncipe da arte dramática, no Brasil. ALEIJADINHO - Famoso escultor e arquiteto brasileiro, nasceu em Ouro Preto, em 1730 e morreu em 1767. Representa a mais alta expressão da arte barroca, não só no Brasil como no mundo. Sua estatuária em Minas Gerais provocou verdadeira consagração artística, em Paris, elevando-o à fama mundial. TAUMATURGO - Que faz milagres. COMPANHIA - Abreviatura usada para designar a Companhia de Jesus (Jesuítas). CARAMURU - Nome dado pelos indígenas brasileiros a Diogo Álvares o que significa "filho do trovão", pelo fato de o português haver desferido um tiro de arcabuz. ANTÔNIO VIEIRA - Célebre orador sacro do século XVII, hábil político e diplomata. É uma das autoridades clássicas da língua portuguesa. CADEIRINHAS - Veículos sem roda, com duas hastes na frente e duas atrás, no meio das quais iam dois carregadores. No século XVIII, atingiram grande luxo, com finos estofos e pinturas. LITEIRA - Era uma cadeirinha um tanto maior, levada por animais, e era usada mais para viagens. ENCOURADOS - Famoso batalhão de roupas de couro, que desempenharam relevante papel nos combates pela expulsão do general Madeira da Bahia. PATÉTICO - Que move os afetos, incita as paixões. Cena, espetáculo ou discurso comovente. CANTO DO PIAGA - Famosa poesia de Gonçalves Dias. ORELLANA - Navegador espanhol que penetrou o Amazonas. NIBELNNGEM-CISPLATINA – Nome dado à província brasileira que hoje constitui a República do Uruguai.

Que brasileiro poderá ficar insensível se, contemplando as águas do *Tietê*, caminho líquido dos Bandeirantes,

evocar as *"monções"*, que partiam para a conquista do Oeste, ou demorando o olhar sobre o perfil da Mantiqueira, lembrar-se de que foi galgada pelos sertanistas do vale do Paraíba, fundadores das cidades mineiras de Ouro Preto, São João del Rei, Sabará, Diamantina?

Qual de nossos patrícios não evocará, no planalto de *Piratininga*, as figuras de *Nóbrega e Anchieta*, evangelizando os selvagens e fundando a cidade do Apóstolo? E, na colina do *Ipiranga*, não se sentirá comovido, reproduzindo mentalmente o quadro de Pedro Américo, onde o Príncipe e sua Guarda de Honra, lançam aos horizontes da Pátria o grito de "independência ou morte"?

Por todo o território nacional há lugares sagrados pelos episódios que se encadearam, tecendo a História do Brasil. Se vamos ao *Rio de Janeiro*, surge-nos a imagem de Estácio de Sá, junto à Urca, a de Ararigbóia, comandando seus índios flecheiros, as silhuetas das naus francesas e portuguesas dos tempos de Villegaignon e ouvimos o canhoneio dos fortes, o rumor das batalhas campais, com gritos selvagens e tiros de arcabuz. Vemos o desfilar dos Vice-Reis, construindo aquedutos e fortalezas, que se conservam até hoje de pé. Assistimos à chegada de D. João VI, acompanhado de estadistas ilustres, como os Condes de Linhares e da Barca. Rememoramos os dias agitados da Independência e do Primeiro Império; passam por nossos olhos os velhos titulares, e aquelas dragonas, aquelas espadas que estão em panóplias nos museus de armas, entre retratos de almirantes e generais de gran-cruzes e colares da Ordem da Rosa. Perpassam na tela de nossa imaginação, como num filme, os grandes do Segundo Império: D. Pedro II, adolescente, depois em idade madura, finalmente de barbas brancas; e, em torno dele, o Parlamento rumoroso, as crises ministeriais, e as vozes de Mont'Alverne no púlpito, de João Caetano no teatro, de Cotegipe, Zacarias, Paranhos, Itaboraí, Torres Homem, Ferreira Viana, Rui Barbosa, Andrade Figueira e Joaquim Nabuco, na tribuna parlamentar. Vemos a República: Deodoro, Benjamim, Quintino, Campos Sales, Prudente, Glicério.

Passando por *Petrópolis*, a caminho de *Minas*, temos, no Museu Imperial, os aspectos dos salões e das solenida-

des no curso do século XIX: sobre-casacas austeras,

tidos e saias rodadas, finas mantilhas e leques rendilhados, e sentimos a vida social de outrora. Chegando a Juiz de Fora, encontramos no Museu Mariano Procópio, além do mobiliário antigo e telas coevas, o grande quadro da passagem dos Inconfidentes Mineiros algemados, por aquela estrada que agora mesmo percorremos.

Mas é preciso visitar as cidades de Minas. Em *Congonhas do Campo* o século XVIII ergue a voz eloqüente de pedra na estatuária do *Aleijadinho*, que assinala o esplendor do ciclo do ouro e convida-nos a penetrar nos mistérios de Minas Gerais. Demandamos Ouro Preto e, ali, vibra o sentimentalismo brasileiro. Pisamos este chão com respeito. Aqui ressoaram os passos de Tiradentes, de Cláudio Manuel da Costa, de Tomás Antônio Gonzaga. E os passos leves de Marília... Aqui se ouviram os versos dos poetas da Arcádia. E lá está a casa onde sussurraram abafadamente as vozes da conspiração. Tudo nos fala da Inconfidência: a grande praça, onde pedaços do corpo de Tiradentes foram expostos; o palácio dos Capitães Generais, as ruas tortuosas que sobem pelas encostas, a Casa dos Contos, com a masmorra onde esteve preso Cláudio Manuel. As igrejas se erguem imponentes, falando-nos em estilo barroco, dando-nos a mensagem do Passado.

E, se vamos a Sabará, a São João del Rei, a Diamantina, são os mesmos discursos de pedra e dos altares de talha dourada, cantando o poema da raça, convidando-nos a ser brasileiros.

Vamos para o *Norte*, passando pelo *Espírito Santo*. O Convento da Penha, no alto penhasco, recorta-se no azul do céu, repetindo as narrativas da guerra holandesa e acontecimentos dos séculos XVII e XVIII. Mas cumpre-nos peregrinar até *Reritiba*, ou *Iriritiba*, onde Anchieta viveu os últimos anos de sua vida. Este solo é santificado. Junto ao rio e a casa onde morreu o Taumaturgo, nosso pensamento caminha para o século XVI e vemos os índios carregando aos ombros a padiola onde vai o corpo daquele que tanto os amou.

Nossa viagem prossegue na direção da *Bahia*. Chegamos a Salvador. E logo vemos Tomé de Souza, rodeado de índios, cocares e flechas, guerreiros reinóis, sotainas negras da Companhia. Nas águas azuis, não vemos os sa-

veiros, nem as lanchas ou navios a vapor: vemos altas

caravelas de panos enfunados que ostentam a Cruz de Cristo. Ali está a igreja erguida pela Paraguaçu e logo nos vem à mente a infeliz Moema, morta de amor naquelas águas que levam, para a Europa, Caramuru e a vitoriosa rival. A cidade galga a montanha. As igrejas riquíssimas e numerosas pontilham os aglomerados urbanos. Nobres solares acastelados e palácios antigos exprimem a linguagem do passado. A voz do Padre Antônio Vieira retumba no século XVII e chega até nossos ouvidos. Esquecemos a vida presente, os progressos desta grande capital, os automóveis que se cruzam, os transeuntes que enchem ruas e praças, os palácios modernos, porque nosso patriotismo está dizendo: por aqui passaram os Vice-Reis, até a transferência para o Rio de Janeiro. E vemos cadeirinhas douradas, liteiras luxuosas, requintes de vestuário, soldados e frades, negros e índios: o Brasil nascendo, crescendo, preparando-se para o futuro. No Campo Grande, onde se comemora o 2 de julho, nosso pensamento ressuscita os vultos de Lima e Silva, Labatut, revive a esquadra de Cochrane, nos últimos episódios da Independência, com a marcha dos "encourados" e a retirada das tropas de Madeira. E, mais tarde, o perfil de Castro Alves, declamando seus versos patéticos.

Prosseguindo na direção setentrional, surgem, em nossa memória, as personagens da guerra holandesa abrangendo as regiões de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte: Filipe Camarão, André Vidal de Negreiros, Henrique Dias, símbolos das três raças irmanadas no mesmo sentimento nacional. E, sob a supervisão de João Fernandes Vieira, de Francisco Barreto, e por toda a extensão dilatada desde a *Bahia* e o *Maranhão,* pipocam as guerrilhas contra o domínio estrangeiro. Aquele mar de tom verde, que põe no horizonte as delicadas tintas de azul e violeta, foi o cenário das batalhas em que se empenharam as esquadras espanholas, portuguesas e flamengas. Ele ouviu o grito do comandante holandês: "O oceano é a única sepultura digna de um almirante batavo". Ele viu a figura imponente do Príncipe de Nassau. Mas eis-nos em Recife; e ali perto, as colinas de *Guararapes* narram a grande batalha decisiva em que se polarizaram todas as energias da Pátria nascente.

Todo o Nordeste é um poema de heroísmo, de deci-

são, de sacrifício, escrito com sangue por amor ao Brasil.

E atingindo o Maranhão, esse amor se exprime em versos: "Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá!". E o vulto de Gonçalves Dias se eleva aos olhos do nosso espírito, ao percorrermos a cidade de São Luís, com seus casarões vetustos, ao viajarmos pelos vales do Mearim, do Pindaré, ensombrados de babaçus, de buritis, que desfraldam as bandeiras verdes de suas palmas. E o "Canto do Piaga" desperta, em nosso coração, o sentimento de defesa das nossas tradições.

Entramos pela *Amazônia*. É o mundo misterioso que fascinou Orellana, que atraiu Pedro Teixeira. Ei-lo, o fidalgo português, com suas setenta canoas, acometendo o mistério, decifrando a esfinge. Cantam em nossos ouvidos, ao longo do Rio-Mar, às margens de seus afluentes, nas entranhas da floresta, cortadas de igarapés, as toadas raciais, evocando as lendas da Cobra Grande, do Boto, do Tajapanema, que formam, como o Nibelungem, tecido de elementos místicos e lendários, o maravilhoso Poranduba.

Atingimos o *Acre*, o único Estado que é brasileiro por vontade própria. Já os nossos governantes se haviam conformado em cedê-lo. Os acreanos se levantaram. Por estas paragens ressoa a voz de Plácido de Castro: "Já proclamei a independência do Acre e dela, nós, acreanos, só abriremos mão, se tivermos de ser anexados ao Brasil, nossa Pátria".

Derivando para o *Sul* e subindo o rio Guaporé, nossa alma de brasileiros vibra de pura emoção, ao contemplarmos o Forte Príncipe da Beira, erguido por nossos antepassados. É uma praça de guerra quadrada, com quatro baluartes, demarcando os territórios de Oeste ocupados pelos sertanistas. A previsão dos nossos maiores determina nossa responsabilidade histórica no sentido de conservar íntegro o patrimônio físico da Pátria e, mais ainda, o espírito que vivificou a ação dos construtores do forte, pois esse espírito constitui a própria força sustentadora da unidade nacional.

Mais para o Sul, já em terras de *Mato Grosso*, à margem do rio Paraguai, outro marco de nossos limites se erige: é o forte de Coimbra, revelando a mesma intenção política de posse de nossa herança geográfica.

O espírito nacional em tudo se revela. A unidade da Pátria em tudo se manifesta. E, caminhando mais para o

sul, a alma do Brasil se mostra viva e presente na recordação dos onze de Antônio João, que resistiram sozinhos ao poderoso exército paraguaio, merecendo, depois de mortos, as homenagens dos próprios adversários.

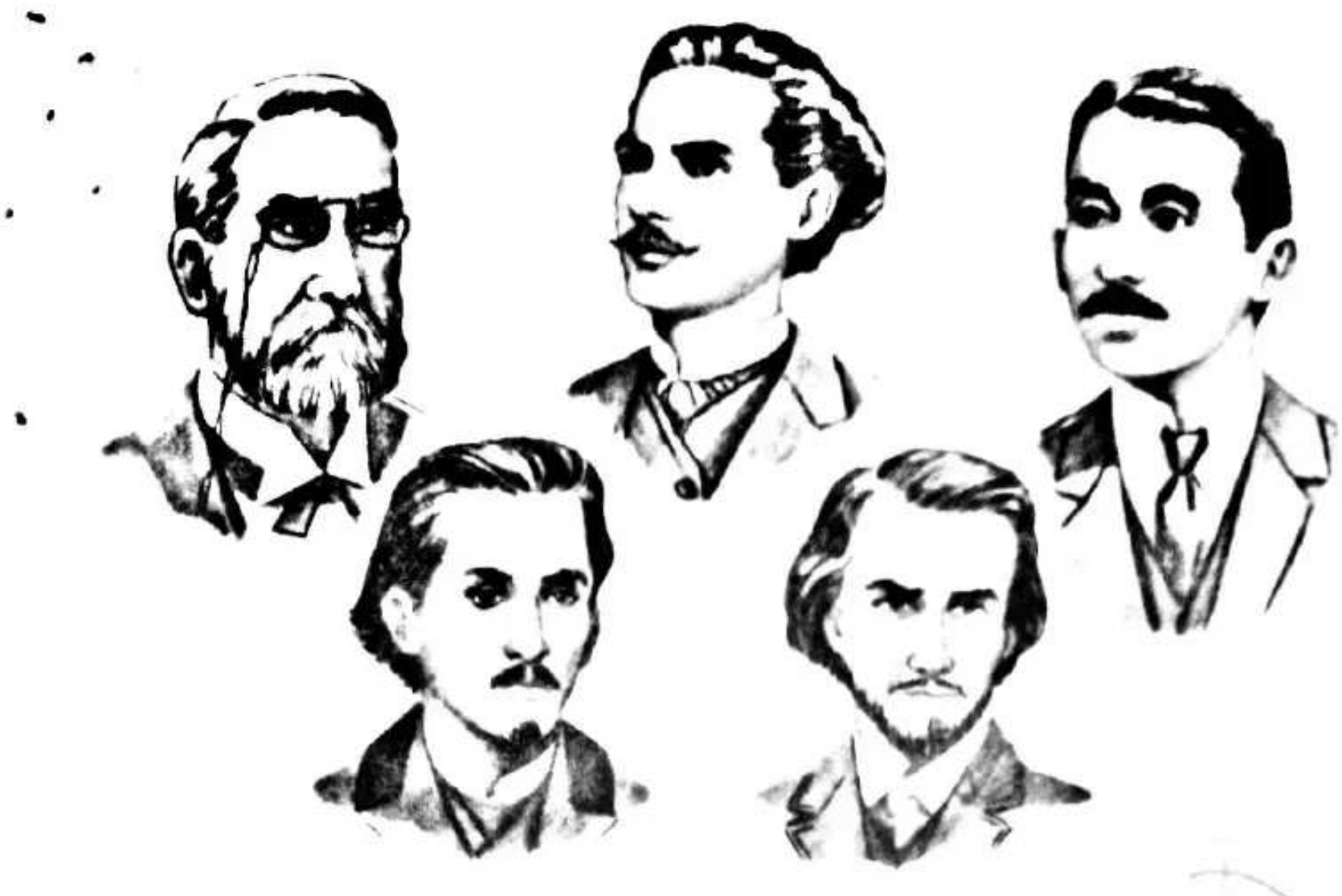
Transpondo o rio *Paraná*, tudo nos fala das Bandeiras Paulistas que conquistaram os sertões do *Tibagi* e as reduções do *Guaíra*. E, passando a *Santa Catarina*, evocamos a caminhada do famoso Cabeza de Vacca, desbravador do território até o Paraguai.

Mas, entrando no *Rio Grande do Sul*, surgem em nossa memória todas as lutas, desde o Primeiro Império e mesmo anteriormente no Reinado de D. João VI, nas guerras da Cisplatina. Perpassam pela nossa imaginação os heróis da guerra dos Farrapos e, posteriormente, os da guerra do Paraguai. Aqui as paisagens falam de entreveros e batalhas: o gaúcho, como um centauro, galopando com a lança heróica. Nestas fronteiras do Sul, erguem-se as figuras de Osório, de Argolo, do Barão do Triunfo. E tudo recorda a guerra contra Lopes, em cujo tumulto se alevantam os perfis inolvidáveis de Caxias, Tamandaré e Barroso.

O sentido da unidade da Pátria, a consciência de nosso destino político, o sentimento da Nação elevam o nosso espírito e compreendemos não ser possível marchar para nosso Futuro, sem termos presentes as recordações de nosso passado histórico.

QUESTIONÁRIO

1) Que figuras históricas evoca a passagem por Piratininga e Rio de Janeiro?
2) Quais as principais evocações históricas de Minas?
3) E da Bahia? Mato Grosso e Goiás?
4) Que personagens lembra a guerra holandesa?
5) Que lembra o Nordeste? a Amazônia?
6) Por que o brasileiro, ao percorrer o sul do país, encontra motivos de orgulho de sua origem e de seus feitos?
7) Qual o sentimento a predominar na lembrança de nossas evocações históricas?



CAPÍTULO XV

PARA CONHECER O BRASIL

RESUMO

Não se poderá conhecer o Brasil sem a leitura dos escritores que o revelaram em seus livros: romancistas e poetas; historiadores e sociólogos; naturalistas e viajantes.

Essas leituras nos darão conhecimento da vida social brasileira, dos costumes de nosso povo, da sua evolução histórica, da sua psicologia, assim como as noções sôbre a geografia, a geologia, a antropologia, a etnografia, a botânica e a zoologia do nosso País.

Convém tomar nota dos escritores indicados neste capítulo. A lista é incompleta, mas oferece os rumos de leitura que levarão a outras igualmente úteis.

VOCABULÁRIO

ANTROPÓLOGO - Dedicado à ciência da antropologia, que é a história natural do homem. ETNÓLOGO - Estudioso da etnografia, ciência das raças humanas. GEÓLOGO - Estudioso da geologia, ciência das estruturas da terra. BOTÂNICO - O que estuda a botânica, ciência dos vegetais. ZOÓLOGO - Dedicado ao estudo dos animais (zoologia). CLÁSSICOS DA LÍNGUA - Chamam-se autores clássicos os que servem de modelo à linguagem. Entre outros, podemos citar, em nosso idioma: Camões, Luís de Souza, Damião de Góis, João de Barros, Francisco Morais, Ber-

nardim Ribeiro, Sá de Miranda, Antônio Veira, Manuel Bernardes, Garret, Herculano, Castilho; no Brasil: entre muitos outros, os dois grandes mestres Rui Barbosa e Machado de Assis. INDIANISTA - Diz-se da literatura que versa motivos ligados ao índio brasileiro. CONDOREIRO - Dá-se este nome à escola literária de que, entre nós, foi Castro Alves o expoente máximo. A forma e o estilo são altissonantes, buscam a eloqüência, como os altos vôos do condor. LÍRICO - Diz-se dos poetas que expandem seus sentimentos de amor. INDIVIDUALISMO ROMÂNTICO - O romantismo foi um movimento literário que, rompendo com a discrição e conveniências dos clássicos, deu largas à exteriorização dos sentimentos individuais e, muitas vezes, das paixões. NACIONALISMO ROMÂNTICO - Ao transplantar-se o romantismo para o Brasil, ele teve, na sua primeira fase, um caráter nacionalista. Não era, como na Europa, o indivíduo que se expandia, mas a nacionalidade. BARROCA - Arte cujo nome provém de uma pérola irregular. É uma deturpação do estilo clássico ou greco-romano. Distingue-se pela exuberância de ornatos, pelo retorcimento de colunas, pela riqueza excessiva dos motivos tratados, revelando intenção de dar à arquitetura uma expressão grandiloqüente. Começou nos fins do século XVII e predominou durante o século XVIII, principalmente no tempo de Luís XV, em França, e D. João V, em Portugal. No Brasil, se encontram as manifestações mais significativas da arte barroca. BYRONEANA - Relativo a Byron, poeta inglês do século XIX. PARNASIANA - Escola literária francesa de que faziam parte Teófilo Gauthier, Lecomte de Lisle, Heredia, Banville, e cujo objetivo era realizar a arte pela arte, reagindo contra quaisquer liberdades de forma e estilo. Os seus representantes, no Brasil, foram Luís Delfino, Raimundo Correia, Bilac, Alberto de Oliveira, Vicente de Carvalho, Guimarães Passos, Emílio de Menezes, e outros. MODERNISTAS - Poetas pertencentes a várias correntes todas em contraposição às formas clássicas do verso, tais como o futurismo, o dadaísmo, o expressionismo, o abstracionismo, o concretismo. Também na prosa como na pintura, na escultura e na música se verificou idêntico movimento. SIMBOLISTA - Relativo ao simbolismo, escola literária que reagiu contra o rigor da forma parnasiana, procurando exprimir livremente os sentimentos mediante imagens exteriores representativas de estados de alma do poeta. DIDÁTICO - Relativo à didática, ou arte de ensinar. FASTOS - Registro de fatos ou obras memoráveis. MESSIANISMO SEBASTIANISTA - Depois da batalha de Alcácer-Kibir, em que desapareceu o rei D. Sebastião, correram lendas segundo as quais o monarca ainda voltaria de surpresa. Essas lendas criaram um estado de espírito de constante espera e atingiu o Brasil até os dias de hoje, como se verifica nas cantigas dos sertanejos anotadas por Euclides da Cunha. TEOGONIA - Conjunto de divindades. AUTÓCTONE - Natural da terra ou do país. FOLCLORE - Estudos das crenças, costumes, usos, lendas, mitos, cantos, danças e superstições populares. SETORIAIS – Relativo a setor, ou parte. Visão incompleta ou fragmentada.

Ninguém ama o que não conhece. Para amar o Brasil, é preciso conhecê-lo, nas suas realidades históricas,

sociológicas e econômicas. Para obter esses conhecimentos, os jovens devem recorrer aos seguintes tipos de leituras: poetas e romancistas; historiadores e sociólogos; naturalistas (antropólogos, etnógrafos, geólogos, botânicos e zoólogos); e, finalmente, livros de viagens escritos por nacionais e estrangeiros.

Evidente que, a tudo precedendo, está o convívio com os clássicos da nossa língua, tanto portugueses como brasileiros, pois o bom sabedor dos segredos e recursos do idioma já terá dado grande passo para entender as peculiaridades da nossa raça, as raízes ibéricas da nossa formação nacional e a prodigiosa unidade da Pátria revelada na unidade da fala que, apenas superficialmente, se diferencia nas leves tonalidades regionais.

Isto posto, convém ter em vista que os grandes intérpretes da alma nacional são os seus poetas e romancistas. Entre os primeiros, devemos colocar, na fase romântica, o indianista *Gonçalves Dias*, o condoreiro *Castro Alves* e o lírico *Fagundes Varela*.

Do autor do *"Canto do Piaga"*, diremos, repetindo as palavras de *Ronald de Carvalho*, que ele "nos integrou na própria consciência nacional, dando-nos a oportunidade venturosa de olharmos, rosto a rosto, nossos cenários físicos e morais". É o poeta da Independência, transfigurando o individualismo romântico europeu em nacionalismo romântico do Novo Mundo.

O cantor das *"Espumas Flutuantes"*, ainda tido como um poeta social, empenhado na campanha da Abolição, é poderoso pintor das nossas paisagens e a sua lírica traz cunho de autêntica brasilidade.

Mas é em *Fagundes Varela* que a alma brasileira se manifesta de maneira mais definitiva, revelando o sentimentalismo da nossa gente, descrevendo os ambientes provincianos e particularmente os da roça, exprimindo-se numa linguagem corrente e simples, já isenta dos lineamentos clássicos do autor da *"Canção do Exílio"* e da grandiosidade barroca do bardo das *"Vozes da África"*. Não sofre também a influência byroneana de *Álvares de Azevedo* (cujas obras devem ser conhecidas pelos moços para terem noção do que era a mentalidade dominante na vida estudantil de São Paulo do seu tempo) e, em relação ao fluminense *Casimiro de Abreu*, o maior dos intér-

pretes da sensibilidade brasileira, diremos que o lírico de

"Primaveras" representa a poesia adolescente, ao passo que *Varela,* com ágil desenvoltura estilística e vivência mais ampla no meio social, representa a poesia adulta e de envergadura mais firme.

Da poesia parnasiana, mais preocupada com o culto da forma, exatamente como os nossos atuais modernistas, pouco teremos a considerar como expressões do nacionalismo, à exceção de certos temas versados por alguns dos grandes expoentes da escola, como o *"Caçador de Esmeraldas"*, de *Olavo Bilac.* Talvez os simbolistas, apesar da influência dos franceses e belgas, hajam trazido em suas poesias mais substância brasileira, como se nota em *Alphonsus de Guimarães, Mário Pederneiras* e *B. Lopes.*

No fichário dos romancistas devem os moços colocar, inicialmente, o autor de *"Iracema"* e do *"Guarani".* Além das obras de caráter indianista, *José de Alencar* oferece, nos romances de costumes, quadros e cenas nacionais dignos de nota. Do mesmo modo, *Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães* e *Machado de Assis* e os que realizaram experiências no teatro, como *França Júnior,* ou *Martins Pena.* Recomendável também é a leitura de *Coelho Neto, Graça Aranha, Inglês de Souza, Franklin Távora, Domingos Olímpio, Xavier Marques, Lima Barreto,* e os regionalistas gaúchos e nordestinos.

Passando para o cámpo da História e da Sociologia, convém principiar pelos didáticos e expositivos, cronològicamente dando início com o *Visconde de Porto Seguro* que, apesar de acusado por demasiadamente afeito à Casa de Bragança, realizou obra conscienciosa de pesquisas, superando as tentativas de *Southey,* completando e atualizando os que, desde *Rocha Pita* e *Frei Vicente do Salvador* lavraram no mesmo terreno. Em seguida, os mais recentes: *Capistrano de Abreu, Rocha Pombo, Afrânio Peixoto.* Inclua-se na lista: *Afonso Taunay,* inventariante escrupuloso que nos dá noção do que foram as Bandeiras Paulistas; *Oliveira Lima,* pela sua clarividência na recomposição de fatos históricos até então deturpados, e *Gustavo Barroso,* pelo ardente patriotismo que inspiram seus livros sobre os fastos militares do Brasil. Para maior conhecimento da vida brasileira, no Segundo Império, sejam lidas as obras de *Joaquim Nabuco ("Um estadista do Império"* e *"Minha formação"); de Campos Sales ("Da propaganda à Presidência"); do Conde de Afonso Celso*

("Oito anos de parlamento"); de *Oliveira Viana ("O ocaso do Império")*. A esses livros se devem acrescentar a coleção *"Brasiliana"*, da Cia. Editora Nacional; os *"Documentos Brasileiros"* da Editora José Olímpio; a série do gênero da Livraria Martins; e várias edições da Cia. Melhoramentos.

Não tivemos, até hoje, uma filosofia da História, abrangendo os três elementos de sua formação: o determinismo, ou encadeamento dos fatos segundo as circunstâncias mesológicas e as infra-estruturas econômicas, o livre arbítrio do Homem atuando sobre aquelas circunstâncias, e o providencialismo, relativo a tudo o que escapa das imposições do meio físico e da própria vontade do Homem. Essa concepção integral da História está a pedir um escritor do tipo do historiador português *João Ameal* que, recentemente, na sua *"História de Portugal"*, estabeleceu novos critérios ao estudo dos acontecimentos e à sua interpretação.

Falamos atrás de Oliveira Viana. É indispensável a leitura de todas as suas obras. Raramente aparece um espírito de tão ampla visão dos problemas nacionais, como foi o escritor fluminense. Historiador, sociólogo, crítico das instituições políticas, ele continuou, com maior área de ação e maior rigor científico, o trabalho de seu coestaduano *Alberto Torres*. Para se ter idéia do processo de formação da nacionalidade brasileira, sejam lidos a *"Evolução do Povo Brasileiro"* e *"Populações meridionais do Brasil"*; para se ter noção das idéias políticas do País, leiam-se *"O idealismo da Constituição"*, *"O idealismo na evolução política do Império e da República"*. Não esquecer *"Pequenos estudos de psicologia social"* e *"Raça e Assimilação"*.

Tem-se a impressão de que o sentido geral da obra de Oliveira Viana deriva de Alberto Torres. Sejam lidos, pois, os livros deste, *"Organização Nacional"* e, sobretudo, *"O problema nacional brasileiro"* e *"As fontes de vida no Brasil"*.

Esse Estado do Rio, de alto sentido nacional e profundo sentimento de brasilidade, que já nos dera no Império, além de grandes vultos de estadistas, os dois poetas genuinamente brasileiros (Casimiro e Varela), fecha o

triângulo dos seus mais notáveis valores com a
figura de *Euclides da Cunha.*

"Os Sertões" constituem imperecível monumento, assinalando as diferenciações da terra e do homem do Brasil. Livro escrito em estilo adequado à grandeza do assunto, filia-se literariamente à arte barroca, no seu frondejamento, opulência verbal e pormenorização descritiva. Denuncia o desequilíbrio entre o litoral e os amplíssimos interiores. Define o sertanejo e traça-lhe o perfil psicológico. Descobre, nas raízes do messianismo sebastianista que dominou o século XVII, as fontes das nossas esperanças à procura das instituições e governos em consonância com as realidades do País. Obra de geógrafo, geólogo, historiador, sociólogo, rasga o panorama do Brasil sob seus aspectos paisagísticos e humanos.

Para complementar o estudo sobre Euclides, é preciso ler ainda *"À margem da História"* e *"Contrastes e confrontos"*. Ver-se-á, comparando as obras euclidianas com as de Alberto Torres e Oliveira Viana, que os três fluminenses são movidos por um só pensamento: a restauração do equilíbrio na vida nacional.

Torres quer ver as instituições ajustadas às realidades sociais e políticas; *Viana,* examinando as estruturas da sociedade brasileira, quer harmonizar o passado e o presente, segundo novas circunstâncias, dando à nossa democracia um sentido de organicidade; *Euclides,* evidenciando a nossa unidade na diversidade do meio físico e do meio social, aspira a uma integração de valores de que resulte o ritmo vital da nacionalidade.

Mas a compreensão do Brasil não seria totalizada sem a pesquisa dos elementos raciais componentes do nosso grupo nacional. Para isso, é necessário ler *Couto de Magalhães e Barbosa Rodrigues*. Os estudos gramaticais da língua tupi realizados por Anchieta, Simão de Vasconcelos, Montoya, Batista Caetano, Stradelli e muitos outros, são subsídios aos quais se pode recorrer. Mas Couto de Magalhães em *"O selvagem"* e Barbosa Rodrigues em *"Poranduba"*, através de lendas e fábulas, oferecem os dados essenciais da psicologia e da teogonia do nosso índio. Esse conhecimento é da maior importância, pois ainda que o europeu e o africano entrem na composição inicial da raça brasileira, o selvagem autóctone constitui o denominador comum dos cruzamentos. Os remanescentes das escassas tribos do Brasil Central e da Amazônia, muito pouco ou nada representam em compa-

ração com o contingente de sangue, nas transfusões continentais, operadas desde o século XVI. As populações indígenas só desapareceram aparentemente, mas se integraram no sangue dos Bandeirantes e vivem nas profundezas da alma nacional, nas próprias características fisionômicas de nordestinos e amazonenses, no temperamento altivo e indomável daqueles grupos humanos e dos que se constituíram no Sul. O estudo sobre o elemento africano será encontrado em *Nina Rodrigues* que deu base científica às suas investigações.

Outros autores devem ser indicados para o conhecimento do Brasil: *Pandiá Calógeras,* economista e sociólogo, um dos grandes sabedores dos nossos problemas; *Elísio de Carvalho,* em cujas páginas sopra um nacionalismo sadio; *Pires do Rio,* que em seu livro sobre os combustíveis, explica as razões do progresso dos países que possuíam hulha, no período da revolução industrial baseada no ferro e no aço, destruindo assim o complexo de inferioridade de nossos patrícios, quando atribuíam essa diferença à superioridade racial de outros povos; *Ronald de Carvalho,* grande poeta e ensaista, com larga visão do Brasil e das Américas; *Jackson de Figueiredo,* propugnador da ordem, inspirado pela doutrina cristã e pelas tradições nacionais; *Eduardo Prado,* ensaista atilado e seguro; *Tavares Bastos,* o das *"Cartas do Solitário"*, obra de crítica e pensamento construtor, dedicado às futuras gerações.

Para iniciação ao estudo do nosso folclore, sejam lidos *Melo Morais, Sílvio Romero* e o repórter genial *João do Rio.* Para uma noção geral sobre a terra e a gente brasileira, é ler os viajantes estrangeiros: *Humboldt, Martius, Agassiz, Wallace, Saint Hilaire,* não se esquecendo das cartografias de *Barleus* (século XVII) e as famosas gravuras de *Debret* e *Duverger* (século XIX).

Sabemos que esta lista é incompleta, mas o trato com estes autores levará a outros para um conhecimento integral do Brasil.

Escapando à esfera das pesquisas históricas, sociológicas, geográficas, literárias e políticas, e entrando no espaço das cogitações filosóficas, devemos mencionar *Leonel Franca* e *Farias Brito.* O primeiro visiona os problemas universais humanos e nacionais brasileiros, à luz da doutrina católica e firma critérios interpretativos com ra-

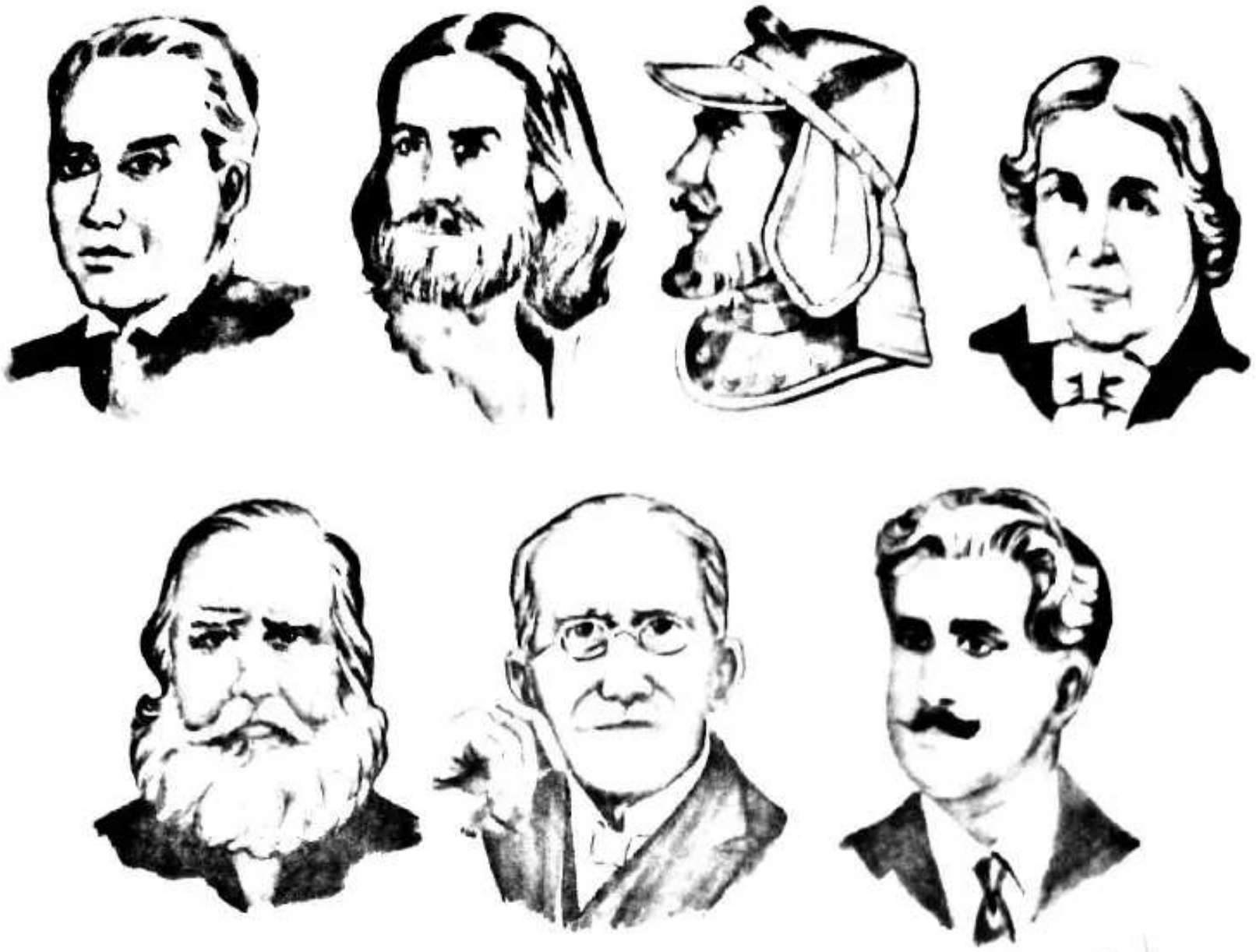
ra lucidez e lógica segura; o segundo, foi o grande crítico das filosofias do século XIX, o propulsionador do movimento do neo-espiritualismo no Brasil.

Farias Brito enfrentou e combateu os mitos do seu tempo: o evolucionismo, as doutrinas materialistas, na obra intitulada *"Finalidade do mundo"* e orientou o pensamento brasileiro em *"A verdade como regra das ações"*, *"Base física do espírito"*, *"Ensaios sobre o conhecimento e a realidade"* e *"Mundo interior"*. Para uma época, como a nossa, em que a filosofia se subordina a experiências setoriais das investigações científicas, a leitura do grande filósofo brasileiro abre novos horizontes para uma visão mais exata do Universo e do Homem.

NOTA: Esta lista contém nomes de escritores já falecidos. Propositadamente não falamos dos vivos, deixando isso a cargo dos professores aos quais incumbe diretamente a formação moral e cívica das novas gerações.

QUESTIONÁRIO

1) Como se poderá conhecer e amar melhor o Brasil?
2) Quais são os grandes intérpretes da alma nacional? de que modo?
3) Cite os principais parnasianos?
4) Quais são os principais romancistas brasileiros?
5) Como historiadores e sociólogos quem mais se ilustrou no Brasil? com que obras?
6) Que acha de "Os sertões" de Euclides da Cunha?
7) Quem mais se ocupou das lendas e fábulas indígenas?
8) Entre os filósofos, quem mais se sobressaiu?



CAPÍTULO XVI

HERÓIS NACIONAIS

RESUMO

Herói não é apenas o guerreiro ou o homem que pratica façanhas extraordinárias, mas também aquele que se distingue pelas suas virtudes ou talentos.

O culto dos heróis engrandece a Pátria e estimula seus filhos para que também se engrandeçam, imitando aqueles que foram grandes pelos seus feitos.

Numerosos são os heróis brasileiros que se notabilizaram na guerra ou na paz, no desbravamento dos sertões, na luta contra os invasores, na ação de estadistas, nas realizações científicas, nas criações artísticas.

A êles devemos render nossas homenagens e procurar pautar a nossa vida de acordo com o que eles nos ensinaram pela palavra e pelo exemplo.

VOCABULÁRIO

CARLYLE - Escritor inglês. Nasceu em 1795 e morreu em 1881. **HOMÉRICAS** - Relativo a Homero, poeta grego, para mui-

tos lendário. A ele se atribuem a "ILÍADA", que descreve a g... ra de Tróia, e a "ODISSÉIA", onde narra as aventuras de Ulisses. Usa-se essa palavra para designar o que é demasiadamente

grande. AUTÓCTONES - Assim se designam os naturais de uma terra ou país. CATEQUESE - Instrução religiosa. ARCADES - Ainda que os literatos da Arcádia tivessem atuação no século XVII, é costume dar-se aos do século XVIII no Brasil a mesma designação, tanto pelos temas pastoris que adotavam, como pela forma literária em que os vazavam. A chamada Escola Mineira é comumente designada como a dos poetas arcádicos.

A palavra herói procede do grego (heros) e inicialmente era empregada para designar os semideuses, como Hércules, Aquiles, Enéias. Posteriormente foram incluídos na sua acepção os grandes guerreiros, como Milcíades, Temístocles, Leônidas. Estendeu-se, entretanto, o seu significado, passando-se a indicar, com esse nome, os que se distinguem por suas virtudes, nobreza de alma e caráter irrepreensível, assim como os que se elevaram, fora do comum, pela sua inteligência e realizações.

O *culto dos heróis* foi considerado, na Grécia Antiga, como uma *obrigação cívica*. Aos heróis eram oferecidos sacrifícios, nas festas denominadas "heroon". O *Cristianismo* tem os seus heróis nos *Santos;* as *Nações* possuem-nos nas altas expressões humanas de seus guerreiros, estadistas, cientistas, filósofos, artistas, que honraram a Pátria por seus trabalhos e sacrifícios.

O escritor inglês Carlyle, no seu livro *"Os heróis"*, atribui toda a marcha da História à ação individual desses homens excepcionais, que geraram acontecimentos e os dirigiram.

Se uma Nação não rende homenagens aos seus filhos ilustres, que contribuíram para sua grandeza, perde, pouco a pouco, nas gerações desmemoriadas pelo utilitarismo e pelo egoísmo, a consciência do que representa e da sua própria destinação histórica.

Seria longo rememorar todos os heróis nacionais brasileiros, mas em pequena lista e breve nota informativa, podemos dar às novas gerações uma idéia dos grandes vultos que construíram a Nacionalidade e imprimiram sentido ao desenvolvimento da nossa História.

Começaremos nos séculos XVI e XVII nos quais se destaca a ação sôbre-humana dos Bandeirantes e dos Mis-

latadores do nosso território, são inolvidáveis as figuras

de *Nicolau Barreto, Martim de Sá, Manuel Preto, Antonio Rapôso Tavares, Fernão Dias Pais, Borba Gato, Bartolomeu Bueno* (o Anhangüera), *Pascoal Moreira Cabral,* os irmãos *Leme, Rodrigues Arzão, Pascoal Pais de Araújo, Lourenço Castanho, Francisco Pedro Xavier* e, pelo mundo amazônico, *Pedro Teixeira.*

A vida e ação de cada um desses heróis constituem verdadeiras façanhas homéricas. Enfrentando o desconhecido, penetrando florestas, lutando contra animais selvagens, tribos indígenas ferozes, moléstias tropicais, palmilharam o território de nossa Pátria, descobriram minas, formaram fazendas, plantaram cidades. Sua memória deve ser reverenciada pelos brasileiros.

Dos heróis missionários falam as crônicas das Ordens Religiosas, principalmente as da Companhia de Jesus. Foram homens excepcionais, que do mesmo modo que os Bandeirantes, enfrentaram as asperezas de longas marchas em nossa área territorial, conviveram com as tribos autóctones, estudaram seu idioma, iluminaram-lhes os espíritos com a luz do Evangelho, sofrendo muitos o martírio. Tão grande é o número deles, muitos mencionados em relatos que nos chegaram provindo do nosso Passado, outros desaparecidos na obscuridade deixando apenas de si os resultados da catequese e da civilização, que para render a todos o culto que merecem deveremos tomar como símbolos do grande apostolado as figuras de *Nóbrega* e de *Anchieta,* cuja memória todos os brasileiros devem fervorosamente reverenciar.

Não nos devemos esquecer dos nossos guerreiros. Eles se distinguiram, no século XVI, exprimindo-se nos másculos perfis de *Tibiriçá,* de *Caiubi,* de *Ararigbóia* e *Estacio de Sá.* Marcaram sua presença no século XVII, com *André Vidal de Negreiros, Filipe Camarão* e *Henrique Dias,* nas lutas contra os holandeses, nas quais se distinguiram também com grande denodo *Francisco Barreto, Fernandes Vieira, Bagnuolo,* entre os muitos heróis de uma luta prolongada, que terminou mostrando o valor dos brasileiros.

No século XVIII, temos duas expressões máximas da nossa Nacionalidade: *Alexandre de Gusmão,* o hábil di-

plomata, o artífice do Tratado de Madri, que consolidou juridicamente a nossa posse sobre o imenso território do

Brasil, e o Alferes *Joaquim da Silva Xavier*, cognominado *Tiradentes*, cujo sacrifício se tornou o símbolo das aspirações nacionais pela Independência.

No século XIX, dois vultos principais se elevam: a do Príncipe Regente, *D. Pedro*, que às margens do Ipiranga lançou o grito de *"Independência ou morte"* e a de *José Bonifácio de Andrada e Silva*, a quem devemos, por sua política hábil, a nossa Unidade Nacional. Não olvidaremos, nesse passo da nossa História, o preparador da nossa emancipação, que foi o rei *D. João VI*, a colaboradora de D. Pedro, sua esposa *D. Leopoldina*, e personalidades eminentes como *Clemente Pereira, Gonçalves Ledo, Evaristo da Veiga, Januário da Cunha Barbosa, Antônio Carlos, Martim Francisco, Lima e Silva*.

No transcorrer do 1.º Império, da Regência e do 2.º Império, avultam os nomes de *Diogo Antônio Feijó*, consolidador da ordem; de *Luís Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias*, soldado ilustre nas guerras da *Cisplatina* e do *Paraguai* e, sobretudo, na pacificação do País de que resultou a consagração da Unidade Nacional; *D. Pedro II*, monarca de virtudes austeras, elevada cultura, dedicação à Pátria, senso político, espírito de justiça, compreensão das realidades nacionais, cujo governo elevou o nível da mentalidade de nossos homens públicos, iniciando a Nação na prática do sistema democrático e mantendo, pela ação do Poder Moderador, o equilíbrio necessário à paz interna e ao desenvolvimento do País; *Tamandaré*, herói das batalhas navais, hábil diplomata, que se tornou símbolo (como Caxias, do Exército) da nossa Marinha de Guerra; *Osório*, marquês do Herval, protótipo da bravura e do patriotismo, artífice de vitórias nos campos de batalha; *Barroso*, Barão do Amazonas, chefe da nossa esquadra, vencedor da famosa batalha do *Riachuelo*, dedicando toda a sua vida ao serviço do Brasil; e, na linha luminosa dessas vidas ilustres, humildes personagens, como *Antônio João*, que pereceu com onze soldados num combate contra uma tropa poderosa; *Marcílio Dias*, o marinheiro intrépido, morto na batalha do Riachuelo, depois de ter arrebatado a Bandeira Brasileira das mãos dos paraguaios e tê-la hasteado no mastro do navio; o jovem tenente *Greenhalgh*, que arrebata o pavilhão auri-verde das mãos do inimigo e morre a ele enrolado.

A esses heróis da guerra e da paz, justo é alinharmos os nomes dos grandes estadistas do Império, entre os

quais enumeraremos *Bernardo de Vasconcelos, Marquês de Caravelas, Marquês de Monte Alegre, Marquês de Olinda, Marquês do Paraná; Paranhos, visconde do Rio Branco, Saraiva, Dantas, Cotegipe, Zacarias, Itaboraí, João Alfredo, Ouro Preto...* Não nos esqueceremos do *Visconde de Mauá* (Irineu Evangelista de Souza), o grande propulsionador do progresso do Brasil. Teremos presente a memória de *Jaguaribe, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa.* Nem deixaremos de mencionar a *Princesa Isabel*, emancipadora da escravatura, nem os abolicionistas que em outro capítulo já vêm citados.

Na *República,* temos que pôr os olhos em *Oswaldo Cruz* e *Pereira Passos,* saneadores do Rio de Janeiro, no *Barão do Rio Branco,* chamado o "deus *terminus* da Nacionalidade", porque dirimiu todos os conflitos de limites de nosso País; *Rui Barbosa,* que em Haia fez vencer a tese brasileira da igualdade jurídica das Nações; *Santos Dumont* que, em 1905, revelava ao mundo os segredos da navegação aérea; *Rondon,* que prosseguiu na rota de Couto de Magalhães, penetrando os sertões e integrando o selvagem na civilização; *Pandiá Calógeras,* ministro da guerra paisano, o maior de todos, ao mesmo tempo sociólogo, financista, filósofo.

No campo das artes e da literatura, avultam as figuras de *Pedro Américo, Víctor Meireles, Almeida Junior,* para só falar dos mais antigos, como índices da pintura brasileira; *Carlos Gomes* — o máximo gênio musical do nosso País — e posteriormente *Nepumuceno* e *Vila Lobos,* compositores de fama mundial; e, como heróis nas letras: os árcades da Escola Mineira, *Santa Rita Durão, Porto Alegre, Odorico Mendes, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Casimiro de Abreu, Castro Alves, José de Alencar, Machado de Assis, Euclides da Cunha, Aluísio de Azevedo, Olavo Bilac, Vicente de Carvalho, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Luís Delfino, Cruz e Souza, Guimarães Passos, Alphonsus de Guimarães,* isto para citar apenas alguns nomes.

Nas ciências, temos os nossos heróis em *Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Belisário Pena, Emílio Ribas, Nina Rodrigues, Max Fleuss, Teodoro Sampaio, Lutz, Cruls, Tito Lívio de Castro,* e mais anteriormente, *José Bonifácio, Alexandre Ferreira, Ferreira da Câmara,* avultando

Frei *Conceição Veloso*, que centralizou, em Lisboa,

os esforços de cultura científica, agregando em torno de si valores como *Fernandes Pinheiro, Vicente Coelho Seabra, Manuel Jacinto Nogueira da Gama*, todos empenhados no estudo das ciências naturais.

No que concerne à História, avultam nomes eminentes, entre os quais destacamos o de *Varnhaghen, Visconde de Porto Seguro, Rocha Pombo*.

No setor da filosofia, temos a figura principal em *Farias Brito*. Na dos estudos dos problemas nacionais, *Tavares Bastos, Alberto Torres, Oliveira Viana, Calógeras, Pires do Rio, Elísio de Carvalho, Eduardo Prado*, para só citarmos alguns, com exclusão dos vivos.

Não nos referiremos aos estadistas da República, por serem todos quase nossos contemporâneos, nem aos cientistas, escritores, artistas, homens públicos e militares vivos ou recentemente falecidos. Basta a enumeração que fizemos, talvez com alguma omissão involuntária, para têrmos noção da galeria de heróis nacionais brasileiros, cujo culto nos confere uma clara consciência nacional.

QUESTIONÁRIO

1) Que é um herói?
2) Qual o resultado, para a juventude, do culto aos heróis?
3) Cite os principais heróis militares, literatos, cientistas estadistas e artistas brasileiros.

CAPÍTULO XVII

NOSSAS ORIGENS RACIAIS

Resumo

O Brasil tem origens raciais as mais nobres. Seu povo descende dos desbravadores dos oceanos e dos continentes, que realizaram a maior epopéia marítima de todos os tempos. Do cruzamento dessa raça poderosa e idealista com os ameríndios, resultou um tipo humano de grande valor: os bandeirantes, que conquistaram para nossa Pátria o imenso território que constitui a sua base física. A contribuição do africano foi também boa, por tudo quanto ele trouxe de capacidade de trabalho e de simpatia humana.

As correntes imigratórias que vieram depois são constituídas de alemães, italianos, sírios, japoneses. Os alemães reataram entre nós a tradição visigótica dos povos que se estabeleceram no norte de Portugal; os italianos nos religaram a nossas origens latinas; os sírios aos nossos vínculos arábicos, tão evidentes no sul de Portugal; os japoneses, às nossas recordações da evangelização de S. Francisco Xavier no Extremo Oriente, além de se assemelharem etnicamente aos nossos índios.

O progresso das nações setentrionais se deve exclusivamente a possuírem hulha, no período do século XIX em que o carvão-de-pedra entrava decisivamente na fabricação do ferro e do

aço.

Os países meridionais não possuíam hulha, pelo que ficaram em atraso, enquanto os do Norte do planeta progrediam.

O brasileiro que renega suas origens raciais é indigno e demonstra ignorância e baixos sentimentos.

VOCABULÁRIO

ALBERTO TORRES - Estadista e escritor brasileiro. Nasceu em 1866 e morreu em 1917. Autor dos livros "Organização Nacional", "O problema nacional brasileiro", "As fontes de vida do Brasil" e outros da maior importância para o estudo do nosso país. ULISSES - Herói grego, rei lendário de Itaca. Depois de suas façanhas na guerra de Tróia, empreendeu aventuras marítimas, de que fala a "Odisséia" de Homero. É tido como o fundador de Lisboa (Ulissipona). MAR TENEBROSO - Assim era chamado o Oceano Atlântico, completamente desconhecido até o século XIV. As lendas medievais atribuíam-lhe mistérios e diziam que nele havia abismos e dragões. Os portugueses o desvendaram. COLUNAS DE HÉRCULES – Assim chamado, na Antiguidade, o estreito hoje designado com o nome de Gibraltar, procedente do general árabe Gibel-al-Tarique, que o atravessou, vindo da África, para conquistar a Espanha. VISIGODOS - Povo de origem germânica. VIRIATO - Herói lusitano. Venceu, em numerosas batalhas, os exércitos de Roma. De tal sorte foram suas vitórias e tão formidáveis os seus feitos que, no ano 140 antes de Cristo, os romanos enviaram ao grande guerreiro dois embaixadores que puseram veneno no vinho de que se servia o herói. E foi somente assim que Roma conseguiu submeter as Espanhas. ÍNCLITA GERAÇÃO - Denominação que se deu aos jovens príncipes D. Duarte, D. Pedro, D. Fernando e D. Henrique (o navegador) e à juventude que, no século XIV, iniciou a epopéia das navegações portuguesas. AVIS - Ordem religiosa-militar fundada por D. Afonso Henriques. A segunda dinastia portuguesa tomou esse nome, por ser o príncipe D. João, aclamado rei com o nome de D. João I, mestre daquela ordem. MALAIA - Raça espalhada na península de Malaca e pelas ilhas de Sonda, ao sul das Filipinas - ORDENAÇÕES - Antigas leis portuguêsas compiladas em códigos. D. JOSÉ I - Rei de Portugal, filho de D. João V e de D. Maria. Seu governo foi assinalado pelo imenso poder exercido por seu primeiro ministro Marquês de Pombal. LÍDIMO - legítimo. CASTIÇO - puro. PIRES DO RIO - Escritor e estadista brasileiro.

É comum ouvirmos, de certos brasileiros, esta vergonhosa assertiva: "fomos colonizados por um povo incapaz cujo cruzamento com raças inferiores, o índio e o negro, produziu uma raça indolente, indisciplinada, sem idealismo, provindo daí todos os nossos males". E acrescentam, numa autodegradação: "Se fossem holandeses ou

ingleses que nos tivessem colonizado, teríamos atingido o progresso que os Estados Unidos realizaram".

Nada mais falso. Nada mais revelador de ignorância e, mais do que tudo, de baixeza de sentimentos e falta de caráter e de dignidade.

Já Alberto Torres, no seu livro, "*O problema nacional brasileiro*" chama-nos a atenção para êsses irresponsáveis que adotam teorias racistas de povos estrangeiros em detrimento da nossa Nacionalidade.

Quem não se orgulha de seus pais é filho degenerado. Mas esse justo orgulho reclama conhecimento de nossas origens. E nossas origens são lídimas e castiças.

Se examinarmos o globo terrestre em toda a zona tropical, não veremos nenhuma civilização igual à brasileira, o que demonstra a alta capacidade dos portugueses no sentido da colonização e da preparação cultural de uma futura Nacionalidade. Deus pôs no mapa da América do Sul três mensagens eloqüentes para que nos orgulhássemos da nossa origem lusitana: são as *Guianas Francesa, Holandesa e Inglesa,* exatamente os três povos que tentaram, com incursões marítimas e terrestres, apoderar-se do Brasil. São os três países mais atrasados do Continente.

Ao contrário, nós constituímos um imenso território, de mais de oito milhões de quilômetros quadrados, com absoluta unidade de língua, de consciência jurídica e religiosa, de costumes que nos foram transmitidos por aquele povo extraordinário, de uma bravura indomável e de um sentido universalista como nenhum outro revelou na História.

A epopéia das Navegações realizada pelos portugueses ultrapassa a todos os poemas homéricos. Êstes têm por teatro apenas o Mar Mediterrâneo, ao passo que o desbravamento dos oceanos, na sucessividade das aventuras marítimas de Portugal, abrange o cenário de todo o globo terrestre.

Com apenas um milhão de habitantes, um exíguo território, a Nação de Heróis, Missionários e Poetas, lançou ao mar milhares de intrépidos nautas, decifrou o mistério do *Mar Tenebroso,* completou, ampliando-a, a façanha de Ulisses, quando tentava transpor as Colunas de Hércules na direção do Ocidente. Como capacidade eugênica e energia racial, não existe outro exemplo na Histó-

ria e se algum povo pretendesse competir com os portu-

gueses, seria o seu irmão espanhol, que igualmente se abalançou às conquistas dos mares e cujo sangue também entrou na formação do povo brasileiro.

Somos ibéricos e lusíadas, vinculados à tradição daqueles Reis em cujo império o sol nunca se punha. Em nossa ancestralidade, estão os Cavaleiros da Reconquista Peninsular, oriundos da raça dos visigodos conquistadores das Espanhas, no declínio do Império Romano. Em nosso remoto passado, estão os guerreiros de Viriato, o herói da resistência ibérica que, à frente de suas tropas, derrotou todos os exércitos poderosíssimos enviados pela Roma Imperial, que contra tão ilustre guerreiro só pôde usar do expediente de envenená-lo. Decorridos dez séculos, os cavaleiros portugueses, capitaneados por D. Afonso Henriques, fundam a monarquia lusitana com o sentimento cristão de disseminar o Evangelho pelo Mundo. Na genealogia do Brasil, encontra-se a *"ínclita geração"* que, desde a dinastia de Avis, empreendeu as viagens "por mares nunca dantes navegados". A poderosa raça luso-brasileira acomete os sertões do Novo Mundo. Lega-nos o *enormíssimo território* e, mais do que isso, a *unidade da língua,* a *consciência jurídica,* através das *Ordenações do Reino, a fé cristã* e o *sentido da indivisibilidade da Grande Pátria.*

Temos do que nos orgulhar. E nem se venha com o sediço argumento de que os primeiros colonos enviados para o Brasil eram criminosos mandados em degredo. Se alguns para aqui vieram nessas condições, foi as mais das vezes por motivos políticos. Mas a preponderância dos que vinham ao Brasil, conforme demonstrou o historiador paulista *Almeida Prado,* era constituída de gente da melhor estirpe e nem seria possível o empreendimento dos primeiros engenhos de açúcar, a fundação das primeiras cidades, a penetração dos sertões, a obra da catequese do silvícola sem que, para isso, não houvera elementos humanos de primeira ordem. O Brasil começou a exercer tal sedução sobre os portugueses, que se tornou necessária a provisão de março de 1565, recomendando às naus, que iam ou vinham da Ásia, não aportassem no Brasil, pois o pessoal de bordo fugia para a terra.

Em 1583, já se contavam, como elemento civilizador,

25 mil brancos e 18 mil índios catequizados e integ-
no meio social. A estes se juntavam 14 mil negros.

Também não temos do que nos envergonhar da contribuição indígena e africana à formação da Nacionalidade. As tribos selvagens tupis ou tapuias, que povoavam o território brasileiro, além de fisicamente fortes, revelavam nobres sentimentos de honra, de pundonor, de altivez. Não é preciso ler a *"Canção do Tamoio"*, de *Gonçalves Dias*, ou a *"Iracema"* e *Ubirajara"*, de *José de Alencar*, para se ter idéia do caráter e da nobreza do índio brasileiro. Basta ler os historiadores, em seus relatos objetivos e sem intenções poéticas, para encontrarmos, desde 1530, as figuras patriarcais de Tibiriçá e seu irmão Caiubi, fundadores com Anchieta e Nóbrega da cidade de São Paulo. Seguem-se, nessa galeria de heróis, numerosos guerreiros e chefes, como Ararigbóia, ao lado de Estácio de Sá, na guerra contra a invasão dos franceses, ou Camarão, indomável batalhador contra a ocupação holandesa do Nordeste. Em relação ao negro, é ler a página épica da república dos *Palmares*, é contemplar o vulto grandioso de Henrique Dias, para que vejamos o valor do africano, trabalhador humilde na paz, soldado valente na guerra.

A Nação Brasileira, como o rio Amazonas, foi-se avolumando no correr dos tempos, com os afluentes raciais que entraram na composição de seu corpo social. São as correntes imigratórias. A primeira delas nos reinados de D. José I e D. Maria I, foi a dos açorianos, dirigida para o Sul. A segunda, no reinado de D. João VI foi a dos suíços, que fundaram Nova Friburgo. A terceira, foi a de alemães, que principiou sua entrada no governo de D. Pedro I e prosseguiu através do século XIX. A quarta foi a de italianos, vindos para São Paulo e Rio Grande do Sul. Concomitantemente deram entrada, no Brasil, os sírios-libaneses. Finalmente, foi o ingresso dos japoneses.

De cada uma dessas raças que mesclaram seus sangues com o das populações oriundas do conúbio euro-afro-americano, recebemos contribuições que enriqueceram o nosso patrimônio social. Pelos germânicos, reatamos a nossa tradição visigótica, tão marcada nas populações do Minho e Trás os Montes, de olhos azuis e cabelos louros. Pelos italianos, acentuamos nossas características latinas,

o amor à agricultura, o culto das artes, o espírito familiar. Pelos sírios-libaneses, ligamo-nos às fontes árabes de que também proviemos, desde o estabelecimento dos mou-

ros na Península Ibérica de que ainda remanecem os tipos humanos atuais do Algarve e do Alentejo. Pelos japoneses, remontamos a São Francisco Xavier e às primeiras comunidades cristãs do Extremo Oriente, além de reatarmos no século XX uma composição étnica, elaborada nos séculos XVI e XVII, com as características fisionômicas asiáticas ou malaias, evidentes em nossos índios. Tôdas essas raças trouxeram, para enriquecer o Brasil, a sua experiência de séculos, a sua cultura. O meio ambiente, essa irresistível atração da terra brasileira completaram a obra da assimilação, da transfusão dos sangues e do espírito dos povos.

Agora a pergunta: mas por que não progredimos como os Estados Unidos e as nações setentrionais da Europa? Responde-nos Pires do Rio, no seu livro *"O Combustível"*, demonstrando-nos que o progresso das nações, no século XIX, dependeu da existência da hulha em seu subsolo, a qual facilitava a fundição do ferro e do aço. O advento das máquinas, no século passado, exigia ferro. Tínhamos passado o ciclo do ouro e entrávamos no ciclo do ferro. Viu D. João VI o problema básico do Brasil, instalando, em Sorocaba, a primeira fundição do metal que iria dominar o futuro. Faltava-nos, porém, o carvão. Mais tarde, descobrimos escassas minas no Sul, mas era hulha de inferior qualidade.

No ano da nossa Independência, os Estados Unidos começavam a sua exploração de hulha, produzindo as primeiras 50 mil toneladas no Estado da Virgínia. Hoje, a sua produção corresponde à metade de toda a produção mundial.

Quem tem hulha tem ferro, quem tem ferro tem máquinas, quem tem máquinas tem indústrias e transportes, que tem indústrias e transportes, tem dinheiro, quem tem dinheiro tem instrução, saúde, padrão de vida mais alto.

Entretanto, sob o ângulo da energia racial, o Brasil revelou-se muito mais forte, muito mais capaz do que os Estados Unidos. A colonização e organização da agricultura naquele país foi fácil. Havendo hulha e ferro, lan-

çavam-se os trilhos; e quando a locomotiva apitava [illegible] moto sertão, vinham os lavradores e fundavam suas fazendas à margem da via-férrea. O transporte estava ga-

rantido. E nós? Com as maiores jazidas de ferro do mundo, sem poder explorá-las, por não termos carvão? Nós com as tropas de burros e os carros de bois, realizamos a segunda façanha bandeirante, no curso do século XIX, fundando fazendas, fazendo brotar cidades no mapa. Se isto não é um valor racial dos mais formidáveis, não se pode aquilatar nenhum outro.

O sociólogo mexicano *José de Vasconcelos*, em seu livro intitulado *"Raça Cósmica"*, prevê, para o futuro, uma raça constituída de todos os povos do mundo e a localiza na faixa subequatorial da América, ou seja no Brasil. Ela realizará a grande civilização dos próximos séculos.

As observações e dados científicos apresentados por aquele escritor levam-nos à convicção de que a sua previsão é exata. Devemos, portanto, com espírito alevantado, com absoluta fé em nosso porvir, preparar-nos para a grande missão da Pátria Brasileira.

Através de todas as dificuldades presentes e naturais ao crescimento de uma Nação, tanto quanto ao crescimento de uma pessoa, o Brasil será grande em virtudes, em cultura, em superior idealismo. Descendemos de povos fortes e inteligentes, idealistas e realizadores. Trazemos em nosso sangue a nobreza de nossas origens. E devemos combater as idéias de todos aqueles que, apontados, por Alberto Torres, perdem o brio e a dignidade, quando renegam a glória de descendermos, inicialmente, dos *"barões assinalados"* que, *"por mares nunca dantes navegados"*, *"em perigos e guerras esforçados, mais do que permitia a força humana, entre gente remota edificaram novo reino que tanto sublimaram"*.

QUESTIONÁRIO

1) Como são nossas origens? Por quê?
2) Quais as mensagens colocadas por Deus para que nos orgulhemos de nossa origem lusitana?
3) Qual foi o legado que nos deixou Portugal?
4) Donde proveio o progresso das nações setentrionais?

5) Por que não houve, no Brasil, semelhante progresso?
6) Como se revela, no Brasil, o valor de nossa gente?

CAPÍTULO XVIII

FUNDAMENTOS BRASILEIROS DA DEMOCRACIA

Resumo

É na Idade Média que vamos encontrar as fontes mais remotas da democracia e das modernas constituições.

A harmonia dos três Poderes, o Legislativo, o Executivo e o Judiciário constitui o penhor das liberdades públicas e privadas.

As revoluções européias, dos princípios do século XIX, eram movimentos de contensão de abusos e de excessos oriundos da Revolução Francesa. De fato, a Constituição representava o centro de equilíbrio, a fixação de limites não só aos poderes governamentais como ao individualismo excessivo.

O Brasil sofreu a influência dessa característica revolucionária. Desde D. Pedro, antes da Independência, a revolução constitucionalista brasileira toma dois aspectos: o das aspirações constitucionais e o da reação contra as Cortes portuguesas que pretendiam fazer voltar o Brasil à condição de colônia.

As lutas da Independência estão todas vinculadas à idéia de uma Constituição. Igual fenômeno se nota na proclamação da República.

Tanto o Parlamento como os governos constitucionais ou advindos de fatos excepcionais devem agir com prudência e moderação na reforma da Carta Magna para não lhe fazer perder

a confiança do povo.

O essencial está em dar expressão viva e ativa à consciência jurídica da Nacionalidade.

VOCABULÁRIO

GUILHERME III - Rei da Inglaterra, nascido 1650 e falecido em 1702. HOBBES (THOMAS) - filósofo inglês (1588-1679), autor do Leviathan. Materialista. LOCKE (JOHN) - outro filósofo inglês (1632-1704). VOLTAIRE (FR. M.) - nascido em Paris (1694-1778). fmpio e revolucionário. ROUSSEAU (J. J.) - nascido em Genebra (1712-1778). Autor do Contrato Social, Emílio (tratado de pedagogia) Heloísa e outras obras. Descrente e materialista. PAINE (THOMAS) - (1737-1809), inglês naturalizado francês. Revolucionário. MONTESQUIEU (CHARLES) - de 1689 a 1755). Sua obra o "Espírito das Leis" valeu-lhe uma reputação mundial. CÁDIZ - Porto da Espanha, sobre o Atlântico. SANTA ALIANÇA - Pacto místico formado em 1815 pela Rússia, Áustria e Prússia, com o fim de manter os tratados de 1815, face às aspirações liberais dos pequenos Estados da Itália e Alemanha oprimidos pelas grandes potências.

As fontes mais remotas da democracia e do espírito das constituições modernas pode-se dizer que se encontram na *Idade Média*. A Magna Carta, que estabeleceu a supremacia da Lei sobre o monarca na Inglaterra foi assinada por *João Sem Terra*, em 1215. Posteriormente, a *Carta de Henrique III*, em 1225, amplia os direitos dos súditos e restringe os poderes do rei. Decorridos quatro séculos e circulando idéias novas oriundas do racionalismo do século XVII, o *"Bill"* de *Guilherme III*, redigido por *Somers* e dado em Westminster em 1689, fixa, de maneira definitiva, o pensamento fundamental das leis inglesas, no artigo 1.º de seu texto, dizendo: *"O pretenso poder da autoridade real de suspender as leis ou a execução das leis, sem consentimento do Parlamento, é ilegal"*.

Verifica-se, desde aqueles tempos, que a elaboração das constituições inspira-se, antes de mais nada, nas limitações do Poder Executivo, sem o que, praticamente, todas as leis são letra morta.

Passados cem anos sobre o *"Bill"* de Guilherme III, a *Declaração de Direitos da Virgínia*, confirmada pela Constituição dos Estados Unidos, em 1787, consagra implicitamente, na explicitação dos direitos dos cidadãos, o princípio da limitação dos poderes, o que se depreende também da *Declaração de Direitos da Revolução Francesa de 1789*, proclamada pela Convenção Nacional em 1793

proclamada pela Convenção Nacional em 1793.

As idéias dominantes, por esse tempo, eram as de *Hobbes* e *Locke, Voltaire* e *Rousseau,* dos *Enciclopedistas*

Franceses e de *Paine,* na América. Nenhum outro, porém, sobreleva *Montesquieu,* pelos estudos sociológicos, pela interpretação histórica, pela objetividade, pelo realismo e limpidez do pensamento. Ele não se preocupou apenas com as liberdades humanas e exercício dos direitos do Homem; tratou de garanti-los, pela composição de um sistema de forças políticas e órgãos administrativos. Interessa-se mais pelas questões práticas do que pelas teorias relativas à origem e natureza do Estado. Sua concepção dos *Três Poderes* independentes e harmônicos entre si é a única representativa das Nações verdadeiramente civilizadas por ser a garantia da existência democrática dos povos, da ordem interna e da disciplina de governantes e governados.

A separação do *Legislativo,* do *Executivo* e do *Judiciário,* cada qual atuando autônomamente na sua esfera, mas sincronizados em relação ao objetivo comum, constitui o penhor das liberdades públicas e privadas, a certeza de que nenhum dos Três Poderes exorbitará em detrimento dos princípios essenciais e substanciais da Democracia.

Uma observação curiosa devemos ter em vista no começo do século XIX, de cujos acontecimentos políticos procede mais diretamente a democracia brasileira. É o seguinte: as chamadas revoluções constitucionalistas da Europa, aparentando um caráter revolucionário, na verdade eram movimentos de contensão dos abusos, ou das convicções absolutistas, ou da expansão de um liberalismo inconseqüente e subversivo. Se era preciso impedir o regresso às estruturas de Estado Feudal, que se animava, desde a mobilização dos reis contra *Napoleão,* evidenciando-se mais fortemente depois do Congresso de Viena e da criação da *Santa Aliança* por iniciativa do *Czar da Rússia,* também urgia cristalizar, em normas constitucionais as conquistas da *Revolução Francesa,* a fim de que não prosseguissem na destruição da própria democracia. A *Constituição* representava o *centro* de *equilíbrio,* a *fixação* de *limites* não somente aos Poderes Governamentais, como ao individualismo excessivo tendente a uma demagogia anárquica.

Dentro das circunstâncias do tempo, entretanto, o

Dentro das circunstâncias de tempo, constitucionalismo era tido como a própria revolução e

sòmente hoje, com perspectiva histórica, podemos apreciá-lo sob seu aspecto psicológico mais profundo. A serviço das idéias "avançadas", os revolucionários detinham a revolução.

Dos movimentos desse gênero operados no Velho Mundo, o que maior influência exerceu no Brasil foi o de *Cádiz*. Ali se elaborou a constituição liberal de 1812, que deu origem à sublevação de 1820 comandada pelo general *Riego*. As agitações na Espanha refletiram-se em Portugal, onde a revolução do Porto deu origem à primeira Constituição existente no país. No ano seguinte, o movimento constitucionalista inflamava o Brasil. O povo, reunido no largo do Rocio, clamava por uma constituição; e que constituição? — a espanhola, a de Cádiz. O Príncipe D. Pedro, a cavalo, comparece àquela praça e promete atender aos anseios populares. Mas desde então, a revolução constitucionalista brasileira toma dois aspectos: o das aspirações constitucionais e o da reação contra as Cortes Portuguesas reunidas em Lisboa, em conseqüência da vitoriosa revolução do Porto. É que estas pretendiam fazer o Brasil voltar à condição de colônia, quando nosso país já era um Reino, desde 16 de dezembro de 1815.

Começam as lutas pela Independência, mas sempre vinculadas à idéia de uma Constituição. Fundado o Império do Brasil, aclamado e coroado imperador, D. Pedro convocou uma Assembléia Constituinte, pois o povo brasileiro não toleraria governo algum sob o arbítrio exclusivo de um homem. Mas agora já não se tratava de limitar os poderes do Monarca mas de coibir os excessos demagógicos da constituinte, a qual enveredava por perigosos caminhos cujos resultados poderiam ter sido nocivos à Nação. Ocorreu, então, o golpe de força do nosso primeiro Imperador, dissolvendo a Constituinte. Mas o espírito democrático do povo brasileiro tornou insustentável a posição de D. Pedro I, o qual para reconquistar a popularidade, nomeou um Conselho de Estado, para elaborar a desejada Constituição, a qual seria submetida à aprovação das Câmaras Municipais. Recorria, dessa forma, o Monarca, às fontes mais puras da democracia brasileira: os municípios, e ele bem sabia da altivez das Municipalidades, cuja atuação nas lutas pela Independência e ma-

dades, cuja atuação nas lutas pela Independência e manifestações de desagrado em Minas Gerais marcaram um período áureo da autonomia municipal no Brasil.

Outorgada a Constituição, a alegria do Povo Brasileiro foi sem conta. Uma Nação livre, uma população ciosa de suas prerrogativas e direitos não podia prescindir desse pacto com o Estado, em cujos lineamentos estava a própria segurança de todos os direitos.

A *Carta Magna*, de 25 de março de 1824, modificada pelo Ato Adicional de 12 de agôsto de 1834, regeu os destinos do Brasil durante 65 anos, ou seja até 15 de novembro de 1889. Essa estabilidade política durante todo o Segundo Império, facultou à nossa Pátria, a paz interna, a ordem social, a formação de estadistas de grande vulto, a consolidação da unidade nacional e aquele espírito de confiança nas leis, sem o qual os cidadãos vivem na intranqüilidade e na incerteza da manutenção dos princípios substanciais de que decorrem todas as leis comuns.

Proclamada a República, a sua Constituição de 1891 teve segura vigência durante 39 anos, ou seja até 1930. Foi também um período que, a despeito das perturbações iniciais durante os dois governos militares, ou das crises inerentes ao Presidencialismo, sem as válvulas de escape propiciadas pelo sistema parlamentar, deu ao Brasil relativo sossego e facilitou o seu desenvolvimento e o seu progresso.

Não entraremos no exame das Constituições subseqüentes (1934, 1937, 1946, 1967 e 1969). Chamaremos a atenção dos estudiosos apenas para a Revolução Constitucionalista de São Paulo, em 1932. Ela exprimiu a consciência jurídica do Povo Brasileiro, infenso, em todos os momentos históricos, aos governos discricionários e às exorbitâncias do Poder Executivo.

Na verdade, as constituições representam um contrato entre a Nação e o Estado e esse contrato não pode ser inferior em permanência, em irreversibilidade, em firmeza dos compromissos bilaterais, aos simples contratos particulares entre indivíduos.

Para evitar que os Parlamentos, abusando de seu poder, tornem a Constituição, através de reformas periódicas ou freqüentes, um instrumento praticamente insubsistente, um pacto sujeito a mudanças cujos reflexos na

descrédito das instituições, são criadas certas dificuldades às casas do Congresso, quer no sentido das tramita-

ções de emendas, quer no das votações. Com isso, não somente se incute confiança no povo, que estará tranqüilo quanto ao seu dia de amanhã, como se defende e fortalece o Poder Executivo, que não ficará sujeito aos caprichos do Legislativo.

Por outro lado, a premunição da intangibilidade da substância constitucional contra iniciativas do Executivo, objetivando reformas que podem ser asseguradas pelo prestígio do Poder de que dispõe, é estabelecida pela proibição de referidas iniciativas, que competem exclusivamente ao Parlamento, com as restrições a que aludimos.

Em períodos excepcionais, conseqüentes de movimentos revolucionários com poderes constituintes, ocorrem muitas vezes necessidades de certas reformas para corrigir situações políticas, sociais ou econômicas que determinaram o desequilíbrio que a revolução quer sanar. Mas, nesse caso, compete ao Chefe de Estado que encarna ou representa aqueles poderes, em primeiro lugar não contrariar, com seus decretos, os princípios que fundamentam as instituições livremente escolhidas pelo Povo; em segundo lugar, ser parcimonioso e prudente, não acelerando o processo reformista a ponto de se perder tôda a confiança na Carta Magna e, por uma razão lógica, em todas as leis vigentes mas sujeitas a serem derrogadas ou abrogadas.

O essencial, em tudo, é dar expressão viva e ativa à consciência jurídica da Nacionalidade.

Questionário

1) Onde se encontram as fontes mais remotas da democracia?
2) Há muita importância na separação dos Três Podêres? Por que?
3) Que representava a Constituição no tempo da Santa Aliança?
4) Como ficaram as lutas da Independência do Brasil vinculadas à Constituição?
5) Quantas Constituições teve o Brasil? Quais?
6) Por que se opõem obstáculos à reforma da Constituição?

7) Quais os princípios que devem reger um govêrno revolucionário?

3.ª PARTE

FORMAÇÃO DO ESPÍRITO CÍVICO

CAPÍTULO XIX

REGIMES POLÍTICOS

Resumo

As formas de governo são Monarquia ou República.

Nas Monarquias o Chefe da Nação assume o poder por hereditariedade; e, nas Repúblicas, por eleição.

Essas formas de governo adotam sistemas que podem ser presidencialista ou parlamentarista. No presidencialismo, é o Chefe da Nação que escolhe o Ministério e, no Parlamentarismo, é o Presidente do Conselho ou Chefe do Governo indicado pelo Presidente ou Monarca e aceito pelo Congresso, quem distribui as pastas ministeriais.

Existe ainda o sistema federativo no qual as províncias se fazem Estados autônomos apenas não transgredindo, em suas Constituições e suas leis, os princípios fundamentais da Constituição Federal, assim como o sistema centralizador, em que só existe a Constituição da República, ou Monarquia, sendo os governadores nomeados pelo Chefe da Nação.

No Império Brasileiro, o Imperador nomeava os Presidentes de Província, mas estas tinham uma Assembléia Provincial, que deliberava sobre assuntos inerentes às respectivas regionalidades.

Quanto aos Poderes que constituem o Governo, são eles o Legislativo, que elabora as leis; o Executivo, que as executa; e o Judiciário que as interpreta e dirime os conflitos entre os outros dois poderes e as pendências entre indivíduos e grupos.

Fora dessa conceituação, ficam as Ditaduras e os Estados Totalitários, onde não há liberdade nem respeito aos direitos individuais.

É dever dos brasileiros preservar a Nação, de tão hediondas opressões contra as Liberdades Individuais, os Direitos Humanos e as próprias Leis Divinas.

VOCABULÁRIO

HOMOLOGAÇÃO - Aceitação, aprovação. ERIGE - De erigir, levantar-se. MONTESQUIEU - Filósofo, pensador político e publicista francês, nascido em 1689 e falecido em 1755. Sua influência na recomposição política da Europa, depois da Revolução Francesa, foi preponderante, pelo bom senso e equilíbrio com que examinava os fatos sociais. Seu livro "Espírito das Leis" revela a largueza de sua visão. Muito o preocupou a divisão dos poderes. HIPERTROFIA - Crescimento anormal. MITO - Crença numa falsa realidade ou no produto ilusório da imaginação. CAUDILHOS - Chefes populares, que exploram a crendice ou interesses das turbas. Por extensão também se designam os chefes que se impõem pela força ou pela dedicação das multidões que os admiram pelas qualidades pessoais ou virtudes. UTOPIAS - Plano teórico de governo, impossível de ser posto em prática. Origina-se do título do livro de Tomas Moro, publicado em 1518, no qual imagina uma ilha governada pelo mais perfeito dos sistemas. DIREITO NATURAL - Direito imprescritível, anterior a qualquer convenção social, baseado nas leis eternas da razão e da moral.

Uma nação é sempre governada, adotando um *regime político*.

Os regimes políticos devem ser considerados quanto à forma e quanto à substância ideológica.

No primeiro caso, se diz *"forma de governo"*, a qual pode ser *Monarquia* ou *República*.

Em relação à *Monarquia*, usam-se as designações de *Reino* ou *Império*, conforme se trate de um só país, ou do conjunto de vários países, ou ainda de vasta região contendo numerosas províncias.

A *Monarquia* baseia-se na hereditariedade, assumin-

do o trono, por morte ou abdicação do Monarca, o filho mais velho, ou o príncipe que, por linha ascendente, descendente ou colateral, tenha a precedência na sucessão.

Na *República*, o Poder é exercido pelos cidadãos eleitos pelo voto popular.

Tanto a Monarquia como a República adotam *"sistemas"*, que regulam o seu funcionamento. Esses sistemas, quanto à elaboração das leis e sua execução, podem ser *"presidencialista"* ou *"parlamentarista"*.

No *sistema presidencialista*, o Chefe do Executivo é eleito por eleição direta (sufrágio universal), ou indireta, isto é, pelo Congresso, sendo os ministros de sua livre escolha. No *sistema parlamentarista*, a eleição do Presidente (quando se trata de República) é indireta, ou seja, o Chefe da Nação é eleito pelo Congresso. Uma vez eleito, o Presidente proporá ao Legislativo o nome do *Primeiro Ministro* o qual, se aprovado, organiza o seu Gabinete (Ministério), sob sua inteira responsabilidade e sem interferência do Presidente. Nos Países monárquicos, é o Rei, ou Imperador quem propõe ao Congresso o nome do Primeiro Ministro.

O *parlamentarismo* é uma consulta permanente à opinião pública, através dos partidos políticos. O *presidencialismo* é consulta periódica, obedecendo aos prazos fixos das eleições. Assim, quando funciona o sistema parlamentarista, acontece que, ou por iniciativa do Congresso, ou do próprio Primeiro Ministro, submete-se o Governo a um voto de confiança, que pode ter como resultado um voto de desconfiança. Pelo primeiro, conserva-se o Ministério, pelo segundo, desfaz-se, incumbindo ao Chefe da Nação a indicação de outro Primeiro Ministro para a rejeição ou homologação do Parlamento.

Tanto nas Monarquias como nas Repúblicas podem ainda existir os sistemas *"federativo"* ou *"centralizador"*. No sistema federativo, cada província se erige em Estado, com sua Constituição própria, desde que não atente contra os princípios substanciais da *Constituição Federal*, ou da *União*. Os *Estados* membros da Federação possuem seu Legislativo, seu Judiciário; e seus *Governadores*, ou *Presidentes*, são eleitos e não nomeados pelo Presidente da República ou pelo Monarca.

No sistema centralizador, só existe o *Estado Nacio-*

nal. As províncias podem (como foi no Império Brasileiro) possuir uma assembléia legislativa, mas o Governador ou Presidente é nomeado pelo Chefe da Nação.

Cumpre agora apreciar os Poderes que constituem o Governo, seja de uma Monarquia, seja de uma República, seja no sistema presidencialista, ou no parlamentarista.

Foi Montesquieu, no seu *"Espírito das leis"*, quem melhor definiu a natureza dos Poderes que constituem o Poder. Tais Poderes são o *Legislativo*, que elabora as leis; o *Executivo*, que as executa; o *Judiciário*, que as interpreta, decidindo os conflitos entre os dois primeiros e as contendas individuais. Sempre que um dos três Poderes se hipertrofia, isto é, avulta sobre os outros dois, efetiva-se um desequilíbrio que se exprime em odiosas ditaduras.

Os três Poderes são independentes, mas harmônicos entre si e da perfeita compreensão de seus mandatários decorre o equilíbrio das instituições, a garantia dos direitos, o êxito da administração pública, o domínio da lei e da justiça.

Falamos, até este ponto, dos regimes e sistemas adotados pelas democracias, mas das democracias verdadeiras, onde existem liberdade e respeito pelos direitos humanos. Cabe agora examinar os regimes ditatoriais, dissimulados com o falso nome de *"democracia popular"*, ou *"governo do povo"*.

Nesse regime não há liberdade individual, nem grupal; cancelam-se os direitos de opinião falada ou escrita, as reivindicações de classes, a iniciativa privada, a livre escolha de governantes, pelo povo, a faculdade de locomoção, de escolha profissional, de culto religioso.

Uns mais atenuados, neste ou naquele ponto, outros mais exigentes, tais tipos de governo se baseiam na predominância do Estado sobre a Nação e sobre os elementos que a constituem (indivíduos e grupos sociais).

Ou conduzidos pelo mito racial, ou pelo da coletividade, ou simplesmente pela ambição de caudilhos, todos confundem Estado com Nação e Governo com Estado, destruindo todas as prerrogativas e direitos humanos sob o pretexto de puras utopias contrapostas à natureza do Homem e da Sociedade.

Ao examinarmos os regimes e sistemas políticos, de-

vemos ter sempre em vista que não são as formas de go-
verno, — Monarquia ou República o que mais importa.
O que importa é a substância ideológica, a filosofia do Es-

tado, sustentadoras do Direito Natural alicerçado na Lei Divina que se manifesta no mundo físico e no mundo moral e espiritual.

Preservar o Brasil das ditaduras, do totalitarismo esmagador das liberdades e da gradativa estatização econômica e cultural, que conduz inevitavelmente à opressão e eclipse total dos Direitos Humanos, é nosso dever, como impositivo da nossa racionalidade e da nossa dignidade.

QUESTIONÁRIO

1) Quais são as principais formas de governo? Explique-as.
2) Que se entende por sistema presidencialista? e parlamentarista?
3) Que outros sistemas existem nas Monarquias e Repúblicas?
4) Quais os Poderes que constituem o Poder?
5) Como são esses Três Poderes?
6) Que são regimes ditatoriais?
7) O que importa em qualquer forma de governo?
8) Qual o dever de todo brasileiro, respeitante à democracia?

CAPÍTULO XX

EXERCÍCIO DA CIDADANIA

Resumo

Ser cidadão é gozar dos direitos civis e políticos num Estado, submetendo-se a deveres para com esse mesmo Estado.

Quem nasce no Brasil, ou é filho de pais brasileiros nascendo no estrangeiro, quando seus progenitores se encontravam a serviço do nosso país; ou em outros casos, se vier residir em nossa Pátria, optando pela nacionalidade brasileira; e finalmente os estrangeiros naturalizados — todos são cidadãos brasileiros.

Um bom cidadão respeita as leis do seu país, acata as autoridades, cumpre os deveres cívicos que lhe são impostos e se esforça pelo progresso e engrandecimento da Nação.

Vocabulário

PRET - Vencimento diário de um soldado. CELIBATO - Estado de uma pessoa que não é casada. ANARQUIA - Sem governo. DEMAGOGIA - Opinião ou política que favorece as paixões populares. ÉTICA - Ciência da moral. Arte de criar um caráter moral e hábitos de que resultem atitudes e ações conforme as leis do dever. DELETÉRIO - Venenoso, nocivo, que corrompe ou desmo-

raliza. KENNEDY (JOHN F.) - Presidente dos Estados Unidos assassinado em Dalas, a 22 de novembro de 1963.

Dá-se o nome de *cidadão* a todas as pessoas que gozam de direitos civis e políticos num Estado. O exercício desses direitos está intimamente ligado ao cumprimento de deveres para com o Estado e a Nação.

No Brasil, de acordo com a Constituição promulgada em 18 de setembro de 1946, que sobre o assunto confirma os textos das Constituições anteriores, mantidos pelas posteriores, são *cidadãos:*

1) — Os nascidos no Brasil, ainda que de pais estrangeiros, não residindo estes a serviço de seu país;

2) — Os filhos de brasileiro ou brasileira, nascidos no estrangeiro, se os pais estiverem a serviço do Brasil, ou não o estando, se vierem residir no País. Neste caso, atingida a maioridade, deverão, para conservar a nacionalidade brasileira, optar por ela dentro de quatro anos;

3) — Os estrangeiros naturalizados, por terem adquirido êsse título pelo fato de residirem no Brasil por ocasião da proclamação da República, nos têrmos da Constituição de 1891, ou os que o forem, de conformidade com a lei em vigor.

Os direitos, prerrogativas e deveres de cidadão estendem-se a pessoas de ambos os sexos e de todas as idades, apenas com as restrições que a Constituição e as leis determinarem como, por exemplo, o que se refere à faculdade de votar e ser votado, vedada aos menores de idade, aos analfabetos e praças de pré.

Os direitos individuais constam do artigo 141 da Constituição de 1946 que se desdobra em 38 parágrafos, cujo contexto todos os brasileiros devem conhecer para que saibam defender-se de arbitrariedades ou violências, e a de 1969 os manteve no art. 153.

Os direitos individuais começam pela afirmação de que todos são iguais perante a lei, ninguém sendo obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da mesma lei. Os parágrafos seguintes tornam explícitos todos os casos em que o cidadão é absolutamente livre e os recursos legais de que se pode utilizar para garantir essa liberdade.

Dentro das determinações constitucionais, o cidadão

brasileiro goza de amplas franquias até [illegible] os direitos de outro, ou do *Bem Comum* o detenham. Po-

de ir e vir de onde e para onde quiser; pode possuir uma propriedade; pode exercer a autoridade de pai ou mãe de família; pode exprimir a sua opinião, falando ou escrevendo; pode viajar para o Exterior; pode defender-se nos tribunais; pode recorrer a estes contra atos ilícitos de outros cidadãos ou do Governo; pode adotar a religião que quiser; pode escolher a carreira ou profissão que mais lhe agrade; pode se casar com quem queira, ou adotar o celibato; enfim, goza a plenitude da liberdade desde que não transgrida as leis do Estado.

Tão amplas prerrogativas evidentemente exigem, em contrapartida, o cumprimento de deveres, sem o que estariam destruídos, na sua base, os direitos cuja manutenção decorre do que Rousseau chamava *"contrato social"*.

Um bom cidadão respeita as leis do seu País e as autoridades legítimas da hierarquia governamental ou da hierarquia moral a que todos estão obrigados. Sem *ordem e disciplina,* nenhuma Nação subsiste, mas, pelo contrário, dissolve-se na anarquia. Assim, o mesmo acatamento que devem merecer o Chefe da Nação ou da Unidade Federativa, devem merecer também o guarda de trânsito, o simples soldado em serviço. O nosso acatamento se estende a todos os representantes dos Poderes da República, sejam eles o Presidente, os Ministros, os Parlamentares, os Juízes, os Prefeitos Municipais e Vereadores, os Delegados de Polícia, os Funcionários no exercício de suas funções. Por outro lado, no que se refere à hierarquia moral, temos o dever, antes de tudo, de acatar nossos pais, nossos mestres, os sacerdotes da nossa religião, em seguida extendermos nosso respeito aos legítimos valores da Nacionalidade, àqueles que se destacaram pelo seu trabalho, pelo seu esforço e qualidades pessoais, na ciência, na literatura, nas artes, na direção de serviços de interesse público e benefícios sociais.

Um bom cidadão paga os *impostos* necessários à manutenção do Estado que lhe garante os direitos. Sonegar impostos, ou pelo contrabando, ou por expedientes indecorosos, ou pela simples omissão, constitui crime de lesa-Pátria e uma vergonha para quem o pratica.

Um bom cidadão vota por ocasião das eleições, mas

antes de votar medita sôbre o candidato ou candidatos a escolher, examinando as idéias que expõem, os dotes pessoais que apresentam, e nunca votando por interesses de

empregos, de dinheiro ou deixando-se levar pelos enganos da demagogia. E se o cidadão for o candidato, deve ser sincero para consigo mesmo, atento às suas possibilidades intelectuais e seu procedimento moral, e nunca visando apenas fazer uma carreira política e atingir cargos e posições para satisfazer sua vaidade ou fins financeiros.

Um bom cidadão presta o serviço militar na idade própria e durante toda a vida se considera um soldado da Pátria, servindo-a com amor, na paz ou na guerra, contribuindo para a manutenção da ordem sempre que solicitado pelas autoridades, ou quando estas estiverem ausentes, desde que não ultrapasse os limites da lei.

Um bom cidadão cumpre os preceitos da sua religião, convencido de que *Deus é o fundamento da ordem social perfeita.*

Um bom cidadão é fiel em tudo: a Deus, à Pátria, ao cônjuge se casado, aos pais, aos filhos, aos familiares, aos amigos, ao partido político a que pertencer, à associação de que fizer parte. *A fidelidade é a expressão maior do caráter* e todas as desculpas para justificar a infidelidade não passam de expedientes que todos percebem e que agravam a culpa do infiel.

Um bom cidadão não se satisfaz apenas com o cumprimento dos seus deveres, mas se esforça através de lições e conselhos que ministra, sobretudo pelo exemplo, no sentido de esclarecer seus concidadãos e convencê-los de que o cumprimento dos deveres é a própria garantia dos direitos e o maior sustentáculo da Nacionalidade.

Um bom cidadão, sendo professor, ensina conscienciosamente e com assiduidade; sendo aluno, aplica-se ao estudo, estima e venera seus mestres; sendo juiz, ministra a justiça com diligência e isenção; sendo parlamentar, elabora as leis, não para satisfazer as massas conduzidas por maus guias, ou para conquistar fáceis popularidades, mas sim para que os supremos interesses da Pátria sejam atendidos, sem consideração de outros interesses que não sejam os da justiça e do equilíbrio social; sendo funcionário, detestará a negligência, a protelação, a irresponsabilidade, dando rápido andamento aos papéis e jamais paralisando-os ou precipitando seu andamento segundo o subôrno ou preferências pessoais; sendo operário, não

fará do seu serviço um instrumento de criação e terá or-

gulho da perfeição conseguida, sem desperdiçar o tempo, pois a preguiça e a má vontade são elementos negativos da felicidade de um povo; sendo médico, fará de sua profissão um sacerdócio, jamais mercantilizando-a com o olho posto exclusivamente no dinheiro, nem transgredirá as leis divinas e humanas em nenhuma circunstância; sendo advogado, saberá defender sua causa sem ultrapassar os limites da ética e da dignidade profissional; sendo engenheiro, deverá estar atento aos abusos hoje tão comuns nas construções, principalmente em se tratando de obras do governo; sendo militar, nunca se utilizará das armas que a Nação lhe confiou, para violentar a vontade popular ou exigir promulgação de leis que só competem ao Poder Legislativo e, na paz ou na guerra, deverá dedicar-se, de todo o coração, à grandeza da Pátria e à sua defesa contra inimigos internos e externos; sendo industrial, comerciante ou agricultor, tudo deve fazer para que os objetivos exclusivos do lucro não superem os do enriquecimento nacional, do bem-estar do povo e da honestidade da empresa e do empresário; sendo jornalista, ou radialista, deve, não somente informar com espírito de verdade, mas contribuir para a elevação cultural e moral do povo; sendo escritor, jamais deve concorrer para o rebaixamento dos costumes e infiltração de idéias deletérias, nem fazer, do escândalo, a arma do sucesso de livrarias.

Tudo isto constitui o conjunto de preceitos e normas para o exercício pratriótico da cidadania. É com esse espírito que poderemos dizer: *à Pátria tudo se dá, a ela nada se pede, nem mesmo a compreensão,* ou repetir a frase de *Kennedy*: *"não perguntes o que teu País pode fazer por ti, mas sim o que podes fazer pelo teu País".*

QUESTIONÁRIO

1) A quem se dá o nome de cidadão?
2) Quem é cidadão brasileiro pela Constituição de 1946?
3) De que franquias goza o cidadão brasileiro?
4) Quais são os principais deveres de todo cidadão?
5) Como deve o cidadão exercer o direito de voto?
6) Deve-se pagar impostos? Por quê?
7) Como se deve considerar a sonegação de impostos e o con-

trabando?
8) Como deve agir o cidadão em sua respectiva profissão?
9) Resuma, em uma frase, o conjunto de normas para o verdadeiro exercício da cidadania.

CAPÍTULO XXI

A BANDEIRA NACIONAL

RESUMO

A Bandeira Nacional é o símbolo da Pátria.

As cores da nossa Bandeira dão uma idéia do nosso País.

A Bandeira Brasileira inicialmente tinha, ao centro, a esfera armilar; depois as Armas Imperiais; finalmente, com a República, as estrelas do nosso hemisfério.

Não se ama a Bandeira apenas nas limitações do entusiasmo, mas cumprindo nossos deveres para com a Nação.

VOCABULÁRIO

GUARARAPES - Batalha decisiva em que os brasileiros triunfaram sobre os holandeses. CURUPAITI - LOMAS VALENTINAS. TUIUTI - RIACHUELO - Batalhas na guerra contra o tirano López, do Paraguai. ESFERA ARMILAR - Reunião de círculos de metal, de madeira ou cartão, no centro dos quais está colocado um pequeno globo, figurando a terra. Servia para fazerem-se ob-

servações astronômicas. D. Manuel I adotou a
SIDERAL - Relativo aos astros.

Bandeira verde e amarela, bandeira de nossa Pátria, és o símbolo sagrado, és o resumo eloqüente da natureza, do povo e da história do Brasil.

Quando passas desfraldada, à frente dos batalhões, a tua voz se levanta no clangorar dos tambores, no canto claro dos clarins, nos passos firmes da tropa, no clamor das multidões.

O sol que brilha nas pontas das armas dos teus soldados é o mesmo sol, testemunha do teu passado de glórias, o mesmo sol que durante quatro séculos assiste à formação da Nacionalidade. Ele viu as marchas dos sertanistas, brilhou sôbre o ouro que escorria do peito das montanhas, iluminou as margens do Ipiranga, cintilando nas espadas dos cavaleiros, como esteve presente nas batalhas de Guararapes, de Curupaiti, de Lomas Valentinas, de Tuiutí, do Riachuelo. Ele pode dar depoimento sobre os fatos que assinalaram a trajetória do teu povo no tempo.

Os brasileiros põem os olhos nas tuas cores, emocionadamente. O *verde* lembra-lhes as florestas amazônicas, os pinheirais do Sul, os campos que se desdobram nos planaltos, as palmeiras desfraidadas e aqueles "mares bravios" que "perlongam as alvas praias ensombradas de coqueiros", despertando-lhes, na mente, os cantos dos seus poetas e o gorjeio de seus pássaros. O *amarelo* reflete as alvoradas e poentes de ouro puro como o das nossas minas, as centelhas de luz dos topázios e o esplendor vegetal dos frutos maduros. Mas, no centro, na esfera *azul* que representa o céu de nossa Pátria, ostentas as constelações do hemisfério, destacando-se o Cruzeiro do Sul, roteiro de navegantes e roteiro de nosso destino cristão.

Ostentavas, nos primórdios da nossa vida independente, a esfera armilar, que nos enchia de orgulho ao considerarmos a nossa origem mais remota, dando-nos a consciência de que somos descendentes dos desbravadores dos oceanos, cuja estirpe ilustre continua em nós. Depois, marcando sempre os passos da nossa História, colocaste, sobre a esfera, as armas imperiais, incutindo-nos o sentido da unidade nacional e da grandeza de nossa missão no Continente e no Mundo. Mas, vindo a República, os dois símbolos anteriores como que se ampliaram, resumindo as descobertas de novos mundos e a construção de um

grande Império, na imagem do firmamento. Somos o

único povo que liga seu destino histórico ao infinito sideral. Somos o povo que, no dizer do poeta, tem *"ouvido capaz de ouvir e de entender estrelas"*.

É o nosso idealismo, é a inspiração da transcendentalidade da História, é o espírito dos conquistadores dos mares, transferido para as aspirações celestes, é o sentimento cristão da nossa gente, como os pastôres do Evangelho, com os olhos postos no céu.

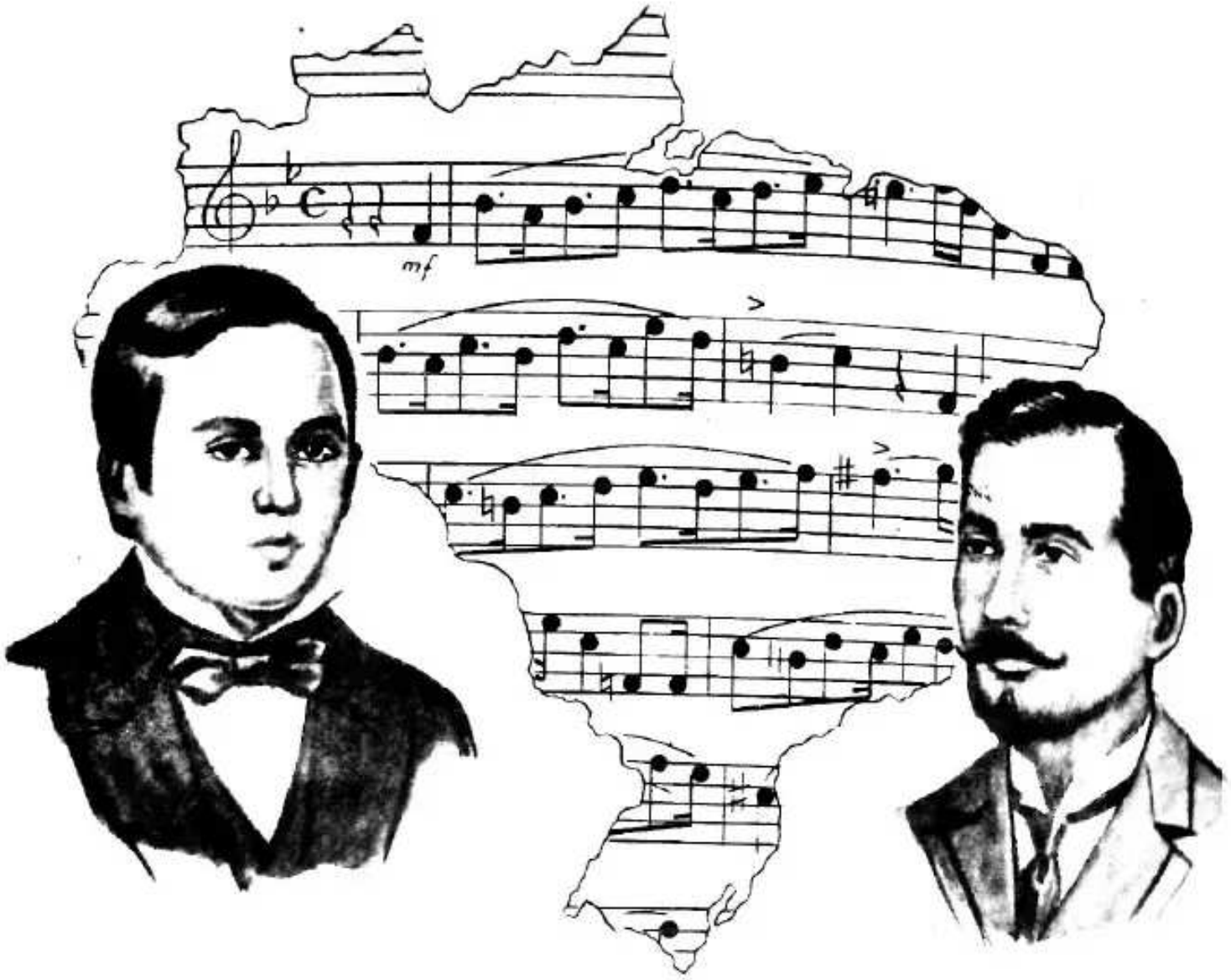
Para sabermos verdadeiramente amar-te, Bandeira do Brasil, não nos devemos limitar ao entusiasmo com que te saudamos, quando passas vitoriosa nas paradas militares, ou quando te desfraldas nas horas solenes dos atos cívicos. Se representas a Pátria Brasileira, devemos servir-te, não só com o sentimentalismo que em nós despertas, mas com o firme pensamento de nossos deveres e a compreensão de nossas realidades.

Devemos cultuar as tradições de que provieste, devemos cumprir nossas obrigações de cidadãos do Brasil, devemos vigiar pelas instituições democráticas resumidas em ti, devemos cultivar em nossos corações o espírito de sacrifício pelo bem do nosso País, devemos dedicar-te nossa vida sem temer a morte.

Que cada brasileiro, ao contemplar-te, ponha a mão na consciência e se pergunte: que tenho feito e que devo fazer para honrar o pavilhão sagrado da minha Pátria?

QUESTIONÁRIO

1) O que é a nossa Bandeira?
2) Que evocações traduz?
3) Que lembram as cores de nossa Bandeira?
4) Resuma a história de nossa Bandeira.
5) Como demonstraremos nosso amor à Bandeira?



CAPÍTULO XXII

HINO NACIONAL

RESUMO

A Bandeira é o símbolo visual e o Hino o símbolo auditivo de um povo.

Todos os povos exprimem seus sentimentos de alegria através da música.

O nosso hino nacional é a expressão bela e verdadeira do sentimento brasileiro. É majestoso, marcial, exprime melodia sentimental, espírito de afirmação e decisão. É um hino "quente".

Todos devem sabê-lo e cantá-lo sem respeito humano.

VOCABULÁRIO

CONFÚCIO - Filósofo chinês, (Khong-Fu-Tseu). Nasceu em 551 antes de Cristo e faleceu em 479 A.C., com 72 anos de idade. Sua doutrina muito se aproxima do cristianismo. **DAVI** - Rei dos hebreus, sucedeu a Saul e foi pai do Rei Salomão. **HALEL** - Cântico reproduzindo os salmos de David. Era cantado pelos hebreus dezoito vezes ao ano. **EVARISTO DA VEIGA** - Jornalista, homem de grande bom senso. Durante as lutas entre conservadores e jacobinos, traçou, no seu jornal "Aurora Fluminense", a linha do equilíbrio. **FRANCISCO MANUEL** - Sua biografia se encontra no texto deste capítulo. **JOSÉ MAURÍCIO** - Grande compositor brasileiro, no reinado de D. João VI. **PALESTRINA** - Com-

positor brasileiro, no reinado de D. João VI. PALESTRINA - Compositor italiano do século XVI. OSÓRIO DUQUE ESTRADA - Crítico e poeta brasileiro. Nasceu em 1870 e morreu em 1927.

Todos os povos possuem a sua *Bandeira* e o seu *Hino*. É a primeira o símbolo visual e o segundo o auditivo, ambos exprimindo a psicologia dos habitantes do País, dando resumidamente a noção da Pátria e despertando, através dos sentidos, o amor à sua terra e à sua gente.

A música acompanhou sempre o homem em sua marcha na História. Todas as religiões têm seus cantos; todas as Nações, suas marchas e seus hinos; todas as regiões, suas cantigas próprias.

Pela música, o espírito se exprime em seus momentos de alegria, de tristeza, de exaltação ante os mistérios da vida e do mundo. Os antigos gregos, entre as Musas inspiradoras das Artes, incluíam Euterpe, que presidia às harmonias e melodias criadas pelos compositores.

Tão importante é a música, no sentido da educação social, que o filósofo *Confúcio*, chegando a uma cidade, não expunha sua doutrina filosófica e política sem primeiro ensinar o povo a cantar.

O povo hebreu, entre seus cânticos que vinham desde o *Rei Davi*, destacava o seu *halel* (aleluia), de que temos notícia pela *Bíblia*.

Foi cantando, que o poeta popular François Villon despertou o povo de Paris nos tempos de Luís XI. Foi igualmente com a "Marselhesa" que Rouget de Lisle deu sentido aos ideais da Revolução Francesa.

No Brasil, logo após a Independência, D. Pedro I, que era músico e compositor, ofereceu ao povo, que ele libertava, o primeiro hino que hoje conhecemos com as lêtras que dizem:

"Já podeis da Pátria filhos
ver contente a mãe gentil:
já raiou a liberdade,
no horizonte do Brasil".

A música é de D. Pedro, que a compôs no próprio dia 7 de setembro de 1822, em São Paulo; mas quanto à letra, há divergências de opiniões, atribuindo-a muitos a *Evaristo da Veiga*.

O *Hino* definitivo, entretanto, coube ao maestro

Francisco Manuel da Silva compô-lo. Esse g
co brasileiro, que morreu em 1865 com 70 anos de idade,
produziu com a idade de 63 anos, a composição musical
que até hoje cantamos, quando já se celebrizara como

componente da música real e posteriormente imperial de câmara, discípulo que fora de *José Maurício*, filiado a escola de *Palestrina* e da velha arte musical italiana.

A composição de Francisco Manuel é verdadeiramente bela e expressiva do sentimento brasileiro. Dificilmente, entre os hinos de outras Nações, se encontrará um que se lhe compare. Tem majestade, ritmo de marcha, melodia sentimental, espírito de afirmação e decisão. É um hino *"quente"* como o sol do nosso trópico, reflete um patriotismo vibrante, exprime nos sustenidos, nas variações melódicas, nos finais de estrofe, a alma nacional suspensa na contemplação da grandeza da Pátria.

A letra definitiva do Hino Nacional Brasileiro foi de autoria de *Osorio Duque Estrada*. Quanto à primeira parte, não há restrições dos críticos, pois ela se exprime em sentido lógico, clareza de conceitos, grandiosidade dos temas em consonância com a da música. No referente à segunda parte, os mais competentes, principalmente os técnicos do Ministério da Educação, encontram impropriedades, consistindo a matéria assunto a discutir-se. Mas, seja lá como for, Duque Estrada encontrou o ritmo literário para cingir-se à música patriótica.

O *Hino Nacional Brasileiro* deve ser *conhecido* e *cantado* por *todos* os nossos *patrícios*. Não fica bem a um brasileiro, numa solenidade em que se cante o Hino da Pátria, ficar silencioso.

Cumpre-nos, não apenas saber cantar o Hino Nacional, mas também ensinar aos nossos patrícios a fazer o mesmo. Esse canto produz um momento de emoção, que nos leva a desejar tudo fazer pela grandeza da Pátria Brasileira.

Saber cantar o Hino Nacional e cantá-lo, sem acanhamento nem respeito humano, é dever de todo bom cidadão, verdadeiro patriota e brasileiro sincero.

QUESTIONÁRIO

1) Que exprimem a Bandeira e o Hino de um povo?
2) É muito importante a música na vida humana?

3) Quem compôs o hino da Independência? em que circunstância?
4) Quem compôs o Hino Nacional?
5) Que sentimentos inspira o Hino Nacional?
6) Que deveres temos em relação ao Hino Nacional?

CAPÍTULO XXIII

GRANDES DATAS NACIONAIS

RESUMO

Todo brasileiro deve saber as datas que lembram os acontecimentos mais expressivos do nosso passado nacional.

Algumas dessas datas estão consagradas oficialmente, como feriados; outras não constam do calendário oficial, mas também são muito importantes.

No livro do Barão do Rio Branco intitulado "Efemérides", constam centenas delas. Enumeraremos as principais que são:

3 de maio - Descobrimento do Brasil.

26 de março - Chegada do primeiro Governador Geral Tomé de Souza.

25 de janeiro - Fundação da cidade de São Paulo.

1.º de março - Fundação da cidade do Rio de Janeiro.

19 de abril - 1.ª Batalha dos Guararapes.

13 de janeiro - Tratado de Madri.

21 de abril

21 de abril - *Inconfidência Mineira.*

16 de dezembro - *Elevação do Brasil à categoria de Reino.*

7 de setembro - Independência.

13 de maio - Abolição da escravatura.

15 de novembro - Proclamação da República.

2 de julho - Vitória dos baianos nas lutas pela Independência.

Além dessas datas, devemos comemorar as das grandes batalhas na Guerra contra López; as do nascimento ou morte de brasileiros ilustres e as dos fatos ligados à região em que nascemos.

VOCABULÁRIO

EFEMÉRIDES - Enumeração de datas em que ocorreram acontecimentos importantes. **VARNHAGEN** - Francisco Adolfo Varnhagen, visconde de Porto Seguro, filho do grande cientista e técnico Coronel Luís Frederico Varnhagen, trazido da Alemanha por D. Maria I a Portugal e por D. João VI ao Brasil. O Visconde de Porto Seguro é autor de uma História do Brasil, resultado de aprofundados estudos e pesquisas. **CAMINHA (PERO VAZ)** - Escrivão da Armada de Cabral, autor da célebre carta considerada a certidão de batismo do Brasil. **AFRÂNIO PEIXOTO** - Notável historiador e escritor brasileiro. **JOÃO DE BARROS** - Clássico da língua portuguesa, autor das "Décadas". **PRINCESA ISABEL** - Filha de D. Pedro II, casada com o Conde d'Eu, assinou a abolição dos escravos, quando substituía seu pai, em viagem pela Europa. **NAPOLEÃO III** - Imperador dos franceses, filho de Luís Bonaparte e de Hortência de Beauharnais. Fez-se presidente da República e depois imperador, mantendo-se no trono até 1870.

Seria longo enumerar as datas relativas aos acontecimentos que constituem a História do Brasil. O grande brasileiro *Barão do Rio Branco,* num grosso volume intitulado *"Efemérides"*, apresenta, em sucessividade cronológica, todos os fatos ocorridos no decurso de nossa vida nacional. Recomendamos aos jovens a sua leitura e consulta, sempre que esta se torne necessária.

Aqui, iremos tratar apenas das datas principais, algumas consagradas oficialmente pelos feriados decretados pelo Governo; outras, também da maior importância, mas não inscritas no calendário oficial.

Começaremos pelo *Descobrimento do Brasil*. O primeiro contato dos portugueses com a natureza e a gente da terra de Santa Cruz foi a *23 de abril de 1500*. Em vir-

tude da correção do calendário, em 1582, esse aniversário se deve celebrar a *3 de maio*. Assim afirma Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, em sua "História Geral do Brasil".

A carta de Pero Vaz Caminha, que é *certidão de batismo* de nossa Pátria, informa haver sido a nova terra percebida a 21 de abril, mediante *"alguns signais de terra, os quais heram muita cantidade d'ervas compridas"*, e acrescenta: *"a quarta feira seguinte, pela manhã, topamos aves"* e, neste dia, 21 de abril, *"a oras de vésperas ouvemos vista de terra, a saber: primeiramente um grande monte mui alto e redondo, e doutras terras mais baixas, ao sul dele, e de terra chã com grandes arvoredos, ao qual monte alto o capitan poz nome de monte Pascoal e à terra de Vera Cruz"*.

Além de coincidir o 3 de maio com o 23 de abril do calendário juliano, o dia de Santa Cruz coincide com a própria denominação da terra chamada de *Vera Cruz* e posteriormente *Santa Cruz*. E mesmo que a diferença entre os dois calendários haja sido de doze e não de dez (argumento que Afrânio Peixoto usa contra Varnhagen), ainda assim teríamos a data de *3 de maio*, contados os dias não do primeiro contato, mas dos primeiros sinais de terra, a 21 de abril, consoante a narrativa de Vaz Caminha.

De qualquer modo, o 3 de maio é a data em que devemos celebrar o descobrimento da nossa Pátria, o que fazemos com o pensamento voltado para a *Cruz do Redentor*, sinal do nosso destino histórico, de três maneiras presente no dia do nascimento do Brasil: no pano das caravelas, na Cruz de madeira tirada das nossas florestas, e na Cruz de Estrelas, que fulgia no céu tropical. Sob a égide dessa trindade de cruzes, como a evocar o mistério de Deus uno e trino, *Pedro Alvares Cabral* batiza a nova terra com o nome da *Cruz*.

Lamenta *João de Barros* ("Década", Livro V, cap. II) que o nome primitivo de nossa Pátria, tendo sido de *Santa Cruz*, haja sido mudado para o de *Brasil* e assim se exprime: "... como o demônio, pelo sinal da Cruz, perdeu o domínio que tinha sobre nós", "tanto que daquela terra

começou de vir o páu vermelho, chamado brasil, trabalhou que este nome ficasse na boca do povo e que se perdesse

o de Santa Cruz, como que importava mais o nome do pau que tinge panos do que aquele que deu tintura a todos os Sacramentos".

Lendo esse trecho do clássico da nossa língua, não podemos deixar de refletir, senão para corrigi-lo, pelo menos para deduzirmos a favor do nome atual de nossa Pátria, razões que o ligam intimamente ao mistério da Cruz.

Entendemos que, se o Salvador do mundo permitiu se divulgasse e se consagrasse o nome de Brasil, foi porque pretendeu dar cunho de maior veemência ao sentido da própria Cruz. Queria, por certo, que este povo tomasse como símbolo de sua fé o próprio sangue derramado no Calvário; e assim como o pau-brasil tinge de vermelho os panos, serve ele de expressivo significado a mostrar-nos que a Cruz não teria nenhuma valia se dela não houvesse jorrado o sangue do Redentor. O vermelho dessa madeira era tão intenso que foi comparado à brasa; e isto nos sugere que a nossa vida cristã deve ir ao rubro do fogo, em nosso amor a Cristo, em nossas batalhas a defender os princípios do Evangelho em que fomos nascidos e criados. Da Terra de Santa Cruz jorrou o sangue da madeira simbólica, tão vivo e ardente que se fez brasa e, mais do que brasa, brasil, ou muitas brasas, donde o nome predestinado que se conferiu à nossa Pátria. E se é o próprio Cristo quem afirma, segundo os Evangelhos, ter vindo para pôr fogo no mundo, que melhor nome senão êste de Brasil, para completar a Cruz, incendiando o povo destas partes do globo terrestre na luta pela sustentação dos princípios do Cristianismo?

Amemos, pois, este nome de Brasil, que nos liga tão fortemente ao nome que se deu primeiro à terra descoberta, ou seja de Santa Cruz.

A segunda data de importância, para a nossa vida de povo e início da formação nacional brasileira, podemos colocá-la em *26 de março de 1549*, quando o primeiro Governador Geral, *Tomé de Souza*, chegou à Bahia, segundo o padre Manuel da Nóbrega. Para outros, a data da

chegada foi a de 29 do mesmo mês. De um modo ou de outro, o acontecimento se fez decisivo para o impulso à colonização, a fundação de cidades, de fortificações e exploração do interior brasileiro. Até então, divi-

dido em capitanias, o nosso território, umas progrediram e outras constituíram verdadeiros desastres. O Rei D. João III, assessorado pelo Conde de Castanheira, deliberou centralizar o governo do Brasil, fundando uma cidade que seria a capital, construindo fortins em todo o litoral, desenvolvendo a catequização dos selvagens, a estes garantindo direitos humanos de liberdade e, com uma visão larga do que deveria ser no futuro a grande Nação, mandava explorar o rio *São Francisco*, em tôda a sua extensão, esse rio quatro séculos depois chamado, por Euclides da Cunha, o rio da *Unidade Nacional*.

Duas datas da maior significação, para o desenvolvimento do nosso País e cumprimento do seu destino histórico, devem ser rememoradas pelos nossos patrícios: as das fundações das cidades de *São Paulo* e do *Rio de Janeiro*. A primeira ocorreu em *25 de janeiro de 1554*, sobressaindo-se como os iniciadores da construção do Colégio, que foi o fundamento da nova povoação, os padres Nóbrega e Anchieta, os caciques Tibiriçá e Caiubi, o patriarca português João Ramalho, que inicialmente divergia quanto à localização da cidade, mas posteriormente concordou, vindo cooperar para o seu desenvolvimento. A fundação da cidade de São Paulo dá início à preparação da grande epopéia dos Bandeirantes, pela união dos europeus e indígenas de que resultou a, por Alfredo Elis denominada, *"Raça de Gigantes"*.

A cidade do *Rio de Janeiro* fundou-se em plena guerra contra a invasão francesa comandada por Villegaignon. Em 1564, uma esquadra portuguesa parte da Bahia em direção ao Sul. Comanda-a Estácio de Sá. Instala-se no local entre o Pão de Açúcar e a Urca, onde lança os fundamentos da futura cidade no dia *1.º de março de 1565*. Durante dois anos, encontra-se em sucessivos combates contra os franceses e tamoios, apoiado pelos guaianases de Piratininga, tupinambás da costa meridional e pelo famoso Arariboia. Em 1567, Mem de Sá vem em auxílio do sobrinho. A batalha decisiva se dá a *20 de janeiro*, dia de São Sebastião, com a vitória portuguesa. Mas Estácio

Estácio de Sá sucumbe varado por uma flecha. Estava consolidada a fundação da cidade que, mais tarde, seria a sede do govêrno brasileiro, até a transferência para *Brasília*, em 21 de abril de 1960.

5

Data digna de ser comemorada pelos nossos patrícios é a de *19 de abril, de 1648*, quando se feriu a famosa 1.ª batalha dos *Guararapes*, cuja vitória dos brasileiros decidiu a definitiva capitulação dos holandeses. O ataque aos holandeses, poderosamente armados, sobretudo de artilharia, foi ordenado por Francisco Barreto confiando um dos flancos a Camarão, outro a Henrique Dias e o centro a Fernandes Vieira. Eram as três raças unidas no mesmo objetivo de reconquista dos territórios ocupados pelo invasor. As lutas, que se vinham prolongando durante anos, adestraram os brasileiros de tal maneira que os vencidos escreviam para sua Pátria dizendo que se batiam com tropas que poderiam enfrentar qualquer exército do mundo. A batalha durou apenas de três a quatro horas, sendo o inimigo destroçado e obrigado a uma retirada deixando todas as peças de artilharia, copiosos armamentos e munições, mais de mil mortos e feridos. Quem hoje contempla, nas proximidades do aeroporto de Recife aquelas elevações de terreno e os baixios onde os holandeses se enterraram nos pântanos, não pode deixar de exclamar: nestes sítios se afirmou o valor da gente brasileira.

Outra data, que não pode ser olvidada, é a de *13 de janeiro de 1750*, em que foi assinado o Tratado de Madri. Em capítulo deste livro, já tratamos do importante assunto, mas convém lembrar, falando-se de datas nacionais, que o Tratado de Madri, elaborado pelo grande brasileiro *Alexandre de Gusmão*, consolidou jurìdicamente a posse brasileira do imenso território que hoje constitui a nossa Pátria.

O dia *21 de abril de 1792* relembra a Inconfidência Mineira, em que tomaram parte Tomás Antônio Gonzaga, Alvarenga Peixoto, Cláudio Manuel da Costa, além de muitos outros, tanto brasileiros como portugueses. Pretendiam um movimento de Independência, que poderia ser de todo o Brasil, mas que principiava pela de Minas Gerais. A principal figura, depois da denúncia dada por Joaquim Silvério dos Reis, tornou-se a de *Joaquim da Silva Xavier*, cognominado o *Tiradentes*. Assumiu plena responsabilidade pela conspiração e foi o único condena-

do à morte. Sofreu a execução com grande estoicismo e sentimentos cristãos, tendo sido conduzido ao sacrifício da Cadeia Velha, depois Câmara dos Deputados, no Rio

de Janeiro, para o Campo da Lampadosa, hoje Largo do Rocio. É considerado o símbolo das aspirações da Independência do Brasil.

Nossa Pátria, na verdade, se tornou independente a *16 de dezembro de 1815*, quando D. João VI a elevou à categoria de Reino. Aquele grande Rei já havia criado as condições para isso, abrindo nossos portos à navegação mundial, fundado uma Escola de Medicina, outra de Belas Artes, criando o Banco do Brasil, iniciando a fundição de ferro em nosso País, instalando a Imprensa Nacional e estabelecendo franquias a imprensas particulares, organizando a Biblioteca Nacional, saneando a Baixada Fluminense, trazendo para o Brasil cientistas e artistas de renome na Europa, introduzindo a imigração estrangeira, a começar pela suíça, em Nova Friburgo, e a chinesa nas planícies do atual Estado do Rio e proporcionando muitos outros benefícios ao Brasil. Já constituído um Reino, pretenderam as Cortes Portuguesas, instaladas depois de 1820, reconduzi-lo à situação de colônia, como era anteriormente. Precipitou-se, então, o movimento pela separação de Portugal, que culminou em *7 de setembro de 1822*, às margens do *Ipiranga* (São Paulo), com o grito de *"Independência ou Morte"*, do Príncipe Regente D. Pedro, aclamado, em seguida, Imperador. Para a consumação definitiva da nossa emancipação, concorreram eminentes brasileiros, mas a todos sobrelevou José Bonifácio de Andrada e Silva, chamado, com justa razão, o *Patriarca da Independência*. Ele soube, afastando-se dos extremistas e exaltados, manter a unidade da nossa Pátria, mediante a hábil idéia de vincular a Independência à tradição dinástica. Fez, do trono, o centro polarizador dos sentimentos brasileiros.

O dia *13 de maio de 1888* foi o em que a Princesa Isabel assinou o decreto, abolindo a escravidão no Brasil. A luta pela emancipação dos escravos vinha de longo tempo, tendo sido atenuada a triste e desumana situação, pelas leis chamadas do *Ventre livre* e dos *Sexagenários*. Grandes brasileiros se empenharam no sentido de limpar o Brasil

de tão feia nodoa. Entre eles *Antônio Bento, Joaquim Nabuco, Castro Alves, Patrocínio*. A escravidão tinha sido introduzida em nosso País no século XVI, consolidando-se o tráfico de negros,

por interesses da Inglaterra, conforme se verifica pelo Tratado de Utrecht, de 1709. A abolição definitiva da escravatura provocou grande entusiasmo em todos os brasileiros. Hoje, sem preconceitos de raça, somos um povo em que todas as origens étnicas confluem num largo espírito cristão.

Finalmente, chegamos à efeméride da *República*. Ela foi proclamada a *15 de novembro de 1889*. As aspirações republicanas vinham desde os tempos da Independência, não tendo faltado aqueles que, por ocasião da Abdicação de D. Pedro I (7 de abril de 1831) pensaram em estabelecer, no Brasil, o regime dominante em todas as outras Nações da América. Entretanto, os espíritos ponderados e clarividentes sustentaram a Monarquia no alvorecer de nossa vida livre, ciosos pela Unidade Nacional, que era o que mais importava, e temerosos de que nos desagregássemos como as outras partes do Novo Mundo, em pequenas repúblicas. A Monarquia prestou grande serviço ao Brasil, mantendo sua unidade, educando politicamente nossos homens públicos, evitando as dissensões internas nas lutas pela presidência da República, quando ainda não estávamos preparados para isso, formando estadistas do maior valor, dando-nos educação social e incutindo-nos sentimentos de nobreza, o que muito nos valeu em todos os momentos difíceis de nossa vida de povo. Mas o enfraquecimento ideológico dos partidos no Império, o aparecimento de um fator novo na política brasileira, que era o Federalismo, ou interêsse regional das Províncias, a influência daś idéias republicanas dos Estados Unidos e, principalmente, da França depois da queda de Napoleão III, tudo isso criou um estado de espírito tendente à mudança do regime. O Partido Republicano, na ocasião da proclamação, contava apenas quatro deputados na Câmara. Tinha-se, porém, infiltrado nas Classes Armadas. Os propagandistas principais da República foram Benjamim Constant, Silva Jardim, Campos Sales, Prudente de Morais, Glicério, Quintino Bocayúva. A adesão de Deodoro da Fonseca deu-se no próprio dia da proclamação.

A estas datas, deveremos, em nosso culto cívico juntar muitas outras, como as dos principais episódios da chamada *Guerra dos Farrapos,* em que o povo do Rio Grande do Sul, sustentando suas idéias republicanas,

sempre preferiu fazer as pazes com o Imperador a receber auxílio estrangeiro; o dia 2 de julho, quando a Bahia se levantou para completar a obra da Independência, em batalhas gloriosas; as datas das batalhas da *Guerra do Paraguai;* o *Dia do Exército,* em que reverenciamos *Caxias* e o da *Marinha* em que homenageamos *Tamandaré;* as datas do nascimento dos grandes brasileiros que ilustraram a Nação, na guerra e na paz, nas atividades científicas, literárias e artísticas, políticas e administrativas.

Cultuar as datas da nossa Pátria é garantir-lhe a sobrevivência e assegurar-lhe um futuro brilhante e digno do seu passado.

QUESTIONÁRIO

1) Quais são as principais datas de nossa História?
2) Por que devemos orgulhar-nos de nossa Pátria, o Brasil?
3) Como se deu a fundação de São Paulo e do Rio de Janeiro?
4) Qual a data magna de nossa história e como se deu?
5) Que é cultuar as datas de nossa Pátria?

CAPÍTULO XXIV

UNIDADE NA DIVERSIDADE

Resumo

Os impérios a que a História se refere foram sempre conjuntos de nacionalidades, com idiomas, religiões e costumes diferentes. O caso do Brasil é único na humanidade: somos oito milhões e meio de quilômetros quadrados, uma população de oitenta milhões de habitantes; entretanto, falamos a mesma língua, temos a mesma religião e adotamos os mesmos costumes.

Em nosso País, inicialmente, se encontraram duas raças, a portuguesa e a indígena e dos cruzamentos que se processaram, iluminados pelo Evangelho e guiados pela sábia política dos reis de Portugal, resultou essa prodigiosa unidade.

As pequenas diferenciações relativas ao folclore, à culinária e às acepções de certas palavras são contribuições das partes no enriquecimento do todo nacional.

As correntes imigratórias vindas para o Brasil têm sido facilmente assimiladas pela influência poderosa da terra e a fôrça das nossas tradições.

Vocabulário

VOCABULÁRIO

HEGEMONIA - Supremacia de um povo sobre outros. HETEROGENEIDADE - De heterogêneo. Coisas inteiramente diversas umas das outras. DIALETO - Diferentes formas de uma língua. ECUMÊNICO - Universal. ARAXÁS - Planaltos. IBITURUNAS

(de IBITU, montanha, e UNA, azul). Montanhas azuis. PARANAPIACABA - Serra no litoral de São Paulo e Paraná. PINDORAMA (PINDO, palmeira, e RAMA, território). Designação das terras do Brasil dada pelos tupis. AMÁLGAMA - Em sentido figurado, é a mistura ou conjunto de pessoas ou coisas de diversa natureza. ÉGIDE - Proteção, patrocínio. CAPICHABA - Natural do Estado do Espírito Santo. CAATINGAS - Mato ralo, do Nordeste, semelhante aos cerrados no Planalto Central. BOMBACHAS - Calças largas usadas pelos gaúchos. LIED - Canção romântica alemã. SAKÉ - Aguardente de cereais, principalmente de arroz.

A unidade nacional brasileira é certamente o caso mais raro na história das civilizações. O *Império Romano* se, politicamente, representava a hegemonia da sua capital sobre os países conquistados, socialmente era a imensa e complexa heterogeneidade de línguas e religiões. É que o Império se constituiu de nações já realizadas, com uma história própria, uma cultura atingida, uma religião adotada, tais os casos da Grécia, do Egito e de Israel. Os Impérios anteriores, todos formados mediante conquistas territoriais, também se fundavam na heterogeneidade. O Império Russo, compondo-se pelas sucessivas anexações, desde Pedro o grande, Catarina e seus sucessores, apresentava-se, como ainda se apresenta, como um conglomerado de povos falando línguas diversas e vinculados a tradições que lhes são próprias.

Com o advento das Nações, após o fraccionamento feudal na Europa, os Impérios que se organizaram não passavam de conjuntos de países completamente diversos entre si.

Mas o caso brasileiro é sem precedentes. Somos uma Nação de mais de oito milhões de quilômetros quadrados, com uma população hoje avaliada em oitenta milhões de habitantes, e falamos o mesmo idioma, sem dialetos, adotamos a mesma religião, praticamos, com insignificantes diferenças, os mesmos costumes e nos manifestamos por um sentimento comum.

A que devemos a maravilha dessa unidade?

Em primeiro lugar, temos de levar em conta o *espírito ecumênico de Portugal*, o seu gênio colonizador, feito preconceitos raciais,

de compreensão e humanidade, sem preconceitos
a sua habilidade política de ocupação do território, o seu
senso ecológico no estilo das construções adaptad s se-

gundo os impositivos funcionais das latitudes, a sua obra de catequese, a sua visão do que seria o dilatado país que preparava para ser uma nação.

Pomos, em seguida, a *predominância no Brasil da raça tupi*, que tinha o sentido imperial do domínio das distâncias e cujo espírito influiu nas tribos tapuias, a ela anteriores no Brasil. Os tupis vieram dos araxás andinos, em era pré-cabralina, descendo das Ibiturunas (Cordilheira dos Andes) e tomando duas direções: a que seguia o curso do rio Amazonas e a que atravessava Mato Grosso, procurando a serra de Paranapiacaba, de onde os guerreiros avistaram o grande mar Atlântico. Sua intenção era a conquista e domínio da terra por eles chamada de *Pindorama*. Vinham cantando uma canção guerreira que dizia: *"Marchemos para a região das palmeiras, com as armas nas mãos, seremos senhores daquela terra"*.

O encontro das duas raças constituiu verdadeiro casamento entre dois continentes, do que resultou uma geração de homens, ao mesmo tempo impulsionados pelo espírito do Renascimento europeu e atraídos pela saudade ancestral do Oeste, de onde provieram seus antepassados indígenas.

Durante todo o século XVI e no curso do XVII, esse amálgama étnico estruturou as bases da nossa formação nacional, recebendo a contribuição africana, cujo contato com a natureza tropical, semelhante à da sua origem, determinou fácil adaptação, sob a égide do espírito universalista lusitano.

As Capitanias e, posteriormente, as Províncias, desenvolveram-se num sentido de prodigiosa unidade, segundo as características do meio físico, do clima e de circunstâncias históricas específicas.

Nos dias de hoje, verificamos que as pequenas diferenciações concorrem para o fortalecimento da unidade nacional, pela complementação que cada parte traz à expressão geral do País e pela troca de benefícios econômicos facilitada pela variedade das latitudes e longitudes.

Se impressiona o viajante poder falar a mesma língua, sem dialetos, tanto no Amazonas como no Rio Grande do

Sul, tanto no Nordeste como no Centro ou no Oeste, e contemplar, nos lugarejos mais humildes à beira dos cursos dos rios do Norte, nas montanhas de Minas Gerais, no interior baiano, capixaba, fluminense ou paulista, as

mesmas ermidas com a denominação de Santa Cruz, onde se reza o *terço* e se entoam loas à Virgem; e se, no mês de junho, observa os mastros de Santo Antônio, São João e São Pedro, idênticos em todo o território nacional; também o impressionam as peculiaridades folclóricas e culinárias, decorrentes de ambiência geográfica ou econômica, mas todas vinculadas à tradição portuguêsa para aqui transladada desde o tempo do Descobrimento e das iniciais colonizações.

Essas diversidades conferem à unidade nacional uma fôrça maior de expressão, porque, a despeito delas, a alma brasileira é a mesma em todas as Províncias, hoje Estados.

Ouvir as canções amazônicas, de raízes profundas embebidas nas lendas e fábulas indígenas, como as do *"tajapanema"*, do *"boto"*, da *"cobra grande"*, do *"uirapuru"*; os aboiados do Nordeste, desafios à viola, *"emboladas"* do sertão das *"caatingas"*; os cantares da Bahia, misto de nostalgia africana e do panteísmo tupi; as saltitantes modulações dos lundus e as baladas mineiras, em que predominam os ritmos minhotos; os sambas do Rio de Janeiro; os *"cateretês"* de São Paulo, ligados à tradição dos tempos de Anchieta e Fernão Cardim, ou assistir à exibição dos *"cururus"* de Piracicaba, tão intimamente ligados às cantorias do Nordeste; ou estar diante das *"congadas"*, dança africana com versos extraídos das fontes clássicas da língua, como a *"Nau Catrineta"*; ou contemplar a dança dos *"caiapós"* oriundas das tribos dêsse nome, no Brasil Central; e no Rio Grande do Sul, ter diante dos olhos os volteios de saias enfunadas e as bombachas em movimento, cantando e dançando a *"chimarrita"*; tudo isso é o espetáculo do Brasil, na diversidade de seus aspectos e na milagrosa unidade nacional.

E se esse mesmo viajante puser reparo na variedade culinária do país, desde o *"mussuan"* e o *tacacá com tucupi"* da Amazônia, às *"buchadas"* do Nordeste; desde o *"vatapá"*, o *"efó"*, o *"acarajé"*, o *"chinchim"*, o *"caruru"*, o *"acaçá"* da Bahia, ao *tutu* de *feijão* com torresmos e couve, de Minas Gerais, a *"feijoada"* carioca, *"cuscus"* paulista; os *"sururus"* de Alagoas e Sergipe, o *"barreado"* do Paraná, os *"churras-*

do Paraná, as *"peixadas"* de Santa [illegible] *cos"* do Rio Grande do Sul e do Mato Grosso; e pensar nas diversidades dos doces tipicamente geográficos, desde o

"copuaçu" e o *"bacuri"* da Amazônia, o *"buriti"* do Maranhão e Piauí; à *"mangaba"* nordestina, às *"cocadas"* baianas, à infinidade de biscoitos, pudins, pastéis, bolos que nos vieram dos Conventos de Portugal; e se provar os refrigerantes de *"guaraná"* em Manaus, ou de *"assaí"* em Belém, ou de *"mangaba"*, em Pernambuco, ou de água de coco em todo o litoral desde a ponta do Nordeste aos baixios de Ilhéus; e se experimentar, nas noites frígidas de inverno, a *"gengibrada"* ou o *"quentão"* paulistas ou deliciar-se com os vinhos da terra gaúcha, e tudo isso lidando com populações absolutamente identificadas pelo sentimento, pela hospitalidade, pelo espírito de união entre todos os brasileiros, por certo ficará pasmo de tamanha unidade em tão numerosa diversidade.

A entrada das correntes imigratórias estrangeiras em nada alterou a fisionomia geral da Nação. Elas trouxeram novas contribuições, no folclore e na culinária, mas foram e estão sendo assimiladas por êsse milagre constante da formação brasileira.

Em São Paulo, principalmente, observa-se esse fato. Ouve-se, por exemplo, num bar, o canto das *"liede"* germânicas: são alemães. Vai-se a um restaurante italiano e se comem *"pizzas"* napolitanas ou *"tagliarini"* à bolonhesa. Passa-se a um outro, sírio, e lá estão os *"quibis"*, as *"sfirras"*, a pasta branca de gergelim passada sobre pães ázimos; entra-se em casa de japonês e lá se oferecem o *"saké"* e a variedade de pratos nipônicos; finalmente se entra em casa de português onde se canta o fado e se servem tripas à moda do Porto ou caldo verde.

Tudo isso se integrou na unidade nacional brasileira. Tudo, com o espírito do Novo Mundo, das liberdades da América, da tradicionalidade de nossa Pátria.

Como disse e previu o escritor mexicano José de Vasconcelos, será do Brasil, desta prodigiosa unidade, deste poder de assimilação das raças, que sairá um dia a grande civilização espiritualista que influirá no sentido de um *mundo melhor*.

QUESTIONÁRIO

1) A quem devemos a maravilha de nossa unidade nacional?
2) Que peculiaridades folclóricas se nota de sul a norte?
3) E na arte culinária, qual a variedade que se observa?
4) Que dão à unidade nacional, essas diversidades observadas em nosso território?

CÓDIGO DE ÉTICA DO ESTUDANTE

I) — Faze da tua crença em Deus e nos destinos sobrenaturais do Homem a luz que te guiará no meio da confusão dos desorientados e da corrupção dos costumes.

II) — Toma o Brasil que herdaste dos teus maiores e transmite-o engrandecido e mais belo à geração que te suceder.

III) — Imita os heróis da tua Pátria, cultua as tradições da tua gente, confia nas imensas possibilidades do teu povo, fala-lhe transmitindo-lhe o fogo do teu ideal; e, falando ou escrevendo, estudando ou agindo, crê no futuro do Brasil.

IV) — Sustenta o princípio da Família e honra a teus pais. A Família, primeiro grupo natural, é o próprio fundamento da Pátria, e o bom filho será forçosamente bom patriota e saberá um dia constituir o seu lar com dignidade cristã e sentimento de responsabilidade histórica.

V) — Sê honesto em tudo o que pensares, disseres ou fizeres. Reflete antes de dares a tua palavra e, se a empenhares, cumpre-a, ainda que isso te custe o maior sacrifício. Evita, pois prometer o impossível e considera desonroso prometer e não cumprir.

VI) — És estudante e deves estudar; és moço e podes divertir-te; lembra-te, entretanto, de que és também brasileiro e deves uma parte do teu tempo aos interesses da tua Pátria.

VII) — Honra o diploma que um dia conquistares, mas não o coloques acima do teu saber.

VIII) — Não permitas que o profissional elimine o Homem que vive em ti.

IX) — Nos exames e concursos, nas empresas que empreenderes e nas funções que desempenhares, se não puderes ser o primeiro, procura ao menos ser um dos primeiros.

X) — Jamais coloques as conveniências da tua carreira política, profissional ou social, acima da tua trajetória moral e espiritual, em que o vulgo talvez não te perceba, mas em que te elevarás aos olhos de Deus, engrandecendo-te ainda perante a Posteridade.

XI) — Lembra-te sempre de que a verdadeira grandeza está na virtude e não no êxito dos negócios ou da carreira, porque os bens do mundo são inconstantes e podes perdê-los, ao passo que os bens acumulados em ti mesmo à custa de aperfeiçoar-te no saber e na dignidade, nenhuma força conseguirá destruí-los.

XII) — Nunca julgues o valor dos homens pelo poder ou pelas honrarias que desfrutam; julga-o, antes, pelo teor do caráter, que se revela na coerência das atitudes, na humilde simplicidade ao colher o louro da vitória e na calma viril ao sofrer o peso da derrota.

XIII) — A altitude de uma montanha só se avalia do alto de outra montanha; eleva-te, portanto, moralmente, e só assim poderás ter noção exata da grandeza ou da mesquinhez dos homens do teu tempo.

XIV) — Não te impressiones com a riqueza dos ricos e o brilho dos que esplendem em altos postos; impressiona-te, sim, com a sabedoria dos sábios, o heroísmo dos heróis e a santidade dos santos.

XV) — Combate todas as normas ditas do direito, originadas pela imposição da força; cultua a verdadeira justiça, que se funda na razão e se inspira nos valores espirituais. Contribuirás, assim, pelo predomínio do moral sobre o material, para que reine a verdadeira paz entre as pessoas e as nacionalidades.

XVI) — Prefere a minoria esclarecida à maioria inconsciente e cega

pelas paixões e interesses transitórios.

XVII) — Habitua-te a consultar o mais íntimo da tua consciência, a fim de que te não iludas por alguma voz que te engana falando em lugar dela, nas horas em que te deixas levar pelas paixões ou pelo desejo de desempenhar um bonito papel cortejando a fácil popularidade.

XVIII) — Não sejas como os ignaros, que se guiam pelos títulos de jornais escandalosos e dão crédito, sem nenhum exame, ao que está em letra de forma.

XIX) — Ensina o povo a raciocinar, é esse o meio de o libertar dos tiranos, dos aventureiros e mistificadores.

XX) — Evita a demagogia balofa, o palavreado sonoro e vazio, a literatice banal, os tropos oratórios sem conteúdo; fala quando tiveres o que dizer e dize-o com sinceridade, porque a força do discurso está na convicção do orador.

XXI) — Arranca a juventude da disponibilidade da inércia, da indiferença que a aviltam; faze-te apóstolo, dissemina entusiasmo, mobiliza os da tua idade para a obra fascinante da construção nacional.

XXII) — Estuda os problemas nacionais, tendo em vista que não existem problemas isolados, pois todos se conjugam e devem ser resolvidos em largo plano de realizações.

XXIII) — Entre um lugar no governo e um lugar na História, prefere êste, do qual ninguém poderá remover-te, nem demitir-te, nem aposentar-te.

XXIV) — Sê homem de pensamento, mas sê homem de ação. O pensamento para transformar-se em ação precisa, primeiro, transformar-se em sentimento. Idéia que não é sentida é idéia morta. A ação é forma objetiva de idéias vivas, oriundas de realidade e criadoras de novas realidades. Cultiva o ideal, mas sê realista.

XXV) — Procura conhecer a fundo a profissão que abraçares; faze dela um instrumento da tua cooperação na obra de felicidade humana e da prosperidade da Pátria.

XXVI) — Não abdiques nunca a tua personalidade, para vestir a libré de áulico ou beijar as mãos que distribuem empregos ou bons negócios, em troca da alma dos beneficiados.

XXVII) — Combate o burguês que está dentro de ti. A burguesia não é uma classe é um estado de espírito. É o conformismo, o comodismo, o interesse vulgar, o prazer mesquinho, a incapacidade de ideal, a demissão dos deveres, a submissão ao quotidiano, o fatalismo inerme, a indiferença criminosa, o abandono à rotina, o egoísmo cego, a ostentação ridícula, a descrença e a incapacidade de ação. Liberta-te desse mal do século; será o primeiro passo para a libertação de tua Pátria e da Própria Humanidade, hoje oprimida pelos seus próprios vícios.

XXVIII) — Não te consumas em elocubrações estéreis e dúvidas doentias alimentadas por ti mesmo. Entre os negativos e os dubitativos, sê afirmativo.

XXIX) — Primeiro, convence-te; depois, convencerás aos outros.

XXX) — Não te faças escravo do último livro que leres.

XXXI) — Sê brasileiro; não é difícil; basta que sejas o que és e não o que os estrangeiros e os snobs, os internacionais e os cosmopolitas querem que sejas.

XXXII) — Pergunta diariamente à tua consciência: que fiz hoje para enriquecer minha inteligência, para aprimorar as minhas virtudes, para beneficiar os meus semelhantes, para servir a Minha Pátria e para agradar a Deus?

XXXIII) — Estuda a História do Brasil, não como espectador, mas sim como participante dos acontecimentos por ela revelados; no momento em que a estudas, constituis uma continuidade da narrativa heróica; és a derradeira palavra do Passado e a primeira palavra do

Futuro.

XXXIV) — Aprimora-te na arte de bem falar e bem escrever a tua língua; um povo que perde a tradição da palavra, acaba perdendo todas as tradições, porque o idioma vernáculo é o veículo da História e o instrumento intelectual da sustentação da personalidade de uma Pátria.

XXXV) — Festeja com alegria a ressurreição de um jovem que estava morto e apodrecia no supulcro da indiferença, do desânimo, da dúvida ou da sensualidade, porque nesse momento o Brasil tornou-se mais forte.

XXXVI) — Procura, primeiro, compreender, para depois te fazeres compreendido; se assim não procederes, em vez de atrair; irritas e longe de conquistar um amigo, arranjas um inimigo.

XXXVII) — Sê cavalheiro na palavra que dizes e no tom em que a proferes: isso não impede de sustentares as tuas convicções e terás mais facilidade em transmití-las.

XXXVIII) — Não afirmes em detrimento de outrem senão aquilo que tiveres como certo, e, assim mesmo, quando isso for necessário para evitar maior mal. Combate a desgraça nacional da calúnia, da injúria e da maledicência, evitando conversas ociosas a respeito de pessoas. Eleva o nível das tuas conversações e imprime aos teus debates uma impecável linha de elegância.

XXXIX) — Confessa o teu erro se te surpreendes errado; não sofismes por vaidade ou mal compreendido amor próprio, a fim de não passares por desonesto ou pouco inteligente.

XL) — Se és incapaz de sonhar, nasceste velho, se o teu sonho te impede de agir segundo as realidades, nasceste inútil; se, porém, sabes transformar sonhos em realidades e tocar as realidades que encontras com a luz do teu sonho, então serás grande na tua Pátria e a tua Pátria será grande em ti.

OBRAS DE PLÍNIO SALGADO

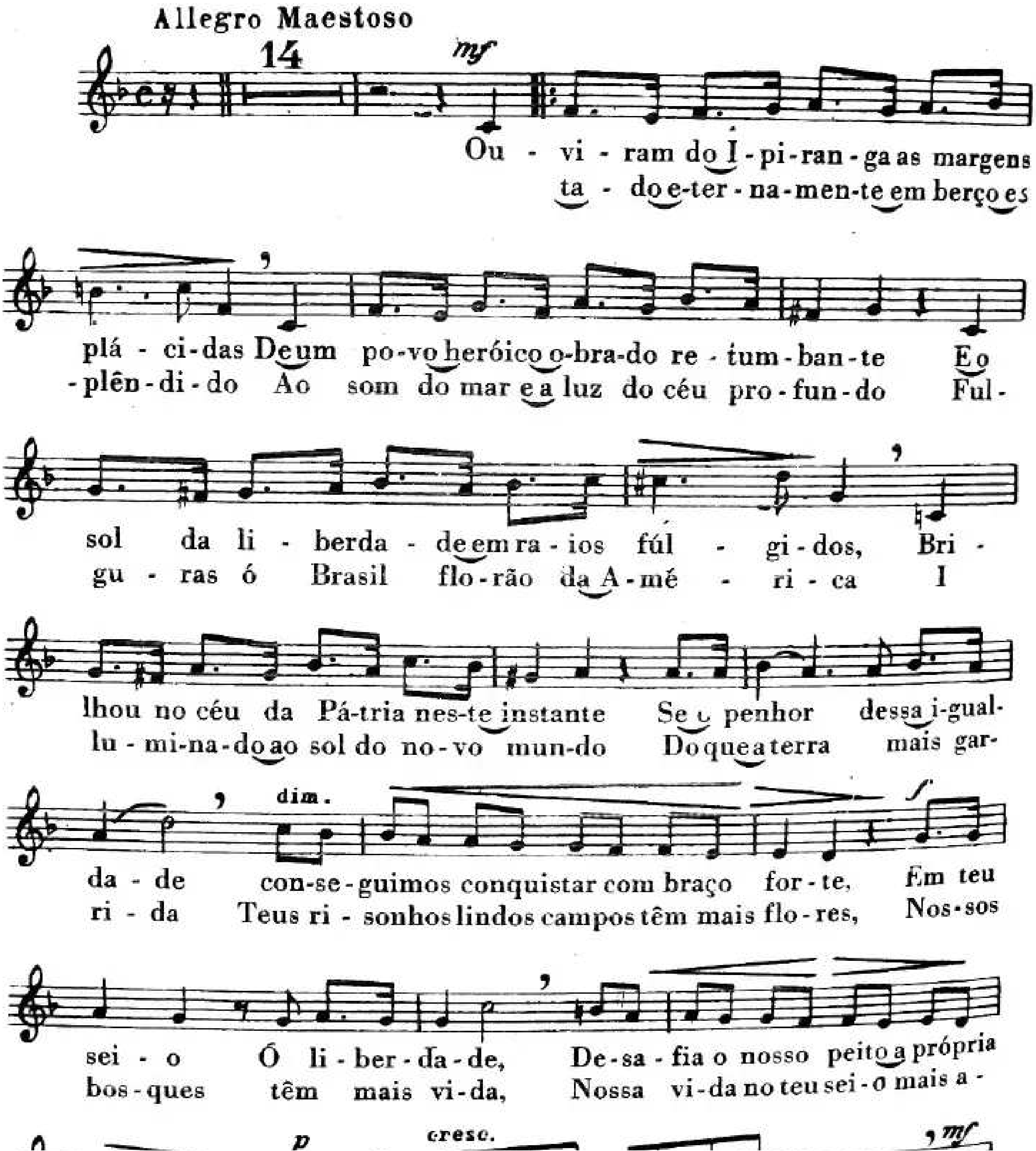
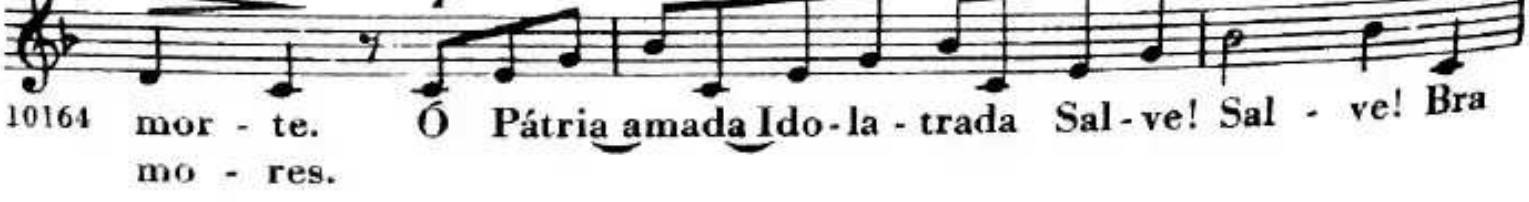
O Estrangeiro
O Esperado
O Cavaleiro de Itararé
O Voz do Oeste
O Sofrimento Universal
A Quarta Humanidade
Psicologia da Revolução
Despertemos a Nação
Nosso Brasil
Geografia Sentimental
Páginas de Combate
Cartas aos Camisas Verdes
A Doutrina do Sigma
Palavra Nova dos Tempos Novos
Tabor
O que é o Integralismo
Vida de Jesus
Conceito Cristão da Democracia
A Mulher no Século XX
Primeiro, Cristo!
Madrugada do Espírito
A imagem daquela noite
Como nasceram as cidades do Brasil
A Aliança do Sim e do Não
O Poema da Fortaleza de Santa Cruz
Extremismo e Democracia
O Espírito da Burguesia
A Tua Cruz, Senhor...
São Judas Tadeu
Direitos e Deveres do Homem
Discursos - 1.ª série
O Integralismo perante a Nação
A Boa Nova - opúsculo
Como se prepara uma China - opúsculo
Mensagem às pedras do deserto
O ritmo da História
Reconstrução do Homem - no prelo
Sete noites de Joãozinho - no prelo
O cavaleiro de Miranda e José Bonifácio, inédito
Ecos de Portugal - inédito
Dono do Mundo - inédito
Trepandé - inédito
A inquietação espiritual na literatura brasileira - inédito
Roteiro e crônica de mil viagens - inédito
Críticas e prefácios - inédito
Estudos brasileiros - 2 volumes

Viagens pelo Brasil
O Oriente
Literatura e Política
A Anta e o Curupira

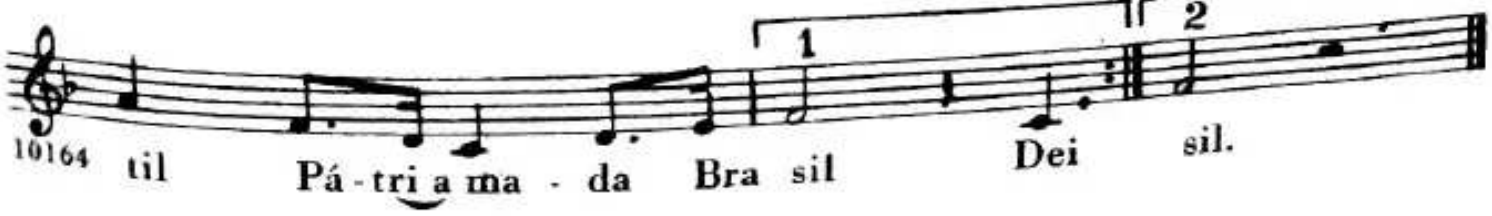
Discursos - 2.ª série -
dito
Discurso às estrelas
Contos e fantasias

HINO NACIONAL BRASILEIRO

Letra de
Osorio Duque Estrada

Música de
Francisco Manoel da Silva



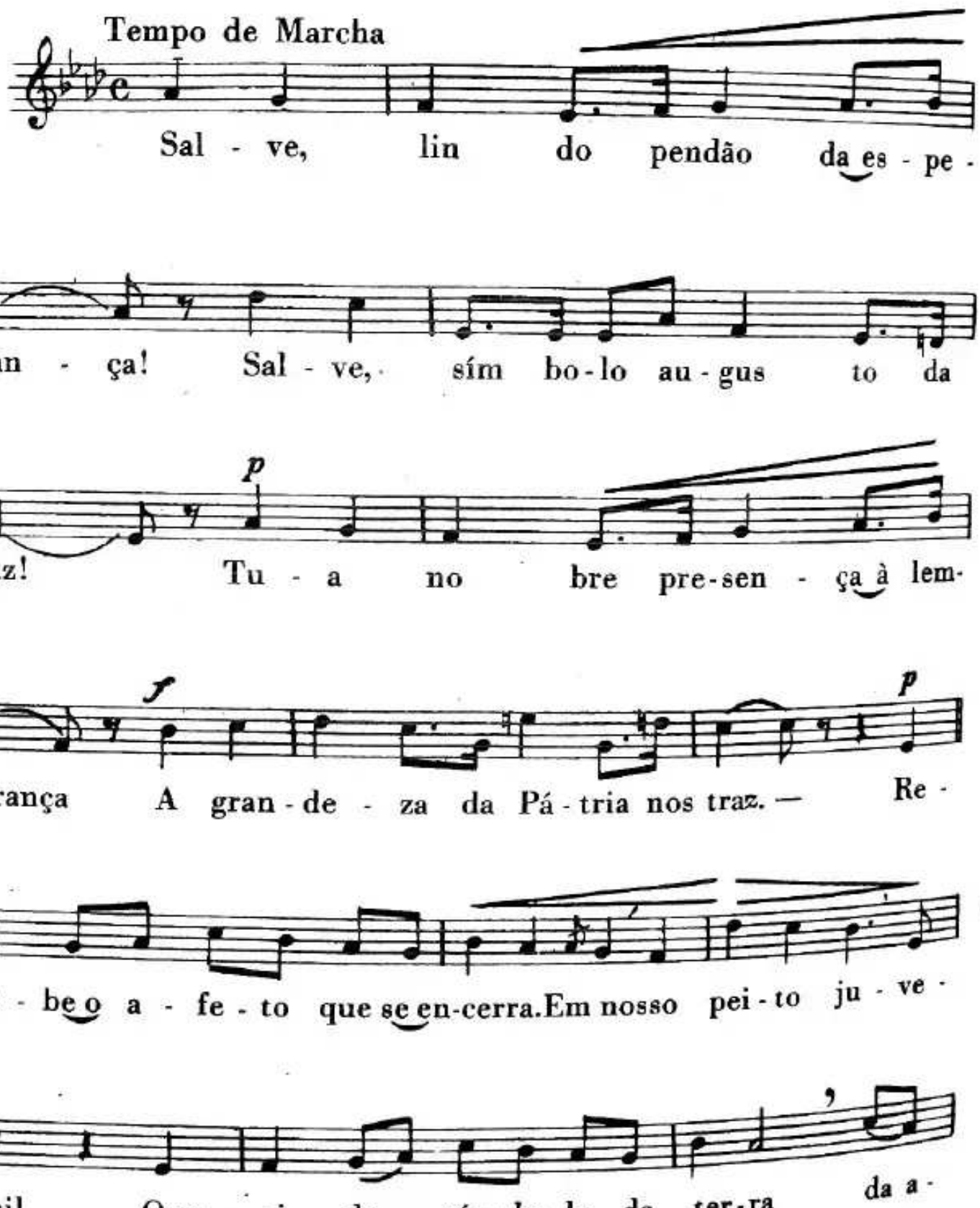
HINO NACIONAL BRASILEIRO

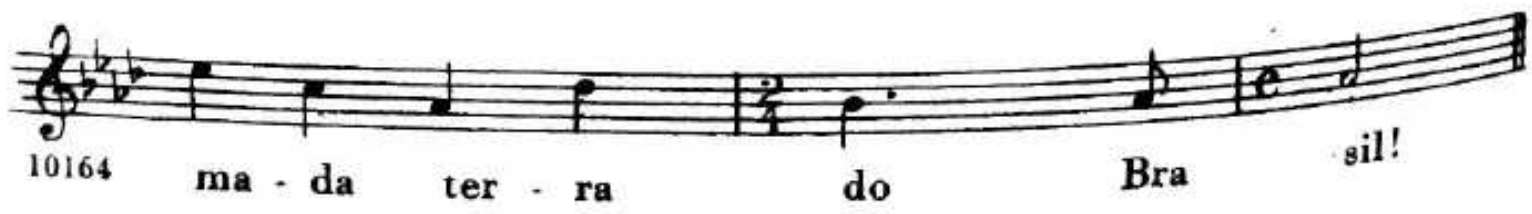


HINO À BANDEIRA NACIONAL

Poesia de
Olavo Bilac

Música de
Francisco Braga





HINO À BANDEIRA NACIONAL

Poesia de
Olavo Bilac

Música de
Francisco Braga

Salve, lindo pendão da esperança!
Salve, símbolo augusto da paz!
Tua nobre presença à lembrança
A grandeza da Pátria nos traz.

Coro

Recebe o afeto que se encerra,
Em nosso peito juvenil.
Querido símbolo da terra
Da amada terra do Brasil!

Em teu seio formoso retratas
Este céu de puríssimo azul,
A verdura sem par destas matas,
E o esplendor do Cruzeiro do Sul...

Coro

Contemplando o teu vulto sagrado,
Compreendemos o nosso dever:
E o Brasil, por seus filhos amado,
Poderoso e feliz há de ser.

Coro

Sobre a imensa nação brasileira,
Nos momentos de festa ou de dor,

Paira sempre, sagrada bandeira,
Pavilhão da justiça e do amor!

HINO DA INDEPENDÊNCIA

Evaristo da Veiga ***D. Pedro I***

1.º

Já podeis da Pátria filhos
Ver contente a mãe gentil
Já raiou a liberdade } *bis*
No horizonte do Brasil. }

Brava gente Brasileira
Longe vá temor servíl
Ou ficar a Pátria livre } *bis*
Ou morrer pelo Brasil }

2.º

Mal soou na serra, ao longe,
Nosso grito varonil;
Nos imensos ombros, logo,
A cabeça ergue o Brasil.

3.º

Os grilhões que nos forjava
Da perfídia astuto ardil
Houve mão mais poderosa
Zombou deles o Brasil!

4.º

O Real Herdeiro Augusto
Conhecendo o engano vil,
Em despeito dos tiranos
Quis ficar no seu Brasil.

5.º

Revoavam tristes sombras
Da cruel guerra civil;
Mas fugiram apressadas
Vendo o anjo do Brasil.

6.º

Parabéns, ó Brasileiros
Já com garbo juvenil
Do Universo entre as nações
Resplandece a do Brasil.

CANÇÃO DO SOLDADO

Nós somos da Pátria a guarda,
Fiéis soldados
Por ela amados,
Nas cores de nossa farda,
Rebrilha a glória,
Fulge a vitória.
Em nosso valor se encerra,
Toda a esperança
Que um povo alcança;
No peito em que ela impera,
Rebrilha a glória,
Fulge a vitóra.

A paz queremos com fervor,
A guerra só nos causa dor,
Porém, se a Pátria amada
For um dia ultrajada,
Lutaremos com valor.

Como é sublime
Saber amar,
Com a alma adorar
A terra onde se nasce!
Amor febril

Pelo Brasil!
No coração
Não há quem passe.

HINO DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

Letra de *Medeiros e Albuquerque*

Música de *Leopoldo Miguez*

I.ª

Seja um pálio de luz desdobrado
Sob a larga amplidão destes céus
Este canto rebel que o passado
Vem remir dos mais torpes labéus
Seja um hino de glória que fale
De esperanças de um novo porvir!
Com visões de triunfos embale
Quem por ele lutando surgir!
Liberdade!
Liberdade!
Abre as asas sôbre nós.
Das lutas
Na tempestade
Dá que ouçamos tua voz.

II.ª

Nós nem cremos que escravos outrora
Tenha havido em tão nobre país
Hoje o rubro lampejo de aurora
Acha irmãos, não tiranos hostis
Somos todos iguais! ao futuro
Sabemos unidos levar

Nosso augusto estandarte que puro,
Brilha avante da Pátria no altar!
Liberdade! etc.

*III.*ª

Se é mister que de peitos valentes
Haja sangue no nosso pendão,
Sangue vivo do herói Tiradentes
Batizou este audaz pavilhão
Mensageiros de paz, paz queremos
É de amor nossa fôrça e poder
Mas da guerra nos transes supremos
Heis de ver-nos lutar e vencer!
Liberdade! etc.

*IV.*ª

Do Ipiranga é preciso que o brado
Seja um grito soberbo de fé!
O Brasil já surgiu libertado
Sobre as púrpuras régias de pé!
Eia, pois brasileiros, avante!
Verdes louros colhamos loucãos!
Seja o nosso país, triunfante,
Livre terra de livres irmãos!
Liberdade! etc.

CANÇÃO DO MARINHEIRO

Qual cisne branco que em noite de lua,
Vai deslizando num lago azul,
O meu navio também flutua
Nos verdes mares de Norte a Sul.

Linda galera que, em noite apagada,
Vai navegando no mar imenso,
Nos traz saudades da terra amada
Da Pátria minha em que tanto penso.

Estribilho

Qual linda garça que aí vai
Cortando os ares,
Vai navegando sob um belo céu de anil,
Nossa galera também vai cortando os mares,
Os verdes mares, os mares verdes do Brasil.

HINO DAS AMÉRICAS

Quando nuvens negras,
Como negro véu,
Surgem sobre as serras,
Empanando o céu,
Ouve-se uma prece
Dessa gente audaz,
Que não teme as guerras,
Mas deseja a paz.

Deus, salve a América,
Terra de amor,
Verdes mares, florestas,
Lindos campos abertos em flor;
Berço amigo
Da bonança,
Da esperança o altar,
Deus, salve a América,
Meu céu, meu lar.

MINHA TERRA!

Minha terra é Pindorama,
De palmares sempre em flor.
Quem os viu e não os ama,
Não tem alma nem amor.

Santa Cruz é minha terra,
Terra Santa cá do Sul,
Seu pendão a Cruz encerra.
Tem a Cruz no céu azul.

Brasil querido, Pátria sem par.
Quero aguerrido, por ti lutar,
És meu encanto, és minha fé.
Brasil te amo tanto, por ti morrer até.

PÁTRIA

Olavo Bilac

Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste!
Criança! Não verás nenhum país como este!
Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!
A Natureza aqui, perpetuamente em festa,
É um seio de mãe, a transbordar carinhos.
Vê que vida há no chão! Vê que vida há nos ninhos,
Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos!
Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!
Vê que grande extensão de matas, onde impera
Fecunda e luminosa, a eterna primavera!

Boa terra! Jamais negou a quem trabalha
O pão que mata a fome, o teto que agasalha...

Quem com seu suor a fecunda e umedece,
Vê pago o seu esforço e é feliz, e enriquece!
Criança! não verás país nenhum como este:
Imita na grandeza a terra em que nasceste!

CANÇÃO DO EXÍLIO

Gonçalves Dias

Minha terra tem palmeiras
onde canta o sabiá.
As aves que aqui gorjeiam
não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
nossas várzeas têm mais flores,
nossos bosques têm mais vida,
nossa vida mais amores.

Em cismar sozinho à noite,
mais prazer encontro eu lá;
minha terra tem palmeiras
onde canta o sabiá.

Não permita Deus que eu morra
sem que eu volte para lá,
sem que desfrute os primores
que não encontro por cá,
sem que ainda aviste as palmeiras

onde canta o sabiá.

ÍNDICE

Prólogo 5

1.ª Parte - Fundamentos Morais

Capítulo I — Alegria e Tristeza 9
" II — Deveres e Direitos 13
" III — As diversas Ordens de Deveres 17
" IV — A Família 22
" V — Preparação para o Casamento 25
" VI — Preparação para a Vida Religiosa 30
" VII — Preparação para a Vida Militar 34
" VIII — Preparação para a Vida Profissional .. 38
" IX — Convívio Social 42
" X — Nosso Mundo Interior 50

2.ª Parte - Interpretação da História

Capítulo XI — País, Pátria e Nação 57
" XII — Personalidade Nacional 61
" XIII — Formação da Nacionalidade Brasileira 65
" XIV — Evocações Históricas 71
" XV — Para conhecer o Brasil 78
" XVI — Heróis Nacionais 86

" XVI Heróis Nacionais 92
" XVII Nossas Origens Raciais.. 92
" XVIII Fundamentos Brasileiros da Democracia 99

3.ª Parte - Formação do Espírito Cívico

Capítulo XIX Regimes Políticos 107
" XX Exercício da Cidadania..... 112
" XXI A Bandeira Nacional..... 117
" XXII Hino Nacional..... 120
" XXIII Grandes Datas Nacionais..... 123
" XXIV Unidade na Diversidade..... 132
Código de Ética do Estudante 137
Hino Nacional e Música..... 140
Hino à Bandeira e Música..... 142
Hino da Independência..... 144
Canção do Soldado..... 145
Hino da Proclamação da República..... 146
Canção do Marinheiro..... 148
Hino das Américas.... 149
Minha Terra!..... 150
Pátria..... 151
Canção do Exílio 152